

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

**THIAGO BORNE FERREIRA**

**GUERRA IRREGULAR COMPLEXA:  
ASPECTOS CONCEITUAIS E O CASO DA BATALHA DE VUKOVAR**

**Porto Alegre  
2012**

**THIAGO BORNE FERREIRA**

**GUERRA IRREGULAR COMPLEXA:  
ASPECTOS CONCEITUAIS E O CASO DA BATALHA DE VUKOVAR**

Artigo final submetido ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Marco Cepik

**Porto Alegre  
2012**

**THIAGO BORNE FERREIRA**

**GUERRA IRREGULAR COMPLEXA:  
ASPECTOS CONCEITUAIS E O CASO DA BATALHA DE VUKOVAR**

Artigo final submetido ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Banca Composta em: Porto Alegre, 11 de abril de 2012.

---

Prof. Dr. Marco Cepik (Orientador)

---

Prof. Dr. Carlos Schmidt Arturi (Examinador)

---

Prof. Dr. Eduardo Svartman (Examinador)

---

Prof. Dr. Érico Esteves Duarte (Examinador)

*Para Betina, Isadora, e Ivo, por acreditarem.*

*Para Eduarda, por confiar.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao prof. Dr. Marco Cepik, amigo e orientador, cujo apoio tem sido fundamental para a concretização de minha jornada acadêmica. Este trabalho não teria sido possível sem o seu suporte.

Ao prof. Dr. Carlos Schmidt Arturi, ao prof. Dr. Eduardo Svartman, e ao prof. Dr. Érico Esteves Duarte, agradeço pela participação na banca examinadora e pela avaliação do trabalho. Aos demais professores, agradeço pelos conhecimentos passados ao longo dos anos, dentro e fora de sala de aula.

À amiga Ana Paula Ebeling, agradeço pelo devaneio.

Ao amigo Diego Rafael Canabarro, agradeço pela comunhão acadêmica.

Ao amigo Fabrício Schiavo Avila, agradeço pelo exemplo.

Ao amigo Gabriel Zuccarelli Mattos, agradeço pelo companheirismo.

Ao amigo José Augusto da Rosa Bifano Filho, agradeço pela memória.

Ao amigo Tiago Estivallet Nunes, agradeço pela cumplicidade.

À amiga Priscila Pimont Bernd, agradeço pelo carinho.

Aos amigos da patota, Alexandre Saraiva Buss, André Tura Markus, André Francesconi Pinto Ribeiro, Diego Rico França dos Santos, Rafael da Veiga Chaves Picon, e Rafael Mascolo, agradeço pela fraternidade.

Agradeço também pelo apoio inestimável dos colegas do Centro de Estudos sobre o Governo (CEGOV), do Núcleo de Estudos em Estratégia e Relações Internacionais (NERINT) e do Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE), em especial, aos amigos, Eduardo Urbanski Bueno, Fernando Dall'Onder Sebben e Igor Castellano dos Santos. Agradeço igualmente aos demais colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS.

Finalmente, agradeço à União Federal, que através da CAPES concedeu-me a bolsa de estudos que permitiu dedicação exclusiva à pesquisa.

## SUMÁRIO

LISTA DE ACRÔNIMOS E ABREVIACÕES .....	8
LISTA DE FIGURAS .....	11
LISTA DE MAPAS.....	11
LISTA DE QUADROS .....	11
APRESENTAÇÃO DAS TRÊS PARTES DO TRABALHO .....	12
PARTE I: CONTEXTUALIZAÇÃO DO ARTIGO .....	13
Guerra Irregular: Abertura Clausewitziana.....	14
A Evolução do Conceito: História e Doutrina Militar .....	23
Contra-Insurgência: Causas e Características .....	29
Tipologia .....	32
PARTE II: ARTIGO FINAL DO MESTRADO .....	35
A BATALHA DE VUKOVAR: ANTECIPANDO A GUERRA IRREGULAR DO SÉCULO XXI .....	36
1. Introdução .....	37
2. Análise Estratégica.....	39
3. Análise Operacional .....	54
A. Iugoslávia .....	54
B. Eslovênia.....	58
C. Croácia.....	60
D. Sérvia.....	63
E. Bósnia-Herzegovina.....	66
F. Kosovo .....	68
4. Análise Tática: A Batalha de Vukovar .....	68
5. Considerações Finais.....	72
6. Referências.....	77
7. Anexo .....	79

PARTE III: PERSPECTIVAS PARA A PESQUISA .....	81
REFERÊNCIAS DAS TRÊS PARTES DO TRABALHO .....	84

## LISTA DE ACRÔNIMOS E ABREVIACÕES

<b>ALN</b>	Ação Libertadora Nacional	<i>Ação Libertadora Nacional</i>
<b>ABiH</b>	Exército da República da Bósnia-Herzegovina	<i>Armija Republike Bosne i Hercegovine</i>
<b>CE</b>	Comunidade Européia	<i>European Community</i>
<b>CIA</b>	Agência Central de Inteligência	<i>Central Intelligence Agency</i>
<b>Creden</b>	Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional	<i>Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional</i>
<b>DAS</b>	Partido da Ação Democrática	<i>Stranka Demokratske Akcije</i>
<b>ESP</b>	Exército de Libertação Popular	<i>People's Liberation Army</i>
<b>FARC</b>	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia	<i>Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia</i>
<b>FARK</b>	Forças Armadas da República de Kosovo	<i>Forcat e Armatosura të Republikës së Kosovës</i>
<b>HDZ</b>	União Democrática Croata	<i>Hrvatska Demokratska Zajednica</i>
<b>HIC</b>	Conflito de Alta Intensidade	<i>High Intensity Conflict</i>
<b>HOS</b>	Força de Defesa Croata	<i>Hrvatske Obrambene Snage</i>
<b>HRM</b>	Marinha Croata	<i>Hrvatska Ratna Mornarica</i>
<b>HRZ i PZO</b>	Força Aérea Croata	<i>Hrvatsko Ratno Zrakoplovstvo i Protuzračna Obrana</i>
<b>HSP</b>	Partido Croata de Direitos	<i>Hrvatska Stranka Prava</i>
<b>HV</b>	Exército Croata	<i>Hrvatska Vojska</i>
<b>HVO</b>	Conselho de Defesa Croata	<i>Hrvatsko Vijeće Obrane</i>
<b>IRA</b>	Exército Republicano Irlandês	<i>Irish Republican Army</i>
<b>JNA</b>	Exército Popular da Iugoslávia	<i>Jugoslovenska Narodna Armija</i>
<b>JSO</b>	Unidade de Operações Especiais	<i>Jedinica za Specijalne Operacije</i>
<b>KoV</b>	Força Terrestre Iugoslava	<i>Kopnena Vojska</i>
<b>LDK</b>	Liga Democrática de Kosovo	<i>Lidhja Demokratike e Kosovës</i>
<b>LIC</b>	Conflito de Baixa Intensidade	<i>Low Intensity Conflict</i>
<b>MSNZ</b>	Estrutura de Manobra para Proteção Nacional	<i>Manevrska Struktura Narodne Zaštite</i>
<b>MUP</b>	Ministério do Interior Sérvio	<i>Ministarstvo Unutrasnjih Poslova</i>
<b>NDH</b>	Estado Independente da Croácia	<i>Nezavisna Država Hrvatska</i>
<b>OLP</b>	Organização para Libertação da Palestina	<i>Palestine Liberation Organization</i>
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas	<i>United Nations</i>
<b>OSCE</b>	Organização para a Segurança e Cooperação na Europa	<i>Organization for Security and Cooperation in Europe</i>
<b>OSRBiH</b>	Forças Armadas da República da Bósnia-Herzegovina	<i>Oruzane Snage Republike Bosne i Hercegovine</i>
<b>OTAN</b>	Organização do Tratado do Atlântico Norte	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>

<b>OZ</b>	Zona de Operação	<i>Operativna Zona</i>
<b>PJM</b>	<i>Polícia Paramilitar Especial</i>	<i>Posebne Jedinice Milicije</i>
<b>PJP</b>	Polícia Paramilitar Especial	<i>Posebne Jedinice Policije</i>
<b>PL</b>	Liga Patriótica	<i>Patriotska Liga</i>
<b>RM</b>	Marinha Iugoslava	<i>Ratna Mornarica</i>
<b>RMA</b>	Revolução em Assuntos Militares	<i>Revolution in Military Affairs</i>
<b>RSK</b>	República da Krajina Sérvia	<i>Republika Srpska Krajina</i>
<b>RV</b>	Força Aérea Iugoslava	<i>Jugoslovensko Ratno Vazduhoplovstvo</i>
<b>SAJ</b>	Unidade Especial Contraterrorismo	<i>Specijalna Antiteroristickajedinica</i>
<b>SAO</b>	Região Autônoma da Krajina Sérvia	<i>Srpska Autonomna Oblast</i>
<b>SAO Eslavônia Ocidental</b>	Região Autônoma da Eslavônia Ocidental	<i>SAO Zapadna Slavonija</i>
<b>SAO Eslavônia Oriental</b>	Região Autônoma da Eslavônia Oriental	<i>SAO Istočna Slavonija, Baranja i Zapadni Srem</i>
<b>SAS</b>	Serviço Aéreo Especial	<i>Special Air Service</i>
<b>SCP</b>	Movimento Chetnik Sérvio	<i>Srpski Četnički Pokret</i>
<b>SDB</b>	Departamento de Segurança do Estado Sérvio	<i>Uprava Državne Bezbednosti</i>
<b>SDG</b>	Guarda de Voluntários Sérvia (Tigres de Arkan)	<i>Srpska Dobrovoljačka Garda (Arkanovi Tigrovi)</i>
<b>SDS</b>	República Srpska	<i>Srpska Demokratska Stranka</i>
<b>SDS</b>	Partido Democrático Sérvio	<i>Srpska Demokratska Stranka</i>
<b>SG</b>	Guarda Sérvia	<i>Srpska Garda</i>
<b>SK-PJ</b>	Liga de Comunistas - Movimento pela Iugoslávia	<i>Savez Komunista Jugoslavije</i>
<b>SNO</b>	Partido de Renovação do Povo Sérvio	<i>Srpska Narodna Obnova</i>
<b>SPO</b>	Movimento de Renovação Sérvio	<i>Srpski Pokret Obnove</i>
<b>SRS</b>	Partido Radical Sérvio	<i>Srpska Radikalna Stranka</i>
<b>SVK</b>	Exército da Krajina Sérvia	<i>Srpska Vojska Krajine</i>
<b>TLTE</b>	Tigres de Libertação do Tamil Eelam	<i>Liberation Tigers of Tamil Eelam</i>
<b>TO</b>	Força de Defesa Territorial	<i>Teritorijalna Odbrana</i>
<b>TORBiH</b>	Força de Defesa Territorial da Bósnia-Herzegovina	<i>Teritorijalna Odbrana Republike Bosne i Hercegovine</i>
<b>TPII</b>	Tribunal Penal Internacional para a Antiga Iugoslávia	<i>International Criminal Tribunal for the Former Yugoslavia</i>
<b>UÇK</b>	Exército de Libertação de Kosovo	<i>Ushtria Çlirimtare e Kosovës</i>
<b>UNCRO</b>	Operação das Nações Unidas para Restabelecimento da Confiança	<i>United Nations Confidence Restoration Operation</i>
<b>UNIMBH</b>	Missão das Nações Unidas na Bósnia-Herzegovina	<i>United Nations Mission in Bosnia Herzegovina</i>
<b>UNMIK</b>	Missão das Nações Unidas no Kosovo	<i>United Nations Mission in Kosovo</i>

<b>UNMOP</b>	Missão de Observadores das Nações Unidas em Prevlaka	<i>United Nations Mission of Observers in Prevlaka</i>
<b>UNPA</b>	Áreas Protegidas pelas Nações Unidas	<i>United Nations Protected Areas</i>
<b>UNPF</b>	Força de Paz das Nações Unidas	<i>United Nations Peace Force</i>
<b>UNPREDEP</b>	Força de Disposição Preventiva das Nações Unidas	<i>United Nations Preventive Deployment Force</i>
<b>UNPROFOR</b>	Força de Proteção das Nações Unidas	<i>United Nations Protection Force</i>
<b>UNPSG</b>	Grupo de Apoio de Polícia Civil das Nações Unidas	<i>United Nations Civilian Police Support Group</i>
<b>UNTAES</b>	Administração Transicional das Nações Unidas para a Eslovênia Ocidental, Baranja e Sirmium Ocidental	<i>United Nations Transitional Administration for Eastern Slavonia, Baranja and West Sirmium</i>
<b>VJ</b>	Exército da Iugoslávia	<i>Vojska Jugoslavije</i>
<b>VRS</b>	Exército da República Srpske	<i>Vojska Republike Srpske</i>
<b>ZNG</b>	Guarda Nacional Croata	<i>Zbor Narodne Garde</i>

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. Estranha Trindade Subjetiva .....	22
Figura 2. Estranha Trindade Objetiva.....	22

**LISTA DE MAPAS**

Mapa 1. República Socialista Federativa da Iugoslávia (1946-1989) .....	42
Mapa 2. Cidade de Vukovar (2012) .....	69

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1. Unidades Militares da Guerra da Iugoslávia .....	80
--	----

## APRESENTAÇÃO DAS TRÊS PARTES DO TRABALHO

O presente trabalho está dividido em três partes.<sup>1</sup> A primeira parte, a introdução, é uma revisão da literatura referente à guerra irregular complexa. A revisão tem como objetivos: sintetizar o estado da arte da pesquisa acadêmica em torno da guerra irregular complexa; analisar de forma qualitativa a obra de alguns dos principais autores que se dedicaram ao problema; e, finalmente, relacionar o tema aos campos da Ciência Política, Relações Internacionais e Estudos Estratégicos, a fim de fornecer ao leitor o arcabouço teórico necessário para a compreensão do artigo apresentando na segunda parte do trabalho.

A segunda parte constitui-se, portanto, no artigo denominado *A Batalha de Vukovar: Antecipando a Guerra Irregular do Século XXI*. O artigo tem por objetivo refutar o mito corrente de que a guerra irregular complexa seja um fenômeno que emergiu somente após o início das operações norte-americanas no Afeganistão e no Iraque. Através da análise estratégica, operacional e tática da Guerra da Iugoslávia, em especial da Batalha de Vukovar, chega-se a conclusão de que não apenas o emprego de unidades paramilitares foi recorrente no conflito, mas que este também apresentou todas as outras características que definem o ambiente operacional da guerra irregular complexa.

Finalmente, a terceira parte conclui o trabalho, retomando os principais pontos abordados ao longo do texto. Além disso, apresenta as perspectivas existentes para o estudo do fenômeno. Nesse sentido, aponta possíveis passos para o avanço da pesquisa sobre o tema e tenta delinear uma agenda prospectiva para a pesquisa brasileira sobre guerra irregular complexa.

---

<sup>1</sup> Segundo os termos do Artigo 3º, Parágrafo Único, da Resolução nº 93-2007 da Câmara de Pós-Graduação da UFRGS. Por isso, vale ressaltar que as duas primeiras partes do trabalho podem ser lidas de maneira autônoma. Uma vez que se pretende publicar o artigo, este deve sustentar-se por si só.

**PARTE I**  
**CONTEXTUALIZAÇÃO DO ARTIGO**

### **Guerra Irregular: Abertura Clausewitziana**

Ao longo de toda a história, a humanidade alimentou a esperança de que o avanço cultural eliminaria progressivamente a violência das relações entre as pessoas e entre os Estados. Até hoje, contudo, esse desejo não se concretizou. A proibição contra o uso e a ameaça do uso da força contida nos estatutos da Organização das Nações Unidas (ONU) não conseguiu eliminar o seu emprego das relações internacionais. Mais recentemente, tem-se observado, inclusive, que o tipo de ameaça, ou o seu emprego efetivo, experimenta uma significativa mudança em relação a sua forma. Os anos seguintes à Segunda Guerra Mundial foram marcados pela ocorrência de um grande número de conflitos armados. Mas a proibição do uso da força na legislação internacional moderna, de um lado, e a ameaça de guerra nuclear, de outro, levaram os povos a adotar um tipo de guerra que ocorre fora do âmbito da lei internacional e que, como regra, exclui o emprego de armas nucleares: a guerra irregular.

Isso não significa, contudo, que a guerra irregular seja um fenômeno novo. Na verdade, o estabelecimento de um precedente histórico a partir do qual seja possível iniciar seu estudo é uma tarefa bastante difícil, sobretudo porque a prática guerreira dentro da coletividade humana antecede o período de formação das primeiras forças armadas combinadas permanentes (KEELEY, 1997).<sup>2</sup> Essas tiveram origem somente em meados do século XVII, a partir do final da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e da assinatura dos Tratados de Westfália. Até aquele momento, o emprego de forças mercenárias era uma prática comum em toda a Europa (BORNE, 2008).

Ao mesmo tempo em que a guerra irregular se tornava um tipo de conflito cada vez mais recorrente, acumulou-se uma vasta literatura sobre sua natureza e sobre os seus princípios de condução. Práticos e teóricos do fato bélico moderno, como Mao Zedong, Thomas Edward Lawrence, Ernesto Guevara, e Helmuth Rentsch, estudaram o problema da guerra irregular e investigaram um fenômeno notável: o de que bandos

---

<sup>2</sup> KEELEY (1997) questiona o mito rousseauiano do bom selvagem ao provar, a partir do exame minucioso de evidências arqueológicas, que a guerra é um fenômeno que acompanha o homem desde a pré-história. Mais do que isso, segundo o autor, a guerra pré-histórica era muito semelhante aos conflitos modernos, tanto no que tange ao emprego de violência, quanto em relação às práticas guerreiras comuns na atualidade, como saques e pilhagens, por exemplo. GAT (2006) também questiona a idéia de que as guerras seriam uma manifestação cultural antinatural ao estudar a prática guerreira entre os aborígenes australianos.

mal-armados e mal-vestidos, comandados por soldados amadores, eram com grande frequência bem-sucedidos contra forças superiores<sup>3</sup> comandadas por profissionais. Surpreendentemente, contudo, a maioria dos teóricos que trata da guerra irregular falha em definir nitidamente o objeto de seu estudo. “Todo mundo acha que sabe o que é uma guerra irregular; traçar, contudo, uma linha nítida entre guerra irregular e levante revolucionário, de um lado, e guerra convencional, de outro, é evidentemente difícil” (HEYDTE, 1990, p. 37).

Apesar disso, a guerra irregular é normalmente concebida como “o conflito armado, no qual as partes não constituem grandes unidades, mas pequenos e muito pequenos grupos de ação, e cujo desfecho não é decidido em poucas e grandes batalhas; ao contrário, a decisão é buscada e afinal concretizada através de um número muito grande de pequenas operações individuais, roubos, atos de terrorismo e sabotagem, bombardeios e incursões” (HEYDTE, 1990, p. 37). É, portanto, a guerra das sombras, ou “em termos práticos, a guerra irregular é todo o conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal e, sobretudo, de legitimidade jurídica institucional. Ou seja, é a guerra travada por uma força não regular” (VISACRO, 2009, p. 13).

Isto não significa, logicamente, que a guerra irregular seja um substituto da guerra, nem uma guerra de procuração, nem ainda uma operação que se aproxima da guerra, uma situação que só não é guerra ou qualquer outra expressão que possa ser usada para privilegiar a chamada guerra de grande escala, na qual grandes unidades militares e meios de destruição manuseados por soldados uniformizados desempenham o papel decisivo.<sup>4</sup> A guerra irregular é, de qualquer maneira, guerra, e, por isso, real.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Nesse sentido, ARREGUÍN-TOFT (2005) aponta para um crescimento significativo no número de conflitos vencidos por atores mais fracos no período que se estende de 1800 a 2003.

<sup>4</sup> Curiosamente, o período inicial da Segunda Guerra Mundial, entre 3 de setembro de 1939 e 10 de maio de 1940, é muitas vezes chamado de guerra de mentira, *drôle de guerre*, *phoney war* ou ainda *sitzkrieg*. Isso devido à ausência de combates armados no período que vai das declarações de guerra britânica e francesa à Alemanha até a invasão da Bélgica, Países Baixos, Luxemburgo e da própria França por forças do Eixo.

<sup>5</sup> Antes de conhecer a natureza intrinsecamente perigosa da guerra, tem-se, geralmente, uma idéia mais atraente do que repulsiva sobre ela. “Investir sobre o inimigo em passo de carga, embriagado de entusiasmo – quem se preocupa então com as balas que assobiam e com os homens que tombam” (CLAUSEWITZ, 2003, p. 74)? Para Clausewitz, não conhecemos o verdadeiro horror da guerra até o

Além disso, mesmo na guerra irregular os objetivos militares estão sujeitos a objetivos políticos claros e exequíveis.<sup>6</sup> Foi a “dificuldade em se estabelecer conceitos didáticos que se encaixem integralmente em momentos históricos muito distintos” (VISACRO, 2009, p. 221) que motivou o surgimento, ao longo do tempo, de uma série de termos e definições de uso comum, como pequena guerra, guerra não convencional, conflito de baixa intensidade<sup>7</sup>, guerra assimétrica<sup>8</sup>, e guerra *proxy*<sup>9</sup>, para citar apenas alguns exemplos.<sup>10</sup> Essa diversidade terminológica, antes de auxiliar o estudo da guerra

---

momento em que tomamos parte dela. A guerra “real” só pode ser conhecida através da experiência única e pessoal que cada indivíduo tem em campo de batalha e, portanto, difere da guerra “de papel”.

<sup>6</sup> Ainda assim, a história contemporânea está repleta de casos em que grupos irregulares caíram no erro de permitir que a gramática da guerra monopolizasse a finalidade de suas ações, fazendo com que a violência comprometesse metas políticas mais elevadas. São exemplos a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e o Exército Republicano Irlandês (IRA). Mesmo Carlos Marighella, no contexto da oposição armada ao regime militar brasileiro das décadas de 1960 e 1970, foi acusado de lançar sua Ação Libertadora Nacional (ALN) em uma guerra desprovida de objetivos políticos plausíveis.

<sup>7</sup> O termo conflito de baixa intensidade (*low-intensity conflict*, LIC) foi historicamente utilizado pelo governo dos Estados Unidos a fim de diferenciar esse tipo de guerra do chamado conflito de alta intensidade (*high-intensity conflict*, HIC). Por trás desta diferenciação está a idéia de que conflitos de baixa intensidade geralmente registram um número de baixas menor do que conflitos de alta intensidade. Ainda que isso seja verdadeiro, o termo é enganoso, uma vez que o número de baixas não reflete, necessariamente, a capacidade de destruição de uma guerra. Para uma apreciação mais detalhada dos conceitos, ver SNOW (1997).

<sup>8</sup> Nenhuma guerra é simétrica. Há sempre diferenças entre os oponentes em campo de batalha. Muitas vezes essas diferenças são insignificantes e pouco influenciam os resultados finais do conflito. Outras vezes, contudo, elas são importantes, pois permitem que um dos lados adquira vantagens em relação ao outro. BARNETT (2008), por exemplo, sugere que assimetrias de caráter operacional, organizacional, legal, e moral definem os resultados de um confronto. ARREGUÍN-TOFT (2005), por outro lado, aponta para a capacidade de estimar e empregar recursos materiais como fator determinante para a vitória.

<sup>9</sup> A guerra *proxy*, ou guerra por procuração, é um conflito armado no qual dois países utilizam-se de terceiros – os *proxies* – a fim de evitar um confronto direto. Este tipo de conflito foi comum no contexto da Guerra Fria em virtude da ameaça de hecatombe caso as duas potências da época, os Estados Unidos e a União Soviética, decidissem se enfrentar com armas nucleares. Detalhes sobre a operacionalização de guerras *proxy* durante a Guerra Fria podem ser vistos no estudo do caso congolês de CASTELLANO (2001).

<sup>10</sup> Recentemente, GRICE (2012) apontou para a existência de no mínimo cinquenta e oito termos conceitualmente similares ao de guerra irregular.

irregular, dificultou a tarefa de analisar um fenômeno cuja essência manteve-se inalterada ao longo do tempo.<sup>11</sup>

Portanto, para retomarmos uma análise teórica e conceitual mais rigorosa sobre o fenômeno das guerras irregulares e sua complexidade, é preciso reconhecer e partir dos trabalhos de Carl von Clausewitz sobre a guerra. Antes, contudo, trataremos de ver como parcela da literatura recente vem interpretando o trabalho do prussiano.

Para os críticos de Clausewitz, a natureza mutável do fenômeno tornaria os conceitos e idéias clausewitzianos obsoletos e sua filosofia da guerra uma perigosa e antiquada ideologia, anacrônica e baseada fundamentalmente no modelo westfaliano de Estado-Nação. Autores como CREVELD (1991), METZ (1994), LUTTWAK, (1995) e KALDOR (1999), por exemplo, foram expoentes ao afirmar a proeminência da guerra irregular no século XXI, recusando a necessidade e a desejabilidade de uma abordagem clausewitziana do fenômeno. Para tais autores, as relações internacionais passariam por um momento de transição onde a importância do Estado seria questionada pelo surgimento de novos atores no sistema internacional. Na metade dos anos 1990, por exemplo, afirmava-se que boa parte da totalidade de Estados existente estava perdendo o controle sobre parcelas expressivas de seus territórios para entidades como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC)<sup>12</sup> e os Tigres de Libertação do Tamil Eelam (TLTE)<sup>13</sup>. As “novas guerras” (KALDOR, 1999) seriam caracterizadas pelo forte engajamento de atores sub-Estatais e definiriam o ambiente estratégico do pós-Guerra Fria. No entanto, demonstrar-se-á a seguir que o cerne da Teoria da Guerra de Clausewitz permanece válido para a compreensão do fenômeno do conflito irregular nos dias de hoje.

Muitas das críticas à Clausewitz podem ser atribuídas à ignorância intelectual; sabe-se que o autor é geralmente mais citado do que lido (DAASE, 2007). Além disso,

---

<sup>11</sup> Para os fins deste trabalho, optou-se pelo emprego do termo “guerra irregular” como nomenclatura geral para todo o tipo de conflito envolvendo forças regulares e irregulares. Mais a diante, discutir-se-á cada um de seus tipos específicos.

<sup>12</sup> As FARC são uma organização de esquerda, autoproclamada guerrilha revolucionária marxista-leninista, que luta pela implementação do socialismo na Colômbia desde a década de 1960. CONNABLE e LIBICKI (2010) estudaram a história das FARC em profundidade.

<sup>13</sup> Os TLTE são uma organização política armada que pretende, através de uma violenta campanha secessionista, a autodeterminação do povo tâmil mediante a criação, no nordeste da ilha do Sri Lanka, de um Estado independente. Mais sobre o TLTE pode ser visto também em CONNABLE e LIBICKI (2010).

sabe-se também que Clausewitz foi associado à determinada imagem da guerra que se consolidou através de interpretações equivocadas de seus textos, destarte o número de tentativas de corrigir tais erros (HOWARD, 1983; GAT, 1989; PARET, 1992). Mesmo autores que defenderam Clausewitz mais recentemente, como GANTZEL (2001) e KINROSS (2004), fizeram-no mais através de ataques aos seus críticos do que através da demonstração do poder analítico e explicativo da teoria da guerra de Clausewitz em si mesmo. Mais importante do que meramente defender Clausewitz é demonstrar que as novas formas de guerra reafirmam a importância de sua Teoria da Guerra, e que suas idéias sobre pequena guerra (*Kleinkrieg*) permitem uma abordagem mais sofisticada da violência política atual do que aquela oferecida por seus críticos. Fazê-lo, contudo, demanda ir além do *Da Guerra* e estudar manuscritos mais obscuros, muitos dos quais jamais foram traduzidos do alemão.<sup>14</sup>

Não se pode determinar ao certo quando Clausewitz começou a estudar a guerra irregular. O fato é que entre 1810 e 1811 ele ministrou, influenciado pela obra de seu mentor, Gerhard von Scharnhorst, e pelos trabalhos de autores como Andreas Emmerich e Johan von Ewald, uma série de palestras na Academia de Guerra Prussiana sobre os fatores táticos do emprego de unidades regulares na condução de pequenas guerras.<sup>15</sup> No ano seguinte, os aspectos subjetivos do tema foram tratados em sua *Declaração de Princípios (Bekanntnisdenschrift)*. Em ambos os trabalhos, Clausewitz tem em mente a situação de subordinação vivida pela Prússia durante as Guerras Napoleônicas (1806-1815). Àquela época, a Prússia encontrava-se bastante enfraquecida em relação à França de Napoleão. O Reino acabara de perder grande parte de seu território como consequência da Batalha de Jena-Auerstadt (1806), e as terras restantes estavam ocupadas por tropas francesas. O Rei Frederico Guilherme III fora exilado e obrigado a aderir ao Bloqueio Continental. Frente a este cenário, qualquer possibilidade de o Estado prussiano travar uma guerra convencional contra a França era bastante limitada. Para boa parte do estamento militar e do governo, a única alternativa viável para a

---

<sup>14</sup> Alguns dos trabalhos de Clausewitz mencionados a seguir não possuem traduções para o português. Ainda que traduções para o inglês existam, são de difícil acesso. Dessa forma, as referências ao *Bekanntnisdenschrift* foram feitas, sobretudo a partir das análises de ECHEVARRIA II (2007), HAHLEWEG (1986) e KINROSS (2004).

<sup>15</sup> Para PARET (1985) as palestras não podem ser relacionadas ao pensamento clausewitziano sobre guerra irregular justamente por focarem-se no emprego de unidades regulares (*Partheygänger*).

libertação da Prússia do jugo de Napoleão naquele momento seria a ocorrência de um levante popular (HAHLWEG, 1986).

Tomadas em conjunto, as palestras e a *Declaração* forneceram a base para a análise que Clausewitz faria sobre a guerra irregular em sua obra máxima. Em *Da Guerra*, o Capítulo XXVI, *O Armamento do Povo (Volksbewaffnung)*<sup>16</sup>, do Livro VI, *A Defesa (Verteidigung)*, é inteiramente dedicado à guerra irregular. Nesse capítulo, Clausewitz trabalha com aspectos teóricos e práticos daquilo que denomina guerra do povo, considerando suas vantagens e desvantagens, ao mesmo tempo em que a incorpora em sua Teoria da Guerra.

A guerra do povo é, na Europa civilizada, um fenômeno surgido no século XIX. Ela tem os seus defensores e os seus adversários; estes últimos consideram-na, de um ponto de vista político, como um meio revolucionário, um estado de anarquia legalizada, tão perigoso para a ordem social no interior como para o inimigo, ou consideram, do ponto de vista militar, que os seus êxitos não são proporcionais ao dispêndio de força. O primeiro ponto não nos diz aqui respeito, pois encaramos uma guerra popular como um simples meio de combate, e por conseguinte em relação com o inimigo; mas a respeito do segundo ponto deve-se notar que uma guerra do povo deve em geral ser considerada como uma consequência da maneira como o elemento guerreiro quebrou nos nossos dias as suas velhas barreiras artificiais – por conseguinte como uma extensão e um reforço de toda essa fermentação a que chamamos guerra (CLAUSEWITZ, 2003, p. 669).

A análise clausewitziana da guerra irregular segue a lógica geral que permeia todo o *Da Guerra*, a saber, o estudo da guerra como fenômeno tridimensional ou trinitário. Para tanto, Clausewitz desenvolveu um esquema analítico que ficou conhecido como a Estranha Trindade.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Uma tradução mais adequada para o capítulo seria *O Povo em Armas*.

<sup>17</sup> Estranha, Maravilhosa ou Complexa. As traduções variam.

Ao construir a Trindade, Clausewitz procurou demonstrar que a guerra é formada por três elementos, ou tendências, dominantes. A guerra, segundo ele, se vincularia “de tal maneira à vida das sociedades [...] e tão essencialmente ao seu propósito político que aqueles três componentes não poderiam ser separados na análise do fenômeno bélico” (PROENÇA JR; DINIZ; & RAZA, 1999, p. 80). Para Clausewitz, a guerra, então,

Não é apenas um verdadeiro camaleão, que modifica um pouco a sua natureza em cada caso concreto, mas é também, como fenômeno de conjunto e relativamente às tendências que nela predominam, uma surpreendente trindade em que se encontra, antes de mais nada, a [a] violência original do seu elemento, o ódio e a animosidade, que é preciso considerar como um cego impulso natural, depois, o [b] jogo das probabilidades e do acaso, que fazem dela uma livre atividade da alma, e, finalmente, a sua natureza subordinada de [c] instrumento da política por via da qual ela pertence à razão pura (CLAUSEWITZ, 2003, p. 30).

A passagem é reveladora. Ao afirmar que a guerra é mais do que um camaleão, um animal capaz de mudar de cor para camuflar-se de acordo com o ambiente em que se encontra, mas que mantém suas demais características inalteradas, Clausewitz está dizendo que a guerra é um fenômeno que, dependendo do contexto em que ocorre, assume formas radicalmente diferentes.

O trecho também revela as três categorias de forças subjetivas (Figura 1) que segundo o autor dominam a guerra: (a) forças irracionais (emoções violentas); (b) forças não-rationais (aquelas que não são produto do pensamento ou intenção humana) e (c) forças racionais (que subordinam a guerra à razão) (VILLACRES & BASSFORD, 1995). Em seguida, Clausewitz conecta cada uma das forças a um de três atores objetivos (Figura 2): o (a) povo, o (b) exército e o (c) governo.

O primeiro desses aspectos interessa particularmente ao [a] povo, o segundo, [particularmente] ao comandante e ao seu [b] exército, e o terceiro importa sobretudo ao [c] governo. As paixões chamadas na guerra de preexistir nos povos em questão; a amplitude que assumirá o jogo da coragem e do talento no

domínio do acaso e das suas vicissitudes dependerá do caráter do comandante e do Exército; quanto aos objetivos políticos, só o governo decide por eles (CLAUSEWITZ, 2003, p. 30).

O povo conecta-se *particularmente* às forças irracionais, à violência primordial. O exército – as forças armadas e seus comandantes – conecta-se *particularmente* a forças não-rationais como a fricção, o acaso e a probabilidade, assim como ao gênio criativo do chefe militar. Finalmente, o governo conecta-se *particularmente* à racionalidade, ao cálculo político. O emprego da palavra *particularmente* não é destituído de significado. Todas as forças subjetivas que compõem a Trindade afetam todos os atores objetivos em algum sentido. Não há linearidade em sua relação, mas interdependência. Os comandantes militares e seus homens são também parte do povo. O povo tem, em sociedades democráticas, algum poder de decisão política. Os eventos do campo de batalha afetam e são afetados por essas decisões.

Essas três tendências, que aparecem como outras tantas normas legislativas, estão profundamente enraizadas na natureza do objetivo, ao mesmo tempo que variam de grandeza. A teoria que pretendesse pôr de parte alguma delas, ou que estabelecesse entre elas uma relação arbitrária, incorreria imediatamente em uma tal contradição com a realidade que só por essa razão seria preciso considerá-la como nula.

O problema consiste, portanto, em manter a teoria no meio dessas três tendências, como que em suspensão entre três centros de atração (CLAUSEWITZ, 2003, p. 30).

Na passagem, Clausewitz chama a atenção para o fato de que um objeto, quando posto entre três centros de atração, comporta-se de maneira não linear. Em outras palavras, nunca estabelece um padrão de repetições. O comportamento do objeto nunca é determinado por uma única força, mas pela interação entre elas, eterna e inevitavelmente mutável. Dessa forma, a guerra para Clausewitz é um fenômeno multidimensional, dinâmico, imprevisível. Não é a guerra abstrata, absoluta, ou a guerra em teoria, mas a guerra real, da maneira como ocorre. Além disso, para Clausewitz, a guerra serve a um propósito específico: é um meio para se atingir algum objetivo. Por isso, submete-se à razão. No caso de guerras travadas entre Estados, serve ao racional da política, mas não necessariamente será esse o racional em todas as guerras.

**Figura 1. Estranha Trindade Subjetiva****Figura 2. Estranha Trindade Objetiva**

Ao longo dos anos, *Da Guerra* adquiriu fama de inextricável, gerando um sem número de interpretações sobre seu texto. Algumas vezes, a ilustração que Clausewitz utilizou para demonstrar onde cada uma das tendências da guerra atua acabou sendo confundida como a abstração analítica *per se*. Interpretar a guerra a partir das forças que a influenciam – emoção, acaso e racionalidade – é diferente de discutir os atores nos quais elas se manifestam – povo, exército e governo – e que serviram de ilustração para o

autor. A Trindade é a base para a análise prática dos fatores sociais, militares e políticos que permeiam guerras particulares, não a descrição das estruturas sociais que a apóiam, essas sim, mutáveis ao passar do tempo (VILLACRES & BASSFORD, 1995).

O próprio Clausewitz apontou para o risco de se tomar as coisas de outra maneira, uma vez que cada tendência contém a sua própria estruturação, sua própria complexidade interna, e se relaciona com as demais de maneira variável. Tentativas de fixar arbitrariamente a maneira como estas relações entre forças se estabelecem através do construto povo-exército-governo produzirá análises conflitantes com a realidade. Mesmo se aceita a idéia de que o Estado está se tornando um ator irrelevante para a prática moderna da guerra, a interpretação correta da Trindade apontará para o fato de que qualquer conflito organizado o bastante para receber o nome de guerra será encabeçado por um ator análogo ao governo, não necessariamente o Estado-Nação westfaliano, mas algum tipo de liderança, responsável por estabelecer, perseguir e sustentar os objetivos políticos da contenda. O mesmo vale para as demais forças da Trindade. A partir desse raciocínio, mesmo a mais irregular das guerras pode ser analisada de acordo com os princípios gerais da Teoria da Guerra de Clausewitz.

### **A Evolução do Conceito: História e Doutrina Militar**

A guerra irregular, sob suas várias formas e nomes, é provavelmente a mais antiga forma de guerra conhecida. Existiu ao longo de toda a Antiguidade como “uma forma primitiva de condução da guerra” (HEYDTE, 1990, p. 129). De fato, a História está repleta de exemplos que ilustram bem o conceito.

Ainda que empiricamente a guerra irregular remeta a cerca de 500 a.C. e a época da expansão do Império Persa, seu registro escrito data de cerca do ano 100 a.C. e remete ao trabalho do pensador e estrategista chinês Sun Tzu, o qual, por seu turno, baseou boa parte de sua obra na antiga experiência militar chinesa. Em *A Arte da Guerra*, Sun Tzu colocou a necessidade de se evitar ao máximo o contato com o inimigo, afirmando ser preferível subjugar-lo sem travar combate, exceto em situações onde se possui alguma vantagem gritante. Além disso, ressaltou a importância da informação como elemento-chave de qualquer estratégia de guerra.

Os hábeis generais sabiam primeiramente o que deviam temer ou esperar, e avançavam ou recuavam, lutavam ou se entrincheiravam, segundo o conhecimento que tinham, tanto a

respeito das próprias tropas quanto das do inimigo. Acreditando-se superiores, não hesitavam em tomar a iniciativa. Acreditando-se inferiores, batiam em retirada e ficavam na defensiva (SUN TZU, 2007, pp. 42-43).

No cerne de seu argumento estavam a manobrabilidade e a flexibilidade dos homens e a ênfase em táticas do tipo dividir para conquistar, aspectos importantes para a condução da guerra irregular. Vale ressaltar, contudo, que em momento algum o autor se refere à guerra irregular por esse ou por outro termo de equivalência semântica. Sun Tzu preocupou-se antes em registrar experiências do que em escrever leis de caráter kantiano-científico que pudessem ser aplicadas a qualquer guerra (SNOW, 1997).

No ano 9 d.C., Armínio, chefe germano da tribo dos Queruscos, foi capaz de dizimar por completo três legiões romanas na célebre Batalha de Teutoburgo. Conta a lenda que na noite anterior à batalha Armínio jantou com o general romano, Públio Quintino Varo, então governador da Germânia, avisando-lhe que uma revolta germânica ocorreria. Armínio indicou-lhe um atalho na Floresta de Teutoburgo, uma área com bosques impenetráveis, cheios de colinas e barrancos, como local ideal para combater a revolta. Um terreno, portanto, que obrigava a já heterogênea coluna romana a estirar e desordenar ainda mais as suas fileiras. Ignorando os conselhos de generais mais experientes, os quais suspeitavam de uma traição de Armínio, Varo seguiu pela floresta indicada, onde os vinte mil romanos sofreram uma emboscada e foram terrivelmente massacrados (THORNTON, 2007, p. 03).

Em 73 d.C., o gladiador de origem trácia Espártaco comandou uma das mais importantes insurreições contra a Roma antiga. Liderando um exército de quase cem mil escravos rebelados, Espártaco derrotou sete expedições militares destinadas a sufocar a revolta que perdurou por anos. Para vencê-lo, Crasso e Pompeu tiveram de mobilizar um contingente de dezenas de milhares de homens. Ao término da guerra, seis mil revoltosos que sobreviveram às batalhas foram crucificados. Espártaco, no entanto, tornou-se um símbolo de resistência armada.

Esses poucos exemplos servem para demonstrar como a guerra irregular tem se feito presente no curso da História. Porém, “desde o advento da instituição militar grega no Ocidente, as guerras regulares passaram a monopolizar as mentes de soldados e estadistas” (VISACRO, 2009, p. 14). Até hoje as falanges, que marchavam em formação cerrada para combates campais diretos e decisivos, estão no imaginário

popular. Isso porque, por muito tempo, de 650 a.C. a 350 a.C., nenhum exército estrangeiro foi capaz de batê-las. A essência do conflito grego permaneceu enraizada no modo como o Ocidente tem feito a guerra através dos tempos, passando pelas Cruzadas e pela Primeira Guerra Mundial até chegar aos dias de hoje (McNEILLY, 2003).

Mesmo assim, a guerra irregular nunca deixou de existir. Até muito recentemente, contudo, ela fora conduzida de forma absolutamente empírica, “sem metodologia, sem sistematização, sem princípios ou doutrina” (VISACRO, 2009, p. 17). Para muitos, tornara-se sinônimo de luta dos fracos, o último recurso com o qual minorias desesperadas puderam contar para tentar resistir à opressão e por vezes à ameaça de extermínio físico. Mais uma vez, exemplos abundam na História: a resistência dos portugueses frente às invasões holandesas, a luta dos negros quilombolas de Palmares e a resistência de Canudos, no Brasil (SAURIN, 1992); a rebelião de Tupac Amaru II no Vice-Reino do Peru; a Campanha Apache de Cochise e Gerônimo nos Estados Unidos.

Foi somente a partir do século XX que a guerra irregular começou a receber maior atenção e, doravante, sistematização doutrinária. Um dos expoentes dessa nova abordagem foi Thomas Edward Lawrence, também conhecido como Lawrence da Arábia, que a partir de sua experiência como oficial britânico durante a Revolta Árabe (1916-1918) escreveu a autobiografia *Os Sete Pilares da Sabedoria* (1935). No livro, Lawrence não só descreveu suas memórias do conflito, mas também desenvolveu um modelo de guerra irregular baseado na mobilidade e na propaganda que influenciaria o pensamento e a prática militar desde então (SHY & COLLIER, 2007).

Entre meados dos anos 1920 e início dos anos 1950, a Guerra Civil Chinesa<sup>18</sup> também forneceu o contexto necessário para o desenvolvimento de uma abordagem sistemática da guerra irregular. O responsável pela tarefa foi o líder político Mao Zedong. *Obras Escolhidas* (1961) é uma coleção de cinco volumes contendo alguns de seus mais célebres discursos, muitos dos quais fazem referência direta à guerra irregular:

Nossa tarefa central, no momento, é mobilizar as amplas massas para tomarem parte na guerra revolucionária e, assim, derrotar o

---

<sup>18</sup> Uma análise minuciosa dos impactos da Guerra Civil Chinesa sobre a modernização do Exército de Libertação Popular (ESP) está disponível em RYAN; FINKELSTEIN; & McDEVITT (2003).

imperialismo e o Kuomintang, levar a revolução ao país inteiro e expulsar o imperialismo da China. Não é um bom revolucionário aquele que encara levemente essa tarefa central. Se nossos camaradas realmente tomarem em mãos essa tarefa central e compreenderem que a revolução precisa absolutamente ser levada a todo o país, então não lhes será possível subestimar, por pouco que seja, nem encarar levemente o problema dos interesses imediatos das amplas massas, o problema de suas condições de vida. Como a guerra revolucionária é uma guerra de massas, só poderemos levá-la a cabo mobilizando as massas e apoiando-nos nelas.

Poderemos alcançar nosso objetivo de derrotar o inimigo se não fizermos nenhum outro trabalho a não ser mobilizar o povo para levar a cabo a guerra? Está claro que não. [...] Em suma, todos os problemas com que se defrontam as massas em sua vida real devem merecer a nossa atenção. Se tomarmos com decisão esses problemas, e os resolvermos de forma a satisfazer as massas, seremos realmente os organizadores da vida das massas e elas realmente se reunirão em torno de nós e nos apoiarão calorosamente. Camaradas, poderemos então conclamar as massas a participarem na guerra revolucionária? Certamente que sim (MAO, 1961a, pp. 140-141).

O trecho revela a base de todo o pensamento de Mao acerca da guerra irregular. Para ele, este tipo de conflito estaria fundamentado na conquista da lealdade do povo. Seria, portanto, uma forma primitiva de guerra, tanto em termos tecnológicos quanto em termos organizacionais, e não concerniria somente a operações militares. De acordo com a doutrina maoísta, a captura dos corações e mentes da população seria a base para o sucesso da revolução, por vezes mais importante do que o próprio engajamento.

As armas são um fator importante na Guerra, mas não o fator decisivo. O fator decisivo é o homem, não as coisas. A correlação de forças é determinada não só pelo poder militar e econômico, mas também por recursos humanos e apoio popular.

O poder militar e econômico é manejado pelo homem (MAO, 1961b, p. 218).

A dimensão política da insurgência manifestar-se-ia através da criação de laços cada vez mais fortes entre a guerrilha e a população, até o momento em que as massas passariam a apoiar integralmente os objetivos revolucionários em detrimento do apoio anteriormente fornecido ao governo. Algumas vezes, a conversão do povo para a causa revolucionária incluiria elementos coercitivos a fim de diminuir a oposição política ou dificultar o fluxo de informações sobre a insurgência para o governo. A assimetria inicial entre o governo e a insurgência seria compensada pela última através de alguns princípios operacionais semelhantes àqueles defendidos por Sun Tzu, como, por exemplo, a vantagem de se atacar forças inimigas dispersas e a necessidade de se usar os intervalos entre as batalhas para o descanso e treinamento das tropas.

As idéias de Mao influenciaram de maneira contundente a prática da guerra irregular dali em diante, sobretudo a partir da década de 1960 e do início dos processos de descolonização da África e da Ásia. Na segunda metade do século XX, a doutrina maoísta foi adaptada pelo general vietnamita Vo Nguyen Giap em suas campanhas contra o restabelecimento do domínio colonial francês (1946-1954) e contra a intervenção norte-americana em favor da República do Vietnã (1965-1973). No Ocidente, uma das figuras mais associadas à guerra irregular e que também se beneficiou do trabalho de Mao para o desenvolvimento de sua doutrina foi Ernesto Guevara. Em 1956, Guevara partiu para Cuba juntamente com Fidel Castro e outros setenta homens a fim de libertar a Ilha do regime do então Presidente Fulgencio Batista. Com o término da luta, em 1959, Guevara passou a atuar na organização do novo Estado cubano, desempenhando diferentes cargos administrativos e governamentais.

Em *A Guerra de Guerrilhas* (1967), Guevara apontou as três principais contribuições que a experiência guerrilheira cubana legou aos movimentos revolucionários latino-americanos:

- (1) As forças populares podem ganhar uma guerra contra o exército.
- (2) Nem sempre há que se esperar que se dêem [sic] todas as condições para a revolução; o foco insurrecional pode criá-las.
- (3) Na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve ser fundamentalmente o campo (GUEVARA, 1982, p. 13).

A passagem sintetiza o pensamento de Guevara acerca a guerra irregular. Segundo ele, a primeira lição da Revolução Cubana é que mesmo em condições adversas a vitória é possível. Nesse sentido, fatores psicológicos importam: trata-se da tomada de consciência de que a vitória do povo contra um exército bem treinado e armado não é mera ilusão ou tentativa de suicídio.

A segunda lição parece ser uma crítica aos Partidos Comunistas após a Terceira Internacional. Guevara afirma que as condições objetivas para o processo revolucionário podem ser criadas e desenvolvidas *in loco*, através da atuação dos guerrilheiros junto à população. Aqui Guevara difere da abordagem maoísta da guerra irregular em um ponto importante. Enquanto que para Mao a conquista da população antecede a luta revolucionária, para Guevara ambos os processos deveriam ocorrer simultaneamente. O foco de sua doutrina está na figura dos insurgentes. Sua idéia era a de que um pequeno grupo de combatentes revolucionário seria capaz de penetrar um país e engajar-se em atos de violência contra forças e instalações governamentais. O sucesso dessas ações converteria as pessoas à causa. O princípio maoísta é, portanto, invertido de acordo com o ideário de Guevara: o sucesso militar é que geraria apoio político.

A última lição apenas confirma a idéia de que a guerra irregular seria uma forma primitiva de combate que necessitaria do apoio local para acontecer. Nas palavras do próprio Guevara, “a luta guerrilheira é uma luta de massas, é uma luta popular; a guerrilha como núcleo armado, é a vanguarda combatente do mesmo, sua grande força reside na massa da população” (GUEVARA, 1982, p.15).

Ao ser testada em outros campos, contudo, a estratégia de Guevara não obteve o mesmo sucesso que encontrou em Cuba. Após fracassadas operações no Congo, Guevara voltou para a América Latina em 1967 a fim de promover a revolução na Bolívia. Novos fracassos culminaram em sua captura e execução poucos meses depois de sua chegada ao país.

Além de Mao e Guevara, muitos outros também se destinaram a transmitir seu legado sobre a guerra irregular, muitas vezes na forma de panfletos, cartilhas e outras publicações que formaram uma espécie de doutrina operacional desse tipo de conflito. No Brasil, o *Manual do Guerrilheiro Urbano* (1969), de Carlos Marighella, cumpriu o papel de transmitir aos opositores do regime militar as instruções técnicas e táticas que os auxiliaram na luta contra a ditadura. Ao descrever as peculiaridades, características e formas de atuação do combatente irregular, os manuais militares de contrainsurgência

também contribuíram – e continuam a contribuir, como se verá a seguir – para o estabelecimento dessa doutrina. Ainda assim, nenhum conjunto de princípios rígidos pode ser considerado de aplicação universal, uma vez que a capacidade de empregar técnicas, táticas e procedimentos que garantam resultados ótimos é uma das principais virtudes das forças irregulares em todo o mundo.

### **Contra-Insurgência: Causas e Características**

Apesar da já apontada ocorrência de um grande número de guerras irregulares nos anos recentes, foi somente a partir das campanhas do Iraque e do Afeganistão que o pensamento militar deixou de ver o combate a esse tipo de conflito como uma atividade secundária. A experiência no Oriente Médio demonstrou que a preponderância da guerra irregular no século XXI é uma tendência dificilmente reversível: cada vez mais, as forças armadas terão de estar aptas a enfrentar forças não-convencionais, em ambientes urbanos superpovoados, sofrendo pressões da mídia e da opinião pública. Na medida em que padrões e critérios de adestramento para unidades de combate passaram a ser questionados pela emergência deste ambiente operacional, manuais clássicos de contrainsurgência foram revistos e atualizados, e o tema logo se tornou objeto de novos e elaborados estudos.

No que pese o contexto no qual determinado Estado conduza operações contra forças irregulares, dentro ou fora de seu território, lutando pela sua própria sobrevivência ou pela de um aliado, contra uma organização de uma ou de outra motivação político-ideológica – as possibilidades são infinitas – os princípios comuns de ação na guerra irregular tendem a ser sempre os mesmos, adequados, logicamente, às peculiaridades locais (GALULA, 2006).

Na guerra irregular, a mobilização das massas é um elemento crucial, bem como o domínio do terreno. Por outro lado a compreensão da guerra irregular deve partir da premissa de que nesse tipo de conflito não existem regras. Os generais acostumaram-se a travar a guerra segundo uma lógica cartesiana que o combatente irregular ignora ou desconhece. Dessa forma torna-se mais difícil delinear um conjunto rígido e definido de princípios teóricos que fundamentem sua aplicação em circunstâncias distintas. “O vigor da guerra irregular encontra-se justamente nesta importante característica: a ausência de padrões rígidos que lhe permite adequar-se e moldar-se a ambientes políticos, sociais e militares diferentes” (VISACRO, 2009, p. 222).

Assim sendo, qualquer tentativa de classificar as operações de combate irregular se presta a muito pouco que não facilitar o estudo e proporcionar um melhor entendimento desse tipo de conflito como fenômeno político e militar. De modo geral, a literatura de contrainsurgência reconhece como sendo práticas consagradas da guerra irregular a (a) guerra de guerrilha; o (b) terrorismo; a (c) subversão; a (d) sabotagem; e as (e) operações de fuga e evasão. Estas, por seu turno, tendem a ser combinadas de acordo com a necessidade do próprio combatente a fim de maximizar seus efeitos militares, políticos e psicológicos.

Na maioria das vezes, “as contradições sociais e o ambiente nocivo que fomentam a violência política organizada consubstanciam, de uma forma ou de outra, em torno da questão da legitimidade do Estado” (VISACRO, 2009, p. 343). Dada a centralidade do apoio da população nas guerras irregulares, compete ao Estado garanti-lo por meio da ampla aceitação pública de sua legitimidade. Por isso, todos os esforços empreendidos nas campanhas contra forças irregulares devem ter como objetivo central assegurar, respaldar e fortalecer a legitimidade do poder central. Naturalmente, esses devem ocorrer dentro dos limites jurídicos legais para a ação militar, de maneira ética e, tanto quanto possível, transparente.

Se forças irregulares puderam de fato se desenvolver até o ponto de se tornar uma ameaça factível ao poder do Estado, é lícito supor a existência de um ambiente político-social degradado o bastante para fomentar a violência coletiva. Em contextos como este, onde o poder central encontra-se, pelo menos momentaneamente, em desvantagem, abusos no emprego do uso da força e ações que venham de encontro às necessidades e reivindicações populares tendem a ser contraproducentes, já que podem fortalecer os vínculos do povo com as forças irregulares. Dessa forma, o êxito do Estado no combate passará pela formulação de uma abordagem política e militar integrada, baseada em empreendimentos públicos que atendam as demandas sociais e invalidem o proselitismo radical e o apelo dos insurretos à luta armada.

Esse tipo de ação implica que forças de contrainsurreição devam possuir habilidades que, de modo geral, não são necessárias em guerras convencionais. Primeiro, a capacidade de visualizar os assuntos e as ações militares sob a perspectiva das populações domésticas. Segundo, o entendimento de que o emprego da força, mesmo quando aparentemente justificável, pode afetar negativamente a conquista do apoio popular (AYLWIN-FOSTER, 2005, p. 21).

Seja a guerra regular ou irregular, o sucesso das operações geralmente está associado à condução de atividades de inteligência. Na guerra irregular, contudo, o papel da inteligência torna-se ainda mais crucial, uma vez que muitas das ações realizadas neste tipo de conflito fogem do convencional. A ênfase dada ao conhecimento da cultura nativa<sup>19</sup>, à interpretação do ambiente político-social e à identificação da estrutura organizacional das forças irregulares, sobretudo suas lideranças e redes de apoio locais e internacionais, pressupõe, por exemplo, uma maior colaboração interagências – o que abrange, por sua vez, diversos níveis de administração pública, campos de poder, culturas organizacionais e interesses por vezes conflitantes. Mesmo as ações convencionais devem ser concebidas, planejadas e executadas sobre e considerando sua possível contribuição para os esforços do sistema de inteligência como um todo. Até mesmo os menores escalões deverão estar aptos a colaborar com a produção de conhecimento.<sup>20</sup>

Isso não significa que os aspectos puramente militares da contrainsurgência possam ser negligenciados. A inteligência sem a ação torna-se inócua. Acima de tudo, “é necessário que o Estado esteja, de fato, orientado segundo o firme propósito de erradicar as ameaças que lhe desafiam, determinado a assumir riscos e predisposto a suportar o enorme desgaste inerente a uma campanha contra forças irregulares” (VISACRO, 2009, p. 358). Uma das maneiras de fazê-lo é assumindo que a guerra irregular somente se vence através da guerra irregular. Operar de maneira heterodoxa, obscura e destituída de regras pode ser uma boa maneira de causar danos severos à estrutura organizacional e às lideranças políticas e militares de forças irregulares, restringindo-lhes a liberdade de ação. Soma-se a isto o impacto psicológico que ações surpresa são capazes de impor sobre o inimigo.

Lançar-se dentro do mesmo espectro de conflito no qual as forças irregulares atuam, contudo, pode levantar questões éticas sobre os princípios morais que

---

<sup>19</sup> O papel desempenhado pelas populações locais tem sido aos poucos reconhecido pelos comandantes militares e vem promovendo o surgimento de uma nova vertente da inteligência denominada inteligência cultural, inteligência etnográfica ou inteligência social. A publicação doutrinária sobre contrainsurgência do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos (USA, 2009), por exemplo, destaca que o sucesso deste tipo de operação está diretamente relacionado à capacidade de análise do contexto cultural em que ocorrem.

<sup>20</sup> Em análise sobre a experiência britânica na Irlanda do Norte, JACKSON (2007) reitera a importância dos pequenos escalões no conjunto dos esforços de inteligência.

distinguem os agentes estatais dos combatentes irregulares e minar a própria legitimidade do Estado em relação à população. Definir uma margem de atuação aceitável, através de dispositivos legais que garantam a um segmento específico das forças armadas a capacidade de atuar de maneira mais agressiva e invasiva sob determinadas circunstâncias, é um problema central.

Afora isso, não há muita divergência quanto aos fundamentos das operações contra forças irregulares. Os manuais militares de contrainsurgência apontam, em geral, para a necessidade de uma abordagem civil-militar integrada; para a ênfase na promoção de reformas sociais e no desenvolvimento de políticas públicas focadas na melhoria das condições de vida da população, em detrimento de operações de combate de maior envergadura; de isolar as forças irregulares da população civil, privando-as de seus apoios domésticos, de seus locais de refúgio e de seus patrocinadores externos.

### **Tipologia**

Tradicionalmente, a guerra irregular sempre esteve vinculada a idéias que transcendem os estreitos limites do campo militar e que fazem referência aos aspectos políticos, sociais e econômicos presentes em qualquer conflito. Ao longo do século XX, a guerra irregular foi amplamente relacionada ao conceito de guerra interna. Sob influência do Direito Internacional Humanitário, que contempla apenas os chamados conflitos armados internacionais e os conflitos armados não-internacionais, foi cunhada uma tipologia que incluiu a (a) guerra de independência, a (b) guerra civil e a (c) guerra de resistência. Das tensões políticas que caracterizaram o período da Guerra Fria, surgiu uma abordagem da guerra irregular baseada em fatores ideológicos, a qual propiciou a criação de dois novos tipos, a (d) guerra revolucionária e a (e) insurreição. Mais recentemente, o (f) terrorismo foi adicionado à lista. Finalmente, a categoria residual (g) outros inclui os conflitos que não se encaixam em nenhum dos tipos citados anteriormente.

**(a) Guerras de independência**, também chamadas de guerras de libertação nacional, estão relacionadas a um momento histórico específico, a saber, o desmantelamento do império colonial europeu na África e na Ásia após a Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, forças nativas dedicavam-se à conquista de sua independência política por meio da ruptura dos vínculos estabelecidos pelas Metrôpoles

estrangeiras. Muitas vezes, esse tipo de guerra foi carregado de um forte apelo psicológico que relacionava a luta pela independência a fatores étnicos ou religiosos.<sup>21</sup>

**(b) Guerras civis** são conflitos armados de caráter não-internacional que abruptamente dividem uma nação em dois ou mais grupos e cuja decomposição do quadro interno promove o avanço generalizado da violência.

**(c) Guerras de resistência** são conduzidas por nacionais contra uma força de ocupação estrangeira. Tem por objetivo restabelecer as garantias de sobrevivência da população, a integridade territorial, a unidade política, a soberania e/ou a independência, total ou parcialmente comprometida pela intervenção externa.

**(d) Guerras revolucionárias** ocorrem a partir de transformações globais e violentas do sistema social como manifestação de confrontos estratégicos entre vontades pela soberania sobre uma população e um território. Podem ser tanto sociais quanto políticas. Enquanto as primeiras atuam nas estruturas de classe e de Estado de uma sociedade, as últimas alteram as estruturas do Estado, mas não as estruturas de classe (CEPIK, 1995).

**(e) Insurreições** são sublevações populares geralmente desprovidas de motivação ideológica, fundamentadas apenas em reivindicações políticas, sociais e/ou econômicas específicas e limitadas. Algumas vezes, contudo, podem ter também como objetivo final a promoção de uma mudança de regime. Tendem a desenvolver-se lentamente e a se prolongar ao longo do tempo.

**(f) Terrorismo** é, de acordo com a síntese formulada por DINIZ (2010), um tipo de uso ou de ameaça de uso da força caracterizado pela indiscriminação dos alvos, pela centralidade do efeito psicológico que se busca causar, e pela virtual irrelevância, para a correlação de forças entre as vontades antagônicas envolvidas no conflito, da destruição material e humana efetivada pela ação terrorista. Nesse sentido é que se pode dizer que o terrorismo configura um tipo específico de emprego da força: o terror.

**(g) Outros** tipos de guerra irregular associados, por exemplo, ao banditismo e ao crime organizado. Aqui se enquadram os conflitos que dificilmente poderiam ser alocados nas demais categorias pela forma de organização dos grupos armados, seus métodos de operação, seus objetivos políticos, etc.

---

<sup>21</sup> De acordo com CEPIK (1995), as Guerras de Independência seriam um tipo de Revolução.

Essa tipologia clássica é relevante no sentido em que fornece orientações gerais para a análise da guerra irregular. Como qualquer tipologia, contudo, é limitada. Provê importantes pistas para o entendimento do fenômeno, mas não transmite ao leitor toda a complexidade que o circunda. Enquanto alguns eventos não deixam margem a dúvidas quanto a sua classificação – parece difícil questionar a ocorrência de uma Revolução Cubana, por exemplo –, outros conflitos exigem uma análise mais profunda. Como enquadrar a resistência iugoslava durante a Segunda Guerra Mundial? Mesmo não podendo ser negligenciados, os aspectos puramente militares são os de menor importância na guerra irregular. Fatores de ordem histórica, social, econômica, política, tecnológica e psicológica determinam não só a natureza das guerras irregulares, como também sua amplitude, dinâmica, protagonistas, motivações e perspectivas de vitória. Uma vez que esses fatores encontram-se em permanente transformação, e, como consequência, também a conduta da própria guerra irregular, “o apego incondicional a definições e classificações pode conduzir à [sua] obsolescência” (VISACRO, 2009, p. 225). Por este motivo, a tipologia aqui apresentada não será aprofundada ou empregada no artigo que segue. Considerou-se necessário apresentá-la somente por tratar-se de um método consolidado para o entendimento da guerra irregular.

Reitera-se assim a idéia de que apesar de a guerra irregular possuir elementos comuns e práticas universais, abordagens padronizadas tendem a gerar equívocos teóricos e práticos, dada a diversidade de ambientes que molda cada conflito. Dessa forma, identificar os elementos que compõem esses ambientes, as relações de causa e efeito entre eles, a forma como se combinam, se potencializam ou se anulam, a verdadeira dimensão que possuem e as influências que realmente exercem sobre as alternativas de luta é importante e igualmente desafiador.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Alguns elementos passíveis de análise seriam, por exemplo, aqueles descritos por Visacro (2009), como (a) contraste social, (b) aquisição de um referencial crítico, (c) incremento demográfico superior à capacidade de ingerência do Estado; (d) conquistas sociais incompletas, (e) imobilidade social, (f) preservação de deformidades na estrutura social, (g) violência cultural institucionalizada, (h) ausência do Estado, entre outros.

**PARTE II**  
**ARTIGO FINAL DO MESTRADO**

## A BATALHA DE VUKOVAR: ANTECIPANDO A GUERRA IRREGULAR DO SÉCULO XXI

Thiago Borne Ferreira<sup>23</sup>

*Artigo apresentado como requisito parcial  
para a obtenção do título de Mestre em  
Ciência Política*

### RESUMO

Muito tem sido escrito sobre a emergência da guerra irregular complexa como um fenômeno quase que exclusivo do século XXI. A maneira como se desenvolveram os recentes conflitos no Iraque e no Afeganistão reforçariam esta idéia. O presente artigo sugere, contudo, que as comunidades acadêmica e militar podem estar equivocadas ao oferecer este tipo de conclusão. A principal característica que define a guerra irregular complexa moderna – a saber, preponderância e convergência de terrenos fisicamente, humanamente e informacionalmente complexos – já existia no contexto da Guerra da Iugoslávia. Neste sentido, a Batalha de Vukovar anteciparia o ambiente operacional das guerras do pós-11 de setembro.

**Palavras-Chave:** Guerra Irregular Complexa – Guerra Assimétrica – Guerra de Quarta Geração – Grupos Paramilitares – Guerrilha – Guerra da Iugoslávia – Guerra dos Bálcãs – Batalha de Vukovar - Estudos Estratégicos.

---

<sup>23</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O autor agradece pelo apoio, incentivo, e inúmeras oportunidades oferecidas por seu orientador, prof. Dr. Marco Cepik, ao longo do tempo em que trabalharam juntos. O autor também gostaria de expressar sua gratidão aos familiares, amigos, colegas do mestrado, do Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE), do Centro de Estudos Internacionais Sobre Governo (CEGOV), e do Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT).

O artigo está padronizado de acordo com as normas para publicação do periódico *Small Wars & Insurgencies*. A revista tem por objetivo prover um fórum para a discussão histórica, política, social, econômica e psicológica de aspectos referentes à insurgência, contra-insurgência, e uso da força como instrumento político.

Não se pretende, com este artigo, fazer apologia a qualquer forma de xenofobia ou separatismo. Tampouco se pretende ovacionar a resistência croata em Vukovar. Pelo contrário. O trabalho objetiva uma análise imparcial da guerra irregular complexa no contexto da Guerra da Iugoslávia. Reconhece, portanto, a inexistência de “mocinhos” ou de “bandidos” no conflito. O artigo também não se presta à avaliação do papel das grandes potências, dos demais países europeus, ou da Comunidade Internacional em geral frente à Guerra. A análise apresentada preocupa-se, antes, com os aspectos político-militares do próprio conflito.

## ABSTRACT

Much has been written about the emergence of complex irregular warfare as a quasi-exclusive 21<sup>st</sup> phenomenon. The way recent conflicts in Iraq and in Afghanistan developed would confirm that idea. This paper suggests, however, that both academic and military communities might be mistaken while defending such assumption. The basic characteristics that define modern complex irregular warfare – a complex physical terrain, a complex human terrain, and a complex informational terrain – already existed in the context of the Yugoslav Wars. In this sense, the Battle of Vukovar would anticipate the operational environment of post-9/11 wars. .

**Key-Words:** Complex Irregular Warfare – Asymmetric Warfare – Fourth Generation Warfare – Paramilitary Groups – Guerilla – Yugoslav Wars – Balkan Wars – Battle of Vukovar – Strategic Studies.

## 1. Introdução

Ao fim do século passado, um conflito com características quase medievais arrasou uma das regiões mais ricas do Velho Continente. O colapso da Iugoslávia, que se entendeu de 1990 a 1999, foi acompanhado de uma das maiores tragédias da História recente. O entusiasmo que tomou a Europa após a queda do Muro de Berlim e o fim da Guerra Fria não foi suficiente para livrar os Bálcãs das cicatrizes deixadas por anos de conflito e violência que assolaram a região ao longo do século XX. Vale lembrar que a Iugoslávia não apenas foi ocupada por forças do III Reich durante a Segunda Guerra Mundial como também vivenciou no mesmo período uma guerra civil na qual cerca de um milhão de pessoas perdeu suas vidas. Quase cinquenta anos após a Guerra, foi chocante e ao mesmo tempo surpreendente ver a História se repetir e trazer à tona lembranças amargas daquele tempo, como a existência de campos de concentração e a ocorrência de um genocídio que deixou um legado de aproximadamente duzentos e cinquenta mil mortos. Diferentemente de outras guerras recentes, contudo, a Guerra da Iugoslávia não foi marcada pelo destacamento de tropas profissionais ou pelo emprego massivo de tecnologia. O que se viu no país, por quase uma década, foi justamente o contrário: antigos amigos, vizinhos, colegas de trabalho e mesmo familiares lutando uns contra os outros e morrendo em suas cidades devido a ferimentos causados por pistolas, rifles de baixo calibre, facas, e até mesmo forquilhas.

Os efeitos da dissolução da Iugoslávia foram sentidos por toda a Comunidade Internacional. Milhares de refugiados saíram da região em busca de abrigo em outras partes da Europa, gerando desconforto nos países que absorveram essas populações. Bilhões de dólares foram investidos em operações de estabilização em lugares como a Bósnia-Herzegovina, o Kosovo e a Macedônia. Da noite para o dia, nomes como

Slobodan Milošević<sup>24</sup> e Radovan Karadžić<sup>25</sup> passaram a popular as páginas de jornais do mundo inteiro. Um tribunal internacional especial foi criado para julgar e punir os responsáveis pelos crimes cometidos durante os confrontos, ainda que o papel de organizações internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) tenha sido severamente criticado dada a sua inaptidão em solucionar ou mesmo o seu envolvimento direto no conflito.

Pouco tempo após o fim da Iugoslávia, o mundo assistiu perplexo o início de uma nova guerra levada a cabo pelos Estados Unidos e seus aliados da OTAN. Após os atentados de 11 de setembro de 2001 em Washington e em Nova Iorque, os norte-americanos entraram no Afeganistão e no Iraque com o pretexto objetivo de livrar o mundo do terrorismo da Al Qaeda. Assim começou uma campanha que já se entende por mais de dez anos e que trouxe para as comunidades acadêmica e militar uma série de perguntas quanto à viabilidade das operações norte-americanas em um ambiente de guerra irregular complexa.<sup>26</sup>

O presente artigo pretende demonstrar que a guerra irregular complexa já era uma realidade na década de 1990, uma vez que todos os elementos que caracterizam

---

<sup>24</sup> Slobodan Milošević foi Presidente da Sérvia entre 1989 e 1997 e da República Federal da Iugoslávia entre 1997 e 2000. Milošević foi julgado pelo Tribunal Penal Internacional para a Antiga Iugoslávia (TPII) pela realização de muitas das atrocidades cometidas durante as guerras da Croácia, Bósnia-Herzegovina e Kosovo. O julgamento terminou, contudo, sem qualquer veredicto, já que Milošević faleceu antes do processo chegar ao fim, em março de 2006, após cinco anos de clausura na Unidade de Detenção das Nações Unidas de Scheveningen, na Haia.

<sup>25</sup> Radovan Karadžić é um ex-político sérvio-bósnio. Foi co-fundador do Partido Democrático Sérvio (*Srpska Demokratska Stranka*, SDS) na Bósnia-Herzegovina e primeiro Presidente da República Srpska, entre 1992 e 1996. Acusado pelo TPII pela realização de crimes de guerra, incluindo participação no Sítio de Sarajevo e o mandato do Massacre de Srebrenica, contra muçulmano-bósnios e croata-bósnios durante a guerra da Bósnia-Herzegovina, esteve foragido de 1996 a 2008, quando finalmente foi detido em Belgrado. Durante este período, atuou como médico psiquiatra sob o nome de Dragan David Dabić. Atualmente, encontra-se sob custódia do TPII em Scheveningen.

<sup>26</sup> A idéia geral por trás do conceito de guerra irregular complexa não é nenhuma novidade: por guerra irregular entende-se o conflito armado no qual pelo menos um dos agentes não dispõem de organização militar formal ou legitimidade jurídica internacional. A novidade seria, portanto, a adição do termo “complexo” ao conceito a fim de registrar a idéia de que as batalhas ocorrem em ambientes cada vez mais desafiadores e difíceis.

este tipo de conflito estavam presentes na Guerra da Iugoslávia.<sup>27</sup> Para tanto, o trabalho analisa a Guerra em três níveis, cada qual correspondente a uma seção do artigo. A primeira seção trata dos aspectos estratégicos do conflito. Traça, portanto, um panorama geral dos motivos sistêmicos que levaram à Guerra e acompanha a sua evolução ao longo dos anos. A segunda seção tem foco nos aspectos operacionais da Guerra. Descreve a ordem de batalha dos principais agentes envolvidos no conflito, seus efetivos, equipamentos e disposição espacial. Finalmente, a terceira seção analisa a Batalha de Vukovar, sugerindo que o fenômeno da guerra irregular complexa seja pensado a partir dos acontecimentos desta batalha.

## 2. Análise Estratégica

Os motivos que levaram à escalada da Guerra da Iugoslávia são cercados de mitos e controvérsias. Um desses mitos sugere que a inimizade entre as diferentes nacionalidades do país foi se desenvolvendo por séculos e periodicamente se manifestou em episódios aleatórios de violência étnica. Isso significa dizer que aquelas pessoas sempre se odiaram e que nenhuma interferência externa seria capaz de influenciar os conflitos. Infelizmente, análises sociológicas dessa natureza pouco contribuíram para frear a violência nos Bálcãs.<sup>28</sup> Ao contrário, ofereceram desculpas convenientes, seja no sentido de evitar, seja no de limitar um maior envolvimento da Comunidade Internacional na região. Soma-se a isso, a idéia muitas vezes reforçada pela História de que os Bálcãs seriam uma espécie de “barril de pólvora” do qual se ouviu falar apenas a partir da Primeira Guerra Mundial. Conta a sabedoria popular que o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando da Áustria-Hungria, em 1914, por um jovem

---

<sup>27</sup> Tradicionalmente, o processo de desmembramento da Iugoslávia é analisado de maneira bastante didática pela literatura, que o divide em três momentos distintos. O primeiro momento diz respeito às independências da Croácia, da Eslovênia e da Macedônia. O segundo, à independência da Bósnia-Herzegovina, e a terceiro à independência de Kosovo. Esse tipo de divisão facilita o entendimento do conflito que se alastrou de 1991 a 1999, mas não é utilizado neste artigo. Optou-se, aqui, pela realização de um estudo mais abrangente, focado nos aspectos militares essenciais para a compreensão do fenômeno da guerra irregular complexa. Reconhece-se, contudo, a importância de fatores das ordens econômica, política e social no desenrolar da guerra. Reconhece-se também a influência que pessoas e eventos específicos tiveram ao longo dos quase dez anos de combates.

<sup>28</sup> Uma representação hobbesiana do conflito, baseada na idéia de guerra de todos contra todos (BOUGAREL, 1999, p. 157).

estudante sérvio-bósnio teria sido por si só o estopim do conflito que tomou a Europa nos anos seguintes. Em que pese o valor dessa interpretação, o fato é que os Bálcãs passaram a ser vistos como um lugar onde a violência pode florescer e se espalhar incontrolavelmente.

A República Socialista Federativa da Iugoslávia, doravante Iugoslávia, sempre abrigou uma mistura complexa de povos – ávaros<sup>29</sup>, búlgaros, croatas, macedônios, polésios<sup>30</sup>, poloneses, e sérvios, para citar apenas alguns –, e de religiões – catolicismo, cristianismo-ortodoxo e islamismo. Até o início da década de 1990, o país era formado pelas repúblicas da Bósnia-Herzegovina, Croácia, Eslovênia, Macedônia, Montenegro e Sérvia, e pelas províncias autônomas de Kosovo e Vojvodina, conforme mostra o Mapa 1. Destarte a história peculiar da região, a criação do Estado iugoslavo ocorreu apenas após a Primeira Guerra Mundial. Antes da Guerra, os Bálcãs estavam divididos entre dois grandes Impérios: o Otomano, que conquistara boa parte da região ainda no século XIV, e o Austro-Húngaro, que ganhava territórios na medida em que as capacidades de seu adversário erodiam. Ironicamente, a Primeira Guerra representou a derrocada de ambos os Impérios e a criação do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos através do Tratado de Versalhes, em 1919. Apenas anos mais tarde, em 1924, o país recebeu o nome que manteve até a sua dissolução, Iugoslávia.

Ainda que os Bálcãs tenham entrado nos livros de História devido à Primeira Guerra Mundial, foi a Segunda que deixou marcas mais duradouras na região. Quando a Iugoslávia foi invadida e, como consequência, dividida pelas forças do Eixo, em 1941, o fracasso do Estado em lidar com a crise econômica que o assolava desde fins da década de 1930 tornou-se evidente. Junto à crise, eclodiu no país uma violenta guerra civil opondo, de um lado, o novo Estado Independente da Croácia (*Nezavisna Država Hrvatska*, NDH)<sup>31</sup> e, do outro lado, o Partido Comunista (*Komunistička Partija*

---

<sup>29</sup> Os ávaros, também chamados de avares ou abares, foram um povo nômade da Eurásia que migrou para a Europa Central e Oriental no século VI, habitando a Planície Panônia (a região entre os Cárpatos, os Alpes Dináricos e os Bálcãs) até o início do século IX.

<sup>30</sup> Polésios é o nome dado ao povo que habita os pântanos da Polésia, na Planície Européia Central. A Planície Russa, como também é conhecida, estende-se por cerca de quatro mil quilômetros quadrados, abrangendo os territórios da Bielorrússia, Cazaquistão, Estônia, Letônia, Lituânia, Moldávia, Polônia, Rússia e Ucrânia.

<sup>31</sup> O NDH foi o Estado fantoche estabelecido na Iugoslávia pela Alemanha Nazista. Seu território incluiu a totalidade da Bósnia-Herzegovina e grande parte da Croácia. O norte da Dalmácia foi anexado pela

*Jugoslavije*). Na Iugoslávia ocupada, os movimentos de resistência “acabaram se tornando uma forma de guerra popular, que em muitos casos representou não só uma luta contra o invasor, mas um conflito de classes” (VIZENTINI, 2003, p. 125).<sup>32</sup>

Após a Segunda Guerra Mundial, a Iugoslávia de Josip Broz Tito<sup>33</sup> passou a adotar um posicionamento ímpar perante seus pares no Sistema Internacional. A

Itália, e Medimurje e Baranja pela Hungria. A porção norte do NDH era controlada pela *Wehrmacht* alemã, enquanto a porção meridional era controlada por tropas italianas.

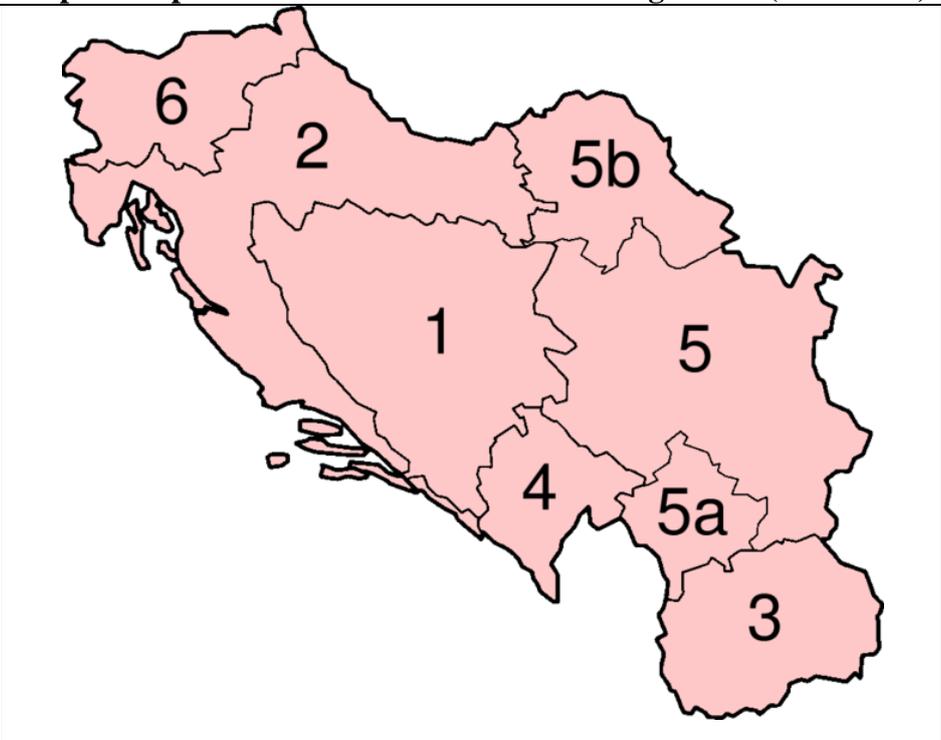
<sup>32</sup> Conflito de classes por opor dois movimentos que representavam parcelas distintas da sociedade iugoslava. Os Chetniks (*Četnici*) eram organizações paramilitares – irregulares, portanto – sérvias de caráter nacionalista e monarquista que atuaram nos Bálcãs a partir do início do século XX. Surgiram como movimento de resistência ao Império Otomano em 1904 e tiveram participação nas Guerras dos Bálcãs (1912 e 1913), na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No período entre guerras, funcionaram sob a forma de organizações civis. O termo Chetnik tem origem na palavra servo-croata adaptada do turco *çeta*, que significa "companhia militar". O nome é hoje comumente associado aos Destacamentos Chetnik do Exército Iugoslavo, liderados pelo general Draža Mihailović durante a Segunda Guerra Mundial, mais tarde rebatizados como Exército Iugoslavo na Pátria (*Jugoslovenska Vojska u Otadžbini*). Ainda que parcela dos Destacamentos Chetnik tenha se engajado na luta contra a presença do Eixo na Iugoslávia, a maior parte do movimento acabou colaborando intensivamente com os fascistas, combatendo as forças do Partido Comunista (TOMASEVICH, 1975; RAMET, 2006). Os Chetniks fizeram sua fama sobre o emprego do terror contra as populações muçulmanas da Bósnia-Herzegovina e contra os partisans comunistas. Ao final da Segunda Guerra, muitos Chetniks foram capturados, julgados, e condenados à morte pelo crime de traição.

Até o final da década de 1980, manifestações a favor da ideologia Chetnik eram proibidas na Sérvia. Com a chegada de Milošević à presidência do país, a proibição caiu, e os Chetniks foram, ainda que não oficialmente, reabilitados. Políticos como Vuk Drasković e Šešelj Vojislav organizaram novas unidades paramilitares nacionalistas, reclamando a resolução das tensões étnicas da Iugoslávia através da força. Durante as Guerras Iugoslavas, estes grupos passaram a evocar a história do país em seu favor, proclamando-se Chetniks e responsáveis pela continuação do legado do antigo movimento.

<sup>33</sup> Nascido Josip Broz, Tito foi líder dos partisans durante a Segunda Guerra Mundial e representante político da Iugoslávia durante grande parte da existência do país, como Primeiro-Ministro, entre 1945 e 1953, e como Presidente, entre 1953 e 1980. Durante a Primeira Guerra Mundial, serviu na infantaria austro-húngara e foi feito prisioneiro na Rússia. Após escapar e lutar pela Revolução Russa, retornou à Iugoslávia onde se envolveu com o Partido Comunista. Após a invasão alemã da Iugoslávia, Tito organizou as forças guerrilheiras filiadas ao Partido Comunista que lutaram contra o Eixo e contra o NDH. Com o fim da Guerra, Tito despontou como principal líder político do novo governo federal. Com a sua morte, em 1980, a presidência da Iugoslávia passou a ser rotativa entre as seis repúblicas. Informações mais detalhadas sobre a vida de Tito podem ser encontradas em BARNETT (2006), SWAIN (2010), e WEST (1996).

República Federativa mantinha boas relações com os Estados Unidos e com a Europa Ocidental, apesar de ser declaradamente um Estado socialista. A aproximação do país com o Ocidente deveu-se em boa parte ao seu rompimento com a União Soviética e a sua expulsão do Bureau de Informação dos Partidos Comunistas e de Trabalhadores (Cominform). A busca de Tito pela consolidação de uma política independente desagradava as lideranças soviéticas, que temiam que a Iugoslávia se tornasse um obstáculo à consolidação de sua esfera de influência no Leste europeu. Aliado a isso, Tito ganhava cada vez mais destaque internacional dado o seu envolvimento com o Movimento dos Não-Alinhados, que propunha alternativas para os países do Terceiro Mundo em relação às duas potências hegemônicas da Guerra Fria.

**Mapa 1. República Socialista Federativa da Iugoslávia (1946-1989)**



Número	Nome	Capital
1	República Socialista da Bósnia-Herzegovina	Sarajevo
2	República Socialista da Croácia	Zagreb
3	República Socialista da Macedônia	Skopje
4	República Socialista de Montenegro	Titograd*
5	República Socialista da Sérvia	Belgrado
5a	Província Autônoma Socialista de Kosovo	Priština
5b	Província Autônoma Socialista de Vojvodina	Novi Sad
6	República Socialista da Eslovênia	Ljubljana

\*Em 1992, a capital voltou a se chamar Podgorica.

Se no plano econômico a Iugoslávia alcançou certa tranquilidade nas primeiras décadas da Guerra Fria, distanciando-se da União Soviética, em direção ao que foi chamado socialismo de autogestão, no plano social, a relativa harmonia em que conviviam os diferentes grupos étnicos, lingüísticos e religiosos do país começava a erodir. Ao final de 1971, protestos em nome do nacionalismo croata tiveram de ser contidos a duras penas pelo governo central. Somente o estabelecimento de uma nova Constituição, em 1974, baseada na concessão de maiores poderes às unidades federativas, foi capaz de abafar os gritos do separatismo croata que ainda ecoavam no país. Mas a Croácia não era a única região a questionar a unidade do Estado iugoslavo: as rivalidades entre eslovenos e sérvios também se acirraram ao longo a década de 1970, conquanto tenham se limitado à esfera política.

A morte do general Tito, em 1980, foi o prenúncio do que seria uma das mais turbulentas décadas da história da Iugoslávia.<sup>34</sup> Ao ambiente político cada vez mais deteriorado, somou-se uma crise econômica profunda, altas taxas de desemprego, endividamento externo, miséria e corrupção (FERON, 1995). A opção pelo socialismo de autogestão falhara terrivelmente. Dessa sorte, não é estranho que no início dos anos 1990 a Iugoslávia tenha começado a se esfarelar em meio à erupção de conflitos étnicos e a emergência de pequenos novos Estados.

A primeira república a proclamar independência foi a Eslovênia, em 25 de junho de 1991. As declarações forçaram o então Primeiro Ministro da Iugoslávia, Ante Marković<sup>35</sup>, a mobilizar tropas do Exército Popular da Iugoslávia (*Jugoslovenska Narodna Armija*, JNA)<sup>36</sup> em direção à Eslovênia, dando início ao conflito conhecido como Guerra dos Dez Dias (*Desetdnevna Vojna*). Naquele momento, contudo, a Eslovênia já estava pronta para receber as forças do JNA, e fizeram-no sem grandes dificuldades. Um cessar-fogo foi acordado em 07 de julho de 1991, e contou com suporte da Comunidade Européia (CE).

---

<sup>34</sup> Com a morte de Tito, o poder central passou a ser de responsabilidade de uma presidência composta por oito representantes das repúblicas e províncias autônomas com rotatividade anual do Presidente Federal.

<sup>35</sup> Ante Marković tornou-se Primeiro Ministro da Iugoslávia em 1989, após ocupar por dois anos o cargo de Presidente da República Socialista da Croácia, entre 1986 e 1988. Foi o responsável pelo processo de liberalização econômica que tomou a Iugoslávia no início da década de 1990 (ROGEL, 1998). Marković deixou o cargo pouco após o começo da Guerra e permaneceu em ostracismo até a sua morte, em 2011.

<sup>36</sup> O JNA será objeto da próxima seção.

Ainda que o Tratado de Brioni tenha dado um fim à guerra na Eslovênia, não foi capaz de impedir a onda de brutalidade que tomou a Croácia no mês seguinte. Motivados por discursos xenófobos de políticos como Milan Babić<sup>37</sup>, a minoria sérvia que habitava a Croácia decidiu não aderir ao movimento independentista da república. Em 21 de dezembro de 1990, Babić, proclamou a independência da Região Autônoma da Krajina Sérvia (*Srpska Autonomna Oblast, SAO*).<sup>38</sup> Dois meses depois, a entidade separou-se oficialmente da Croácia. Em agosto de 1991, três distritos da Eslavônia Ocidental e dois da Eslavônia Oriental também declararam independência, formando, respectivamente, a Região Autônoma da Eslavônia Ocidental (*SAO Zapadna Slavonija*), com capital em Okučani, e a Região Autônoma da Eslavônia Oriental (*SAO Istočna Slavonija, Baranja i Zapadni Srem*), com capital em Erdut. Em dezembro, as três regiões autônomas uniram-se sob a égide de República da Krajina Sérvia (*Republika Srpska Krajina, RSK*).

---

<sup>37</sup> Milan Babić foi o primeiro Presidente da República da Krajina Sérvia (*Republika Srpska Krajina, RSK*), entre 1991 e 1995. Dentista de formação, sua carreira política teve início em 1990, quando foi eleito Presidente da Assembléia Municipal de Knin pelo Partido Democrático Sérvio (*Srpska Demokratska Stranka, SDS*). O SDS fora fundado pouco antes naquele ano a fim de proteger a população sérvia na Croácia, já que a mesma estaria em perigo, segundo o partido, por ser reconhecida pela nova Constituição croata como uma minoria étnica. A popularidade de Babić foi crescendo na medida em que crescia a discriminação à população sérvia na Croácia durante o mandato de Franjo Tuđman.

Em meados de 1990, um referendo foi realizado de forma autônoma pelos sérvios na Krajina com o objetivo de decidir o futuro da região. Naquela ocasião, os sérvios votaram a favor de sua independência da Croácia. A realização do referendo foi, contudo, considerada ilegal pelo governo de Tuđman. Isso motivou Babić a proclamar a criação da Região Autônoma da Krajina Sérvia (*Srpska Autonomna Oblast, SAO*). No comando da SAO, Babić estabeleceu as milícias que lutaram, apoiadas pelo JNA, contra a Croácia.

Por sua participação nos conflitos, Babić foi indiciado por crimes de guerra pelo TPII em 2004. Declarando-se culpado, tentou negociar sua sentença perante o TPII, mas foi condenado a treze anos de prisão em Scheveningen. Foi encontrado morto em sua cela em 2006, tendo provavelmente cometido suicídio.

<sup>38</sup> A região da Krajina possuía a maior comunidade sérvia da Croácia, e estava dividida em dez distritos: quatro na Dalmácia Setentrional, três em Lika, e três em Kordun, sendo Knin a capital. Mais tarde, outros quatro distritos foram criados em Banija.

A população sérvia na Croácia tinha motivos para acreditar que seria capaz de se opor ao regime do então recém eleito Presidente croata Franjo Tuđman<sup>39</sup> graças ao apoio recebido do JNA, que desde 1990 desviava-lhes armamento e material bélico da Força de Defesa Territorial (TO) croata. Além disso, contava positivamente para a causa sérvia o suporte político e militar fornecido por Milošević. Aos poucos, as manifestações sérvias, que até então tinham caráter relativamente pacífico, eclodiram em episódios de violência assustadora. Quando as relações entre a Croácia e a Iugoslávia foram definitivamente cortadas, no início de agosto, a tensão entre sérvios e croatas tornou-se insustentável. O que se viu a seguir foi a consumação da guerra civil que já vinha se esboçando na região havia muito tempo.

Os embates na Croácia intensificaram-se na primavera de 1991, na Eslavônia Oriental, na fronteira com a Vojvodina, especialmente no entorno da cidade de Vukovar. Um elemento-chave na escalada de violência perpetrada pelos sérvios foi a ação de grupos irregulares extremistas fortemente vinculados a Belgrado, como os Tigres de Arkan e os Chetniks de Šešelj.<sup>40</sup> Estes grupos agiam de maneira criminoso – ainda que em diferentes ocasiões tenham lutado ao lado do próprio JNA –, saqueando cidades e assassinando seus habitantes deliberadamente. Nomes como o do general Ratko Mladić<sup>41</sup>, logo foram associados à limpeza étnica promovida nas áreas sob domínio sérvio. Quando finalmente a Eslavônia Oriental foi conquistada, após semanas de intensa escaramuça em Vukovar, a guerra se espalhava por outras regiões da Croácia. Ao Sul, tropas montenegrinas fiéis ao governo central cercaram e bombardearam a

---

<sup>39</sup> Franjo Tuđman foi um político nacionalista croata. Durante a Segunda Guerra Mundial, lutou ao lado dos partisanos iugoslavos, tornando-se o mais jovem general do JNA. Após a morte de Tito, passou a advogar o nacionalismo croata através do partido que fundou, a União Democrática Croata (*Hrvatska Demokratska Zajednica*, HDZ). Em 1990, foi eleito Presidente da Croácia e, no ano seguinte, declarou a independência do país. Permaneceu no cargo, sendo reeleito duas vezes, até a sua morte, em 1999. Mais sobre Tuđman pode ser lido em HUDELIST (2004) e TANNER (2001).

<sup>40</sup> Estes grupos serão também objeto da próxima seção.

<sup>41</sup> Ratko Mladić é um antigo líder militar sérvio, acusado de cometer crimes de guerra durante a dissolução da Iugoslávia. Sua carreira teve início no JNA, pelo qual chegou ao posto de coronel general. Com o JNA, foi responsável pela Operação Costa-91 (*Operacija Obala-91*) (1991), cujo objetivo era isolar a Dalmácia do restante da Croácia, pelo Sítio à Sarajevo (1992-1996), e pela tomada de Srebrenica e Žepa (1995). Na guerra da Bósnia-Herzegovina, foi Chefe de Estado do Exército da República Srpske (*Vojska Republike Srpske*, VRS). Mladić foi indiciado pelo TPII em 1995, mas somente foi capturado em 2011, ano em que teve início o seu julgamento.

cidade costeira de Dubrovnik. Bombardeios também aconteciam com regularidade em Zagreb, estes levados a cabo pela Força Aérea Iugoslava.

Na medida em que a guerra se intensificava, aumentava também a preocupação da Comunidade Internacional em relação à região. Em 25 de setembro de 1991, o Conselho de Segurança da ONU aprovou sua Resolução 713, instaurando um embargo à venda de armas e equipamentos militares para a Iugoslávia. Apesar da proibição, armas contrabandeadas continuaram a entrar no país. Além disso, a indústria iugoslava ainda era capaz de prover equipamento suficiente para os combatentes permanecerem engajados. Em fevereiro de 1992, catorze mil tropas da ONU chegaram à Croácia. O centro de comando da Força de Proteção das Nações Unidas (*United Nations Protection Force*, UNPROFOR) foi estabelecido na capital da Bósnia-Herzegovina, Sarajevo, com o objetivo de monitorar a atividade militar nas chamadas Áreas Protegidas pelas Nações Unidas (*United Nations Protected Areas*, UNPA). As UNPA estavam divididas em quatro Setores: Leste (compreendia a Eslovênia Oriental, Baranja e Sirmium Ocidental), Oeste (Eslovênia Ocidental), Norte (o norte da Krajina) e Sul (o sul da Krajina). Entre abril de 1992 e outubro de 1993, quarenta e sete novas Resoluções foram aprovadas no Conselho de Segurança a fim de deter o conflito, e novas missões de paz foram criadas e/ou modificadas sob os auspícios da ONU.<sup>42</sup>

Nenhuma delas, contudo, obteve grande sucesso. Os enfrentamentos, bem como o processo de limpeza étnica, continuaram a ocorrer apesar dos esforços da Comunidade Internacional. Em março de 1992, estimulado pelo reconhecimento internacional das

---

<sup>42</sup> No total, sete diferentes missões foram estabelecidas entre 1992 e 1998: (1) *United Nations Peace Force* (UNPROFOR), lançada inicialmente na Croácia em 1992; (2) *United Nations Peace Force* (UNPF), criada em 1995 devido à reformulação na estrutura das missões da ONU na Iugoslávia. Compreendia a UNPROFOR, restrita apenas à Bósnia-Herzegovina, a *United Nations Confidence Restoration Operation* (UNCRO), na Croácia, e a *United Nations Preventive Deployment Force* (UNPREDEP), na Macedônia; (3) *United Nations Mission in Bosnia Herzegovina* (UNIMBH), estabelecida depois da assinatura do Acordo de Dayton, em 1995; (4) *United Nations Transitional Administration for Eastern Slavonia, Baranja and West Sirmium* (UNTAES), na Eslovênia Oriental, entre 1996 e 1998, que devolveu pacificamente a região ao governo croata; (5) *United Nations Mission of Observers in Prevlaka* (UNMOP), criada pelo Acordo de Dayton na Península de Prevlakam, fronteira entre a Croácia e Montenegro; (6) *United Nations Mission in Kosovo* (UNMIK), instalada após a intervenção da OTAN na Iugoslávia em 1999; (7) *United Nations Civilian Police Support Group* (UNPSG) que, em substituição à UNTAES, monitorou o desempenho da polícia croata na Eslovênia Oriental, entre janeiro e outubro de 1998 (ÁLVAREZ, 2008).

independências eslovena e croata, o Presidente da Bósnia-Herzegovina, Alija Izetbegović<sup>43</sup>, decretou a realização de um referendo para decidir o futuro de sua república. A guerra teve início poucas semanas depois.

Diferentemente do que ocorrera nos primeiros dias de confronto na Croácia, as forças bósnio-sérvias progrediram rapidamente em território bósnio-herzegovino, chegando a ocupar setenta por cento da região.<sup>44</sup> Inicialmente, as forças bósnio-sérvias contavam com apoio do JNA para a manutenção das áreas ocupadas. A forte pressão da Comunidade Internacional sobre o governo da Iugoslávia acabou fazendo, contudo, com que o mesmo retirasse boa parte de suas tropas do teatro de operações. Apenas a parcela de soldados bósnios do JNA – que também transferiu quantidades significativas de armamentos para a entidade bósnio-sérvia – permaneceu engajada ao lado dos combatentes bósnio-sérvios. Formou-se assim a força militar da autoproclamada

---

<sup>43</sup> Alija Izetbegović foi um ativista e político bósnio. Em 1970, publicou a *Declaração Islâmica (Islamska Deklaracija)*, documento de inclinação pan-islamista no qual expressou sua visão sobre os vínculos entre o Islã, o Estado e a sociedade. Àquela época, a declaração foi considerada pelas autoridades iugoslavas como um apelo à introdução da Lei da Islâmica na Bósnia-Herzegovina, e sua publicação foi proibida. Em 1983, Izetbegović e outros doze ativistas bosniaks foram julgados e presos em Sarajevo por hostilidade ao regime e incitação política. O veredicto foi amplamente criticado pela Comunidade Internacional, mas Izetbegović só deixou a prisão com o fim do regime socialista na Iugoslávia. Mais tarde, na década de 1990, as idéias presentes em seu texto foram utilizadas contra o próprio Izetbegović pela oposição – notadamente nacionalistas sérvios –, que afirmavam a intenção do autor de instaurar na Bósnia-Herzegovina um Estado fundamentalista islâmico. Izetbegović negou a veracidade de tais acusações, angariando o respaldo de historiadores ocidentais como MALCOLM (1996).

Em 1990, Izetbegović tornou-se o primeiro Presidente da Bósnia-Herzegovina pelo Partido da Ação Democrática (*Stranka Demokratske Akcije, SDA*), de orientação muçulmana. A introdução do sistema multi-partidarista na Iugoslávia, no final da década de 1980, favoreceu o estabelecimento do SDA e de outros partidos de base étno-religiosa, bem como a participação dos bosniaks e de outras minorias nos processos políticos. Durante a guerra, Izetbegović promoveu constantemente a idéia de que uma Bósnia-Herzegovina multi-étnica era possível, estratégia esta que se demonstrou infrutífera perante a escalada do conflito. Após o Acordo de Dayton, em 1995, Izetbegović tornou-se Membro Presidente da Presidência da Bósnia-Herzegovina, cargo em que permaneceu até 2000. Faleceu três anos depois, vítima de doenças cardíacas.

<sup>44</sup> De acordo com HUDSON (2003), estas áreas estariam historicamente ocupadas pelos sérvios desde que os mesmos foram movidos para a fronteira da Krajina pelo Império da Áustria, de modo que a população sérvia estaria apenas tentando manter o controle sobre o seu próprio território.

República Sérvia da Bósnia (*Republika Srpska*), comandada pelo já citado Ratko Mladić.

Os problemas políticos enfrentados pelo Presidente Izetbegović refletiam-se diretamente na esfera militar e favoreciam o surgimento de milícias em todo o país. Essas, contudo, não possuíam o mesmo grau de treinamento e organização que suas contrapartes bósnio-sérvias. As experiências acumuladas em meses de escaramuças, somadas à fraca resistência bósnio-muçulmana (conhecidos também como bosniaks, *bošnjak*), permitiram com que com que os sérvios sitiassem Sarajevo sem maiores dificuldades. Como na Croácia, o emprego de grupos irregulares levava terror à população bósnio-muçulmana. Em meados de 1992, o mundo conheceu a existência de campos de concentração nos arredores da cidade de Omarska, e o aprisionamento de civis revelou-se uma prática comum entre os irregulares. Episódios de brutalidade e violência tornaram-se manchetes recorrentes em jornais de todos os continentes.

A fim de frear os horrores que ocorriam diariamente no país, a Comunidade Internacional adotou uma política de duas vias que combinava tanto ações de caráter jurídico quanto ações de caráter militar. Para julgar e eventualmente punir os envolvidos nas violações de direitos humanos perpetradas na guerra, foi criado o TPII na Haia. A OTAN foi autorizada a operar nos Bálcãs, instituindo um embargo ao espaço aéreo da Bósnia-Herzegovina (*Operation Deny Flight*). A ONU, por sua vez, criou seis Áreas de Segurança (*Safe Havens*) em torno de Bihać, Goražde, Srebrenica, Sarajevo, Tuzla e Žepa, com o objetivo de proteger os bósnio-muçulmanos das tropas bósnio-sérvias. De acordo com a Resolução 836 do Conselho de Segurança, qualquer violação ao território e espaço aéreos dessas áreas poderia ser respondida através de incursões e suporte aéreo às forças em solo da ONU pela OTAN.

A irrupção da guerra civil entre bosniaks e bósnio-croatas, em 1993, trouxe ainda mais complexidade à situação da Bósnia-Herzegovina. As tensões causadas pelo grande fluxo de refugiados bosniaks que se deslocavam em direção às áreas de maioria bósnio-croata, como Travnik e Vitez, tiveram início, contudo, muito antes da deflagração da guerra. A pressão social causada por quase trezentos mil refugiados vivendo em um território reduzido, mais as ambições políticas dos bósnio-croatas, que ansiavam pelo reconhecimento da República Croata de Herzeg-Bósnia (*Hrvatska*

*Republika Herceg-Bosna*)<sup>45</sup>, tornou-se uma combinação explosiva. A guerra atingiu seu ápice em abril de 1993, quando o comandante bósnio-croata Živko Totić foi seqüestrado e os combates alastraram-se para além do Vale do Lašva. A cidade eleita como capital da entidade bósnio-croata, Mostar, transformou-se em um dos mais sangrentos campos de batalha urbanos do século XX.

Àquela altura da guerra, o fracasso da Comunidade Internacional em resolver conjuntamente o conflito já era evidente. Planos propondo a divisão do território da Bósnia-Herzegovina entre as entidades bosniak, croata e sérvia eram ora rejeitados por uma, ora rejeitados por outra das partes.<sup>46</sup> Concomitantemente, a guerra se intensificava e as atrocidades permaneciam ocorrendo em diversas regiões do país. O massacre de Ahmići, por exemplo, resultou na morte de pouco mais de cem camponeses que tiveram seus corpos e propriedades carbonizados após serem assassinados pela infame unidade

---

<sup>45</sup> O TPII concluiu que a República Croata da Herzeg-Bósnia foi fundada com a intenção de se separar da Bósnia-Herzegovina e de se unir à Croácia. Estas aspirações foram manifestadas, por exemplo, pelo uso da moeda e da língua croata na Herzeg-Bósnia e pela concessão da nacionalidade croata para os croatas da Bósnia-Herzegovina pela Croácia.

<sup>46</sup> O Plano Vance-Owen, (*Vance-Owen Plan*) proposto pelo diplomata inglês Lord David Owen, representando a CE, e pelo Enviado Especial do Secretário da ONU, Cyrus Vance, propôs a divisão da Bósnia-Herzegovina em dez cantões étnicos. A proposta foi aceita pelos croata-bósnios e por Izetbegović, mas rejeitada pelos servo-bósnios em janeiro de 1993. Em abril, a CE declarou que caso os servo-bósnios e a Iugoslávia não concordassem com o Plano, eles seriam isolados da Comunidade Internacional. À declaração seguiu-se o fortalecimento das sanções econômicas da ONU para a Iugoslávia. Milošević passou então a endossar o plano, chegando a persuadir Karadžić a fazer o mesmo. Apesar disso, a Assembléia Servo-Bósnia negou-se a aderir ao documento. A rejeição da Assembléia gerou a condenação dos servo-bósnios por parte de Milošević, que se recusou a continuar disponibilizando qualquer tipo de suporte militar para a entidade. O Plano Vance-Owen foi, dessa forma, abandonado, e Lord Owen retomou as negociações.

Ainda que na primeira fase da Guerra da Bósnia-Herzegovina tenha havido uma aliança entre croatas e muçulmanos, esta se desfez em abril de 1993, quando croata-bósnios tentaram ocupar territórios que seriam seus de acordo com o Plano Vance-Owen. O conflito ofuscou as negociações acerca do Plano Owen-Stoltenberg, proposto novamente por Lord Owen, pela CE, e pelo novo Enviado Especial do Secretário da ONU, o Ministro das Relações Exteriores norueguês Thorvald Stoltenberg. O Plano Owen-Stoltenberg (*Owen-Stoltenber Plan*) propunha a alocação de 52% do território da Bósnia-Herzegovina para os servo-bósnios, 30% para os muçulmanos, e 18% para os croatas. Desta vez o documento teve o endosso dos servo-bósnios e dos croatas, mas foi rejeitado pelo lado bosniak (SEVERO, 2011, pp. 141-142; HUDSON, 2003, pp. 144-115).

bósnio-croata conhecida como Coringas (*Džokeri*). Nem mesmo forças de assistência humanitária eram poupadas da violência dos combatentes. Ainda em meados de 1993, um comboio transportando alimentos para a população bosniak foi atacado e saqueado por forças bósnio-croatas sob as câmeras atentas de diversos cinegrafistas internacionais. A destruição da histórica ponte de Mostar, por tropas bósnio-croatas, simbolizou as dificuldades que a paz encontrava para se estabelecer na região (SEVERO, 2011, p. 142).

Se até aquele momento grande parte dos esforços norte-americanos em tratar a guerra na Bósnia-Herzegovina estava limitada nos âmbitos da ONU e da OTAN, a situação começou a mudar no início de 1994, quando o Acordo de Washington decretou o fim das hostilidades entre bosniaks e bósnio-croatas e a criação de uma aliança contra os bósnio-sérvios. Em outubro daquele ano, os Estados Unidos, em ação unilateral, anunciaram o envio de uma missão militar a Sarajevo com o objetivo de treinar as novas forças combinadas muçulmano-croatas. Além disso, esperava-se que o Pentágono fornecesse até cinco bilhões de dólares em armas ao regime de Izetbegović. Em novembro, um acordo semelhante foi assinado com a Croácia. Finalmente, em dezembro foi estabelecido um cessar-fogo de quatro meses entre bósnios, croatas e sérvios.

Em março de 1995, contudo, tanto as forças bosniaks quanto as croatas já se encontravam significativamente fortalecidas em termos de equipamento e treinamento, e os combates recomeçaram. Mesmo sob forte pressão das tropas combinadas, os sérvios conseguiram capturar as Áreas de Segurança de Srebrenica<sup>47</sup> e Žepa apenas um mês após a retomada dos enfrentamentos. A resposta à ocupação veio através da intensificação dos bombardeios aéreos por parte da OTAN e pelo lançamento da Operação Tempestade (*Operation Storm*) pelos croatas. A Operação tinha como principal objetivo conquistar a capital da Krajina, Knin, e, conseqüentemente, livrar a Eslavônia Ocidental da presença sérvia. Em apenas três dias, duzentos mil croatas sobrepujaram os quarenta mil sérvios e quatrocentos blindados de combate alocados para defender a RSK (FINLAN, 2004, p.80). A vitória militar rapidamente alterou o contexto estratégico e político dos Balcãs, permitindo que os croatas e seus aliados bosniaks começassem a fazer incursões de sucesso em outras regiões de controle sérvio.

---

<sup>47</sup> Estima-se que cerca de sete mil homens tenham sido executados em Srebrenica, e o massacre entrou para a História como um dos mais cruéis da Guerra da Bósnia-Herzegovina.

No final de agosto, um ataque bósnio-sérvio ao Mercado de Markale<sup>48</sup>, em Sarajevo, foi o gatilho necessário para a deflagração da Operação Força Deliberada (*Operation Deliberate Force*), que finalmente quebrou o cerco à cidade através de vinte dias de bombardeamento intenso. A Operação envolveu cerca de quatrocentas aeronaves e cinco mil pessoas de quinze nações, e resultou na assinatura do Acordo de Dayton. Em Dayton, os bósnio-sérvios foram representados por Milošević, uma vez que Karadžić e Mladić estavam sendo acusados pelo TPII por crimes de guerra, os croatas por Tuđman e os muçulmanos por Izetbegović. O Acordo estabeleceu a independência da Bósnia-Herzegovina, que passou a ser formada pela Federação da Bósnia e Herzegovina (*Federacija Bosne i Hercegovine*) e pela República Sérvia (*Republika Srpska*). Além disso, estabeleceu também um corpo administrativo internacional e temporário, com vistas à organização do novo Estado. Finalmente, determinou a substituição da UNPROFOR pela Força de Implementação (*Implementation Force*, IFOR), uma força comandada pela OTAN para assegurar a validação do tratado.

Se na Bósnia-Herzegovina os Estados Unidos tiveram papel de destaque, endossando as operações militares, no Kosovo sua atuação não foi diferente. Não

---

<sup>48</sup> Os chamados Massacres de Markale ocorreram em dois momentos distintos. O primeiro se deu em 5 de fevereiro de 1994, custou a vida de sessenta e oito pessoas, e deixou cento e quarenta e quatro feridas. O segundo aconteceu em 28 de agosto de 1995, matando trinta e sete civis e ferindo outros noventa. O VRS foi responsável por ambos os bombardeios que tiveram como alvo o mercado de Markale, no centro de Sarajevo.

A autoria do primeiro Massacre foi, por algum tempo, questionada pela Comunidade Internacional, a partir do momento em que um relatório oficial da UNPROFOR atribuiu o disparo do projétil de morteiro de 120 milímetros que atingiu o mercado a forças bósnias. Em relatório posterior, a UNPROFOR admitiu que cometera erros ao calcular a trajetória do projétil no primeiro documento, e que desta sorte seria impossível determinar a origem do disparo (BURG & SHOUP, 1999). O fechamento do caso ocorreu somente em 2003, durante o julgamento do general sérvio Stanislav Galić pelo TPII. Na ocasião concluiu-se que, de fato, o disparo tinha sido realizado por tropas sérvias, e Galić foi condenado à prisão perpétua por crimes contra a humanidade.

O segundo Massacre ocorreu dezoito meses após o primeiro e envolveu o disparo de cinco projéteis. As autoridades sérvias negaram qualquer participação no ataque, acusando o próprio governo bósnio de realizar os lançamentos como forma de mobilizar a Comunidade Internacional a intervir em seu favor. De fato, o incidente foi responsável pela deflagração da Operação Força Deliberada (*Operation Deliberate Force*) por forças da OTAN. Determinar a autoria do segundo Massacre também foi motivo de polêmica junto a Comunidade Internacional. Apenas em 2007 Dragomir Milošević, ex-comandante do corpo de exército Sarajevo-Romanija do VRS, foi condenado perante o TPII como responsável pelo ataque.

apenas a política iugoslava de Milošević ia de encontro às ambições norte-americanas nos Balcãs; o conflito kosovar representava uma boa oportunidade para a OTAN afirmar de uma vez por todas o seu papel em um mundo onde o monstro comunista não era mais uma ameaça (HUDSON, 2003).

As tensões em Kosovo começaram já no início dos anos 1990, quando o país declarou sua independência sob o comando de Ibrahim Rugova<sup>49</sup>. Em que pese a existência de grupos de oposição à política de Rugova desde antes de sua eleição – muitos deles constituídos no exterior com apoio internacional – foi somente em 1995, com a assinatura do Acordo de Dayton, que se colocou em xeque o futuro de Kosovo. Isso porque o Acordo em nada beneficiou o país, que se viu esquecido pela Comunidade Internacional, já que esta reconhecera a soberania da Iugoslávia sobre seu território. Desta sorte, o suporte aos grupos de oposição, destacadamente o Exército de Libertação de Kosovo (*Ushtria Çlirimtare e Kosovës*, UÇK), atingiu níveis inéditos entre a população. Ainda assim, a maioria do povo continuava ao lado de Rugova.

O fator crucial para o fortalecimento do UÇK foi o maciço suporte internacional que recebeu, especialmente, dos Estados Unidos. O grupo era descrito por seus colaboradores como um exemplo da resistência do povo contra a opressão sérvia. Não obstante, em 1996 o UÇK deu início a uma série de atentados contra aqueles que não os apoiavam, fossem eles kosovares ou sérvios. A ação do UÇK gerou uma resposta militar ofensiva do governo da Iugoslávia, que passou a atacar os seus principais redutos. A contra-resposta dos Estados Unidos veio através de ameaças de bombardeio caso a Iugoslávia não retirasse suas tropas da região. Acatada a exigência norte-americana, no final de 1998, uma missão da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) foi convocada para fiscalizar a processo, o que, de certa forma, acalmou os ânimos na província autônoma.

Antes de resolver a questão, a intervenção da OSCE permitiu que o UÇK recuperasse o domínio das áreas até então ocupadas pelos sérvios. O Massacre de

---

<sup>49</sup> Ibrahim Rugova foi líder da Liga Democrática de Kosovo (*Lidhja Demokratike e Kosovës*, LDK), partido que defendia a independência pacífica da Província. Tornou-se presidente da autoproclamada República em 1989 e permaneceu no cargo ao longo dos anos 1990, apesar da oposição sérvia a seu regime. Com o início da Guerra, foi exilado em Roma, voltando ao país somente após o fim das hostilidades. Foi eleito Presidente de Kosovo em 2002 e 2005, vindo a falecer um ano após a reeleição vítima de câncer.

Račak, no qual civis teriam sido mortos por forças iugoslavas, foi então utilizado pelos Estados Unidos para dar início às negociações de Rambouillet. Entre 06 e 23 de fevereiro de 1999, delegações da Iugoslávia, da UE, dos Estados Unidos, da Rússia e do UÇK, em nome do governo exilado dos kosovares, reuniram-se para discutir a independência de Kosovo.

As negociações resultaram mais em uma espécie de ultimato norte-americano do que em um documento capaz de sanar a crise que outra vez assolava a Iugoslávia (HUDSON, 2003, p. 128). Dentre as muitas medidas propostas, o texto demandava o estabelecimento de um contingente de trinta mil homens da OTAN em Kosovo. Além disso, o chamado Anexo B determinava a livre circulação dessas forças em todo o território iugoslavo, bem como a sua imunidade a qualquer tipo de processo legal. Logicamente, a Iugoslávia não poderia aceitar esse tipo de demanda, uma vez que, de acordo com a sua interpretação, as mesmas caracterizar-se-iam como violação de sua própria soberania. Kosovo tampouco acataria o tratado, uma vez que o mesmo era incapaz de garantir a sua independência. Com a negação, o destino da Iugoslávia ficava mais uma vez selado nas mãos dos Estados Unidos.

A Operação Força Aliada (*Operation Allied Force*) teve início em 24 de março de 1999. Até a sua conclusão, a OTAN realizou trinta e sete mil incursões em território iugoslavo. A grande maioria ocorreu sob comando americano. Os bombardeios resultaram na destruição de treze blindados de combate e na morte de quatrocentos soldados sérvios. Algo entre quinhentos e cinco mil e setecentos civis também perderam as suas vidas e outras centenas de milhares foram deslocadas (FINLAN, 2004, p.87). Ao longo da Operação, a OTAN foi responsabilizada por uma série de negligências que incluíram o ataque a um trem de passageiros na Sérvia e o bombardeamento da embaixada chinesa em Belgrado<sup>50</sup>. Além disso, a OTAN foi ainda acusada de empregar armas de urânio empobrecido e bombas de fragmentação contra seus alvos, apesar da proibição da ONU em relação ao uso deste tipo de armamentos. Boa parte da infra-

---

<sup>50</sup> À época, o bombardeamento da embaixada foi severamente criticado não apenas pelo governo chinês – que acusou os Estados Unidos de planejar o ataque deliberadamente – mas também por grande parcela da imprensa internacional. Até hoje, o caso é cercado de controvérsia. Sabe-se, por exemplo, que o prédio servia como estação para a transmissão de informes do JNA. Não está claro, contudo, se o ataque foi de fato deliberado ou se ocorreu em consequência de um erro de cálculo (SWEENEY; HOLSOWE; & VULLIAMY, 1999).

estrutura econômica e social da Iugoslávia foi atingida pelos seus bombardeios humanitários – estradas, aeroportos, pontes, fábricas, refinarias, escolas e hospitais, para citar apenas alguns exemplos – causando danos de longo prazo à região. Em 10 de junho, após setenta e nove dias de bombardeios, a guerra chegou ao fim.

### 3. Análise Operacional<sup>51</sup>

O processo de dissolução da Iugoslávia foi marcado pelo envolvimento de um grande número de participantes nos conflitos. Se em geral a maioria das guerras é travada por apenas dois atores, um sem número de partes teve algum tipo de participação, direta ou indireta, no caso iugoslavo: bósnio-croatas, bósnio-muçulmanos, bósnio-sérvios, croatas, sérvio-croatas, kosovares, macedônios, montenegrinos, sérvios, eslovenos, a ONU e a OTAN. Somam-se a esses grupos outros atores de participação limitada ou não-oficial, como organizações não-governamentais, mercenários e bandidos. Aqui, trataremos apenas dos principais exércitos regulares e irregulares envolvidos nas três fases da guerra. O Quadro 1, em anexo, apresenta a ordem de batalha geral de todas as forças regulares envolvidas na Guerra.

#### A. Iugoslávia

Até o início da guerra, a força militar mais poderosa do país era o Exército Popular da Iugoslávia (*Jugoslovenska Narodna Armija*, JNA). Formado em 1951 pelas unidades paramilitares lideradas por Tito na Segunda Guerra Mundial, o JNA era uma organização regular, composta por forças terrestres, marinhas e aéreas. O braço terrestre do JNA era reforçado pelas Forças de Defesa Territorial (*Teritorijalna Odbrana*, TO). As TO eram forças paramilitares oficiais, de escopo local, compostas por voluntários e reservistas especializados na prática de guerra irregular.

O JNA estava presente em todo o território iugoslavo, e seus recrutas eram oriundos de todas as regiões do país. Conforme estipulado pela Constituição de 1974, a Força Terrestre (*Kopnena Vojska*, KoV) estava dividida em seis exércitos, alocados nas

---

<sup>51</sup> Os dados presentes nesta seção são, em sua maioria, oriundos dos trabalhos de FINLAN (2004), THOMAS & MIKULAN (2006a), e THOMAS & MIKULAN (2006b), e do sítio GLOBAL SECURITY ([www.globalsecurity.org](http://www.globalsecurity.org)). Dados adicionais foram retirados de CIA (2002) e SEBETOWSKY (2002). Vale ressaltar que os dados são conflitantes em todas as fontes. Além disso, nem todas as partes do conflito disponibilizaram suas respectivas ordens de batalha. Assim sendo, nem todas as unidades de cada parte foram corretamente identificadas até hoje.

cinco Repúblicas administrativas: 1º Exército, aquartelado em Belgrado, responsável pelo norte da Sérvia e Vojvodina; 2º Exército, aquartelado em Nis, responsável pelo sul da Sérvia e Kosovo; 3º Exército, aquartelado em Skopje, responsável pela Macedônia; 5º Exército, aquartelado em Zagreb, responsável pela Croácia; 7º Exército, aquartelado em Sarajevo, responsável pela Bósnia-Herzegovina; 9º Exército, aquartelado em Ljubljana, mais o 2º Corpo de Exército, aquartelado em Titograd, ambos responsáveis por Montenegro. Em 1988, os distritos militares foram reformados e as Forças Terrestres passaram a adotar a seguinte ordem de batalha:

*1º Distrito Militar (Belgrado) – Teatro Norte:* norte da Sérvia, noroeste da Croácia (Eslavônia), Bósnia-Herzegovina e Vojvodina. O 1º Distrito Militar contava com 90 mil homens no Comando de Defesa de Belgrado, seis corpos de exército (4 [Sarajevo], 5 [Banja Luka], 12 [Novi Sad], 17 [Tuzla], 24 [Kragujevac] e 37 [Užice]), a TO da Bósnia-Herzegovina, e partes das TO da Croácia e da Sérvia.

*3º Distrito Militar (Skopje) – Teatro Sudeste:* sul da Sérvia, Kosovo, Montenegro (continental) e Macedônia. O 3º Distrito Militar contava com sessenta mil homens, cinco corpos de exército (2 [Titograd], 21 [Nis], 41 [Bitola], 42 [Kumanovo] e 52 [Pristina]), a TO da Macedônia, e partes das TO da Sérvia e de Montenegro.

*5º Distrito Militar (Zagreb) – Teatro Noroeste:* Eslovênia e oeste da Croácia. O 5º Distrito Militar contava com noventa mil homens em cinco corpos de exército (10 [Zagreb], 13 [Rijeka], 14 [Ljubljana], 31 [Maribor] e 32 [Varaždin]), a TO da Eslovênia e partes da TO da Croácia.

*Distrito Militar Naval (Split):* sudeste da Croácia (Dalmácia), Croácia e o litoral de Montenegro. O Distrito Militar Naval controlava a Marinha Iugoslava e sua Infantaria Anfíbia: vinte mil homens em um corpo de exército (9 [Knin]), mais partes das TO da Croácia e de Montenegro.

Nos anos 1990, o Exército era praticamente auto-suficiente em termos de produção de equipamento, fabricando desde rifles até foguetes táticos. O JNA contava com cerca de cento e oitenta mil homens na ativa, podendo dobrar esse número através das forças de reserva. O Exército possuía algo em torno de dois mil blindados, incluindo trezentos tanques M-84, a versão iugoslava do soviético T-72. Os demais tanques na ativa eram dos tipos T-54 e T-55. Uma quantidade significativa de blindados também poderia ser mobilizada, se necessário, a partir da reserva: quatrocentos T-34 e trezentos M-4 Sherman, remanescentes da Segunda Guerra Mundial. Além disso, o JNA possuía também algumas centenas de blindados de transporte (APCs) variando entre os modelos

BTR-40, BTR-50 e BRDM-2. Suas unidades de artilharia incluíam dois mil canhões de campanha e obus, seis mil morteiros (82 milímetros e 120 milímetros), foguetes (Frog-7), rifles (57 milímetros e 105 milímetros) e foguetes anti-tanque (AT-3 Sagger e AT-4 Spigot) e três mil armas de defesa anti-aéreo.

Ainda que grande parte da Força Aérea Iugoslava (*Jugoslovensko Ratno Vazduhoplovstvo*, RV) fosse composta de antigos MiG-21 Fishbed, Orao 2, Jastreb 2, G-2 Galeb e G-4 Super Galeb, o JNA contava também com alguns MiG-29 Fulcrum, capazes de ameaçar até mesmo as forças da OTAN. Todos esses aviões podiam ser equipados com metralhadoras, canhões e bombas leves. Dentre as aeronaves de asa rotatória, destacavam-se uma centena de helicópteros de transporte Mi-8 Hip, alguns helicópteros de ataque do tipo Gazelle e alguns helicópteros anti-submarino dos tipos KA-25 e KA-28. No total, a Força Aérea possuía cerca de oitocentas aeronaves, sendo trezentos e sessenta de combate, divididas entre três corpos aéreos (1, 3 e 5), alocados nos Distritos Militares de numeração correspondente. O país contava, para sua defesa anti-aérea, com diferentes baterias de mísseis, móveis e fixos, incluindo AS-2 Guideline, SA-3 Goa, AS-6 Gainful, AS-7 Grail (Strela 2) e AS-11 Gadfly. Os mísseis estavam vinculados a radares de alerta e de defesa aérea espalhados por todo o país.

Por sua vez, a Marinha Iugoslava (*Ratna Mornarica*, RM) possuía fragatas das classes Kotor e Koni, navios lança-mísseis das classes Osa e Koncar, e submarinos das classes Heroj e Sava, além de embarcações de menor porte, como navios-patrolha e navios varredores. Dos cerca de dez mil homens que compunham o quadro de pessoal da Marinha, incluindo oficiais, seis mil e oitocentos serviam na Frota do Adriático e na Flotilha Continental, dois mil e trezentos nas baterias de artilharia costeira, e novecentos na Brigada Anfíbia de Infantaria Leve.

Finalmente, as TO possuíam cerca de um milhão e meio de homens, alocados em divisões e subordinados, a partir de 1988, aos quatro Distritos Militares. Essencialmente, cada divisão era composta por pequenas unidades de infantaria responsáveis pela defesa de locais de interesse estratégico e tático, como fábricas e pontes.

Ao final de 1991, o JNA foi novamente reorganizado tendo em vista a evacuação da Eslovênia e o cessar-fogo que seria assinado com a Croácia dali a um ano. O 5º Distrito Militar e o Distrito Militar Naval foram dissolvidos, e seus contingentes transferidos para a Bósnia-Herzegovina, Macedônia, Montenegro, e Sérvia. Quatro

novos Distritos foram estabelecidos, controlando dezesseis corpos de exército e grupos operacionais:

*1º Distrito Militar (Belgrado):* norte da Sérvia, nordeste da Bósnia-Herzegovina, e Vojvodina. Corpos de Exército: Mecanizado, Novi Sad, Tuzla, Kragujevac, Šabac, (ex-Maribor), e Užice.

*2º Distrito Militar (Sarajevo):* Bósnia-Herzegovina. Corpos de Exército: Banja Luka, Bihać (ex-Zagreb), Sarajevo (ex-Ljubljana e ex-Rijeka), Grupo Operacional Knin (ex-Knin).

*3º Distrito Militar (Skopje):* sul da Sérvia, Kosovo e Macedônia. Corpos de Exército: Nis, Bitola, Kumanovo e Pristina.

*4º Distrito Militar (Titograd):* sudeste da Bósnia-Herzegovina e Montenegro. Corpos de Exército: Titograd e Grupo Operacional Trebinje-Bileca (ex-Rijeka).

Após as independências da Macedônia e da Bósnia-Herzegovina, em setembro de 1991 e abril de 1992, respectivamente, o JNA passou a se chamar Exército da Iugoslávia (*Vojska Jugoslavije*, VJ). Em maio de 1992, o VJ evacuou a Bósnia-Herzegovina, deixando para trás oitenta mil tropas que formariam o Exército da República Srpske (*Vojska Republike Srpske*, VRS) e o Exército da Krajina Sérvia (*Srpska Vojska Krajine*, SVK). A Marinha foi alocada em Kotor, Montenegro, e a Força Aérea em Zemun, nas proximidades de Belgrado. O Exército foi então mais uma vez reformulado. Um corpo de exército de Forças Especiais foi criado, o corpo de exército de Kumanovo passou a se chamar Leskovac, e os corpos de Bitola e Šabac foram desmobilizados. Em maio de 1992, portanto, a ordem de batalha do VJ era assim constituída: 1º Exército na Vojvodina e norte da Sérvia; 2º Exército em Montenegro; 3º Exército em Kosovo e sul da Sérvia. Cada exército possuía tropas de Quartel General compostas por uma brigada de artilharia mista e entre um e quatro regimentos anti-aéreo da Força Aérea, com dois a sete corpos de exército, totalizando treze. As maiores formações eram os corpos de exército das Forças Especiais e Mecanizado, os corpos de Novi Sad, Kragujevac, Podgorica, Užice, Nis, Leskovac e Pristina; o Comando de Defesa de Belgrado; a Força Tarefa Timok; e as divisões Danube e Drina.

No início de 1999, o Exército contava com uma força de pouco mais de cem mil homens. As Forças Especiais totalizavam quatro brigadas – motorizada, blindada, pára-quedistas e especial –, e o corpo Mecanizado tinha cinco brigadas mecanizadas e de artilharia mista. Os corpos de exército do VJ eram muito maiores do que aqueles de seu antecessor, JNA, com cerca de sete brigadas: até duas blindadas, até duas mecanizadas e

mecanizadas leve, entre uma e três motorizadas e motorizadas leve, até duas de infantaria e infantaria leve, até uma de artilharia mista, até uma antitanque mista. Ao todo, havia setenta e sete brigadas: uma de pára-quedistas, uma especial, cinco blindadas, oito mecanizadas, vinte e três motorizadas, oito motorizadas leve, uma de infantaria, doze de infantaria leve, duas de montanha leve, dez de artilharia mista, uma mecanizada anti-tanque, e cinco mistas anti-tanque.

Uma brigada blindada tinha três batalhões blindados, com tanques M84 ou T-55, uma brigada mecanizada, entre um e dois batalhões blindados, entre um e três batalhões mecanizados, uma brigada motorizada, três batalhões de infantaria, e um batalhão blindado. Todos os três tipos de Brigada de Quartel General tinham um batalhão de artilharia, uma companhia de polícia militar, uma companhia de reconhecimento, uma bateria anti-aérea e unidades de apoio. Uma brigada de artilharia mista tinha quatro batalhões: artilharia de campo, obus, lançador de foguetes múltiplos, e apoio. A Brigada Especial 72 incluía duas companhias contra-terrorismo de elite: os Águias (*Sokolovi*) e os Najas (*Kobre*). Havia também regimentos independentes de engenharia e sinalização, batalhões de polícia militar, e batalhões de fronteira na divisa com a Albânia.

Outras forças iugoslavas incluíam aquelas comandadas pelo Ministério do Interior Sérvio (*Ministarstvo Unutrasnjh Poslova*, MUP) a partir de Belgrado. Estas compreendiam a Polícia Sérvia (*Milicija*, e, a partir de 1996, *Policije*); a Polícia Paramilitar Especial (*Posebne Jedinice Milicije*, PJM, a partir de 1997, *Policije*, PJP), com cinco mil homens distribuídos em seis brigadas [21 (Belgrado), 23 (Novi Sad), 24 (Pristina), 35 (Užice), 36 (Kragujevac) e 37 (Nis)] equipadas com morteiros, metralhadoras e APCs, mais oito mil reservistas; a Unidade Especial Contraterrorismo (*Specijalna Antiteroristickajedinica*, SAJ), com mil homens; e a Unidade de Operações Especiais (*Jedinica za Specijalne Operacije*, JSO) do Departamento de Segurança do Estado Sérvio (*Uprava Državne Bezbednosti*, SDB), que contava com cerca de quinhentas tropas de assalto divididas em pelotões de vinte e cinco a cinquenta homens.

## **B. Eslovênia**

Até o início de 1990, as Forças Armadas eslovenas compreendiam apenas a TO subordinada ao 5º Distrito Militar de Zagreb. A criação da Estrutura de Manobra para Proteção Nacional (*Manevrska Struktura Narodne Zaščite*, MSNZ), em agosto, fundiu a TO com a polícia local a fim de formar um exército de quinze mil homens ativos mais seis mil reservistas capaz de confrontar o JNA. Os conscritos começaram seu

treinamento no início de 1991 no Centro de Treinamento 510, em Ig, nos arredores de Ljubljana, e no Centro de Treinamento 710, em Pekre. No mesmo período, o MSNZ estabeleceu seu Quartel General Geral (RSTO) em Ljubljana. O Quartel General controlava sete Distritos Militares (PSTO): 2º PSTO (Baixa Carniola), cobrindo o sudeste; 3º PSTO (Alta Carniola), cobrindo o noroeste; 4º PSTO (Litoral Sul), cobrindo o sudoeste; 5º PSTO (Ljubljana), cobrindo o distrito de Ljubljana; 6º PSTO (Litoral Norte), cobrindo o oeste; 7º PSTO (Styria Oriental), cobrindo o nordeste; e 8º PSTO (Styria Ocidental), cobrindo o centro-oeste da Eslovênia.

O TO Esloveno era composto por quase dezesseis mil homens, alocados em doze brigadas móveis, das quais oito (21, 22, 25, 31, 32, 34, 42 e 72) foram identificadas, e dez destacamentos independentes. Naquele momento, o MSNZ planejava formar mais onze brigadas, sendo quatro vinculadas ao Quartel General e as outras sete alocadas nos Distritos Militares. Para tanto, mobilizou a reserva e chegou a dobrar o número de seus efetivos. Contudo, até o fim das hostilidades em julho de 1991, apenas duas novas brigadas haviam sido organizadas: a 1ª Brigada Especial do Ministério da Defesa (*Specialna Brigada MORiS*) e a 9ª Brigada Anti-Aéreo. Uma brigada estava dividida em batalhões, um batalhão em companhias, uma companhia em pelotões, e um pelotão em seções de cerca de dez homens cada. Um grupo correspondia a uma unidade independente do tamanho de uma seção. Brigadas e subunidades de batalhões lutavam independentemente, reportando-se a Subdistritos Militares. Dessa forma, havia sessenta destacamentos de infantaria, assalto ou serviços especiais do tamanho de batalhões ou companhias; cento e quarenta e duas companhias de infantaria ou serviços especiais; duzentos e quarenta pelotões de infantaria, serviços especiais, reconhecimento, morteiros, comandos, contra-terrorista, intervenção, anti-paraquedistas e logística; cinquenta e nove seções de infantaria ou técnicos, noventa e dois grupos anti-tanque e oitenta e cinco grupos de bloqueadores. As bases de cada Distrito Militar possuíam pelotões médico e de polícia militar. Também possuíam três baterias anti-aéreo e duas companhias de tanques formadas com veículos capturados. A Unidade Aérea era formada com catorze UTVA-75 Trainers, cinco Bell 412 e um helicóptero Gazelle SA-341H capturado. Não havia unidades navais.

As Forças Policiais (*Milica*) contavam com dez mil homens alocados em treze Distritos Policiais (Celje, Koper, Kranj, Krško, cidade de Ljubljana, distrito de Ljubljana, Maribor, Murska Sobota, Nova Gorica, Novo Mesto, Postojna, Slovenj Gradec e Trbovlje). A Unidade de Proteção Policial (*Zaščitna Enota Milice*) guardava

dignitários e prédios públicos, e a Unidade Especial de Polícia (*Specialna Enota Milice*) era uma força anti-terrorismo. As forças irregulares da Eslovênia incluíam a Força de Defesa do Povo (*Narodna Zaščite*), a Força de Defesa Civil (*Civilna Zaščite*), a Guarda Eslovena (*Slovenska Garda*) e os Guardiões (*Gardisti*), sendo as duas últimas vinculadas a partidos políticos. Essas milícias tiveram papel irrelevante na guerra.

### C. Croácia

A Croácia vivia uma situação militar difícil no início da década de 1990. A República contava apenas com a sua TO – largamente desarmada pelo JNA – e com a sua polícia. A fim de sanar esta condição, no ano seguinte, cerca de mil homens da força policial foram realocados e, juntamente com outros nove mil voluntários, passaram a compor a Guarda Nacional Croata (*Zbor Narodne Garde*, ZNG). O rearmamento das forças era articulado pelo então Ministro da Defesa, Martin Špegelj, que secretamente começou a comprar equipamentos do estrangeiro – inclusive dez mil fuzis AK-47, oriundos principalmente da Hungria. A grande maioria das unidades croatas era, naquele momento, formada por voluntários: quatro brigadas de ativos e quinze brigadas de reservistas. Paulatinamente, contudo, os efetivos da TO foram transferidos para o ZNG.

Com o início da guerra, o ZNG foi reorganizado, e suas dezenove brigadas passaram a compor uma força regular batizada de Exército Croata (*Hrvatska Vojska*, HV). O Exército operava através de seis Zonas de Operação (*Operativna Zona*, OZ), amparadas por forças marinhas e aéreas. Cada uma delas contava com até duas brigadas de ativos, entre cinco e dezesseis brigadas de reservistas, até onze batalhões independentes, e unidades de comando regional – um ou dois batalhões de artilharia, um ou dois batalhões anti-aéreo, um batalhão de engenharia e um batalhão de polícia militar. A 3ª OZ, baseada em Zagreb, a 1ª OZ, baseada em Osijek, e a 6ª OZ, baseada em Split, encontravam-se mais bem equipadas por defenderem regiões com forte presença sérvia, respectivamente, a capital, a Eslavônia Ocidental, e a Dalmácia.

Ao final de 1991, o Exército já contava com duzentos e trinta mil homens, alocados em sessenta brigadas. Dessas, quatro eram comandadas por militares de carreira e consideradas forças de ataque móvel: a 1ª Brigada de Ativos (*Tigrovi*, Tigres), a 2ª Brigada de Ativos (*Grom*, Trovão), a 3ª Brigada de Ativos (*Kune*, Martas), e a 4ª Brigada de Ativos (sem apelido). As demais eram compostas por conscritos, reservistas e voluntários. O número de homens em cada uma dessas unidades variava, de acordo

com as necessidades do campo de batalha, entre quinhentos e dois mil e quinhentos homens. Além das brigadas, foram formados também dezenove batalhões de infantaria independentes, oito batalhões de artilharia, onze unidades anti-aéreo, sete batalhões de engenharia, e sete batalhões de polícia militar.

Após o cessar-fogo com a Iugoslávia, assinado no início de 1992, outras doze brigadas foram formadas: duas na 1ª OZ, cinco na 3ª OZ, uma na 5ª OZ, e quatro na 6ª OZ. Além disso, o HV passou por uma importante reforma que incluiu não apenas a diminuição de seus efetivos – cerca cento e sessenta mil homens foram desmobilizados – mas também a reformulação de suas unidades. As quatro brigadas de ativos transformaram-se em brigadas de guarda motorizada, e a elas somaram-se outras três unidades: a 5ª Brigada de Guarda Motorizada (*Sokolovi*, Falcões), a 6ª Brigada de Guarda Motorizada (*Vukovi*, Lobos), e a 7ª Brigada de Guarda Motorizada (*Pume*, Pumas). Os dezenove batalhões de infantaria independentes foram desmembrados em cinco batalhões de guarda independentes. Além disso, foram criados regimentos de defesa nacional, compostos por três batalhões cada.

As seis Zonas de Operações passaram então a se chamar Distritos e a controlar até duas brigadas de guarda motorizada, entre duas e quinze brigadas motorizadas e regimentos de defesa nacional, até três batalhões de guarda independentes, e unidades de comando regional – até três batalhões de artilharia, até duas brigadas ou batalhões anti-tanque, até uma brigada anti-aéreo, até uma brigada ou batalhão de engenharia, uma companhia de sinalização e reconhecimento e um batalhão de polícia militar. O Distrito de Zagreb permaneceu com um efetivo maior do que os demais. O Exército contava, portanto, em meados de 1995, com quarenta e três regimentos de defesa nacional, trinta e quatro brigadas, dez batalhões de artilharia, dois batalhões anti-tanque, dois batalhões e uma brigada de engenharia, um regimento de sinalização, seis companhias, e seis batalhões e três companhias de polícia militar.

A Marinha Croata (*Hrvatska Ratna Mornarica*, HRM), que contava com apenas mil homens quando da sua fundação, em 1991, praticamente dobrou seu efetivo em quatro anos. Em 1995, era formada por mil oitocentos e cinquenta homens alocados em um batalhão com dois navios lança-mísseis, das classes Koncar e Osa, um navio torpedeiro e um navio varredor, em destacamentos de comando, logística, e submarinos, e em duas brigadas de águas internas. Já a Força Aérea Croata (*Hrvatsko Ratno Zrakoplovstvo i Protuzračna Obrana*, HRZ i PZO) era composta por oito esquadrões,

uma brigada de mísseis anti-aéreo, uma brigada de reconhecimento aéreo, uma brigada de sinalização, e companhias de polícia militar.

Antes de o conflito tomar forma, muitos partidos políticos croatas planejaram formar suas próprias milícias para resistir à ocupação do JNA. O único que obteve sucesso, contudo, foi o Partido Croata de Direitos (*Hrvatska Stranka Prava*, HSP), criador do grupo irregular denominado Força de Defesa Croata (*Hrvatske Obrambene Snage*, HOS). A HOS alegava ter em suas fileiras cerca de dez mil homens agrupados em batalhões e companhias – incluindo a Legião Negra (*Crna Legija*), de trezentos homens<sup>52</sup> – ainda que nas estimativas oficiais do governo esse número não ultrapassasse dois mil. A HOS foi, portanto, a única força paramilitar a atuar na Croácia durante a guerra, ficando famosa pela bravura de seus membros em Dubrovnik e Vukovar, mas também por seus crimes contra sérvios não-combatentes. Além da HOS, grupos temporários de autodefesa foram criados com certa regularidade em várias cidades, mas estes costumavam ser absorvidos pelo Exército ou pela polícia quando suficientemente organizados. Uma centena de estrangeiros, incluindo alemães, britânicos, canadenses, italianos, franceses e norte-americanos, também aderiu à causa croata e acabou voluntariamente envolvendo-se em combate.

As forças militares da República Croata de Herzeg-Bósnia foram formadas em abril de 1992 com o nome de Conselho de Defesa Croata (*Hrvatsko Vijeće Obrane*, HVO). O Conselho contava com cinquenta mil homens alocados em quatro Zonas de Operações (*Operativna Zona*, OZ): 1ª OZ, responsável pelo sudeste da Herzegovina, 2ª OZ, responsável pelo noroeste da Herzegovina, 3ª OZ, responsável pela Bósnia central, 4ª OZ, responsável por Posavina. O quartel general das forças estava localizado em Mostar. Havia, ainda, um quartel em Bihać, compartilhado com tropas bósnio-muçulmanas. Cada Zona de Operações controlava entre oito e catorze brigadas de infantaria, um batalhão de polícia militar, um batalhão leve de assalto de polícia militar, um regimento de elite, dois batalhões independentes de infantaria, um batalhão anti-aéreo leve, forças especiais, e unidades de artilharia. Cada uma das trinta e oito brigadas de infantaria possuía de três a quatro batalhões e serviços de apoio. Em novembro de

---

<sup>52</sup> Nomeada em homenagem à Legião Negra que lutou na Iugoslávia na Segunda Guerra Mundial. Na verdade, o próprio acrônimo HOS é idêntico ao utilizado pelas forças armadas do Estado Independente da Croácia, instaurado durante a ocupação alemã na Iugoslávia, as Forças Armadas Croatas (*Hrvatske Oružane Snage*).

1993, o Conselho foi reorganizado, e as quatro Zonas de Operações passaram a chamar-se, respectivamente, Distritos de Mostar, Tomislavgrad, Vitez, e Orašje. Quatro brigadas de guarda motorizada foram formadas, e vinte e nove brigadas foram reformadas como regimentos de defesa interna, com três batalhões de infantaria cada. Outras quatro brigadas foram dissolvidas e o elemento de polícia militar reduzido para apenas uma brigada leve de assalto em Mostar.

#### D. Sérvia

O poder militar da Sérvia provinha em grande parte do suporte velado dos oficiais do JNA à política de Milošević. Uma série de reformas levadas a cabo no JNA ao longo dos anos 1980 garantiu aos militares uma maior autonomia em relação ao poder central. Como consequência, redes de confiança regionais passaram a influenciar os processos de tomada de decisão da organização que, até aquele momento, tentava manter-se politicamente neutra. Em 1992, o JNA foi dividido no Exército da Iugoslávia (*Vojska Jugoslavije*, VJ) e no Exército da República Sérvia (*Vojska Republike Srpske*, VRS), na Bósnia-Herzegovina.<sup>53</sup> No mesmo ano, o Exército da Krajina Sérvia (*Srpska Vojska Krajine*, SVK) foi ativado na Croácia.

O SVK contava com algo entre trinta e cinco e quarenta mil homens, divididos em quatro corpos de exército na Krajina (7, 15, 21 e 39), um corpo de exército na Eslavônia Oriental (18) e um corpo de exército na Eslavônia Ocidental (11). Estes seis corpos de exército controlavam vinte e seis brigadas: uma blindada (2), duas motorizadas (75 e 92), duas de infantaria leve (18 e 103), vinte de infantaria (9, 11, 13, 19, 24, 26, 31, 32, 40, 45, 51, 54, 70, Knin, Korenica, Obrovac, Vrlika, mais outras três não identificadas), e uma de artilharia mista. Cada quartel possuía ainda uma companhia de polícia militar.

Após a perda da Eslavônia Ocidental, em maio de 1995, a ordem de batalha do SVK passou a contar com vinte e sete brigadas, sendo três motorizadas (9, 75 e 92), uma de infantaria leve (103) mais outra duas possivelmente também de infantaria leve (1 e 4), dezenove de infantaria (2, 3, 11, 13, 18, 19, 24, 26, 31, 33, 37, 39, 40, 43, 45, 50, 51, 54 e 98), mais outras duas possivelmente também de infantaria (35 e 70). Os

---

<sup>53</sup> Alguns historiados (FINLAN, 2004; THOMAS & MIKULAN, 2006a; THOMAS & MIKULAN, 2006b) sugeriram que essa reforma no JNA seria uma forma de tentar esconder a assistência direta prestada pelo JNA aos sérvios na Bósnia-Herzegovina e na Croácia.

Corpos de Forças Especiais eram então formados por quatro brigadas de elite: uma blindada (2), uma de guarda (2), uma especial (71) e uma de polícia especial.

Outras unidades sérvias incluíam algumas lanchas de patrulha estacionadas no Mar de Novigrad, uma lagoa a oeste de Zadar, uma brigada aérea, operando helicópteros e caças MiG-21, e uma brigada de artilharia anti-aérea. A Polícia Krajina (*Milicija Krajine*) era formada por quase trinta mil homens, entre ativos e reservistas, organizados em sete Secretarias (SUPS): Knin, Korenica, Petrinja, Vojnić, Okučani, Beli Manastir e Vukovar.

Entre 1990 e 1991, pelo menos cinco partidos políticos sérvios estiveram envolvidos na formação de grupos irregulares para dar suporte aos planos de Milošević. Estes grupos chegaram a totalizar cerca de doze mil homens, incluindo ex-oficiais do JNA, camponeses, e criminosos. Financiados e organizados pelo Departamento de Segurança de Estado Sérvio (*Uprava Državne Bezbednosti*, SDB), lutaram sob comando do JNA e ficaram famosos por perpetrar atos de violência brutal contra não-combatentes.

Destes grupos, o mais infame foi a Guarda de Voluntários Sérvia (*Srpska Dobrovoljačka Garda*, SDG), também conhecida como Tigres de Arkan (*Tigers*, *Arkanovci*, ou *Arkanovi Tigrovi*). Fundado em outubro de 1991 por Željko Ražnatović<sup>54</sup>, o Arkan, a SDG era o braço armado do partido Liga de Comunistas - Movimento pela Iugoslávia (*Savez Komunističke Jugoslavije*, SK-PJ).

De um grupo composto por criminosos, *gangsters* e *hooligans*, a um corpo militar quase formal, vinculado diretamente ao JNA, a composição dos efetivos do SDG, sua organização e métodos variaram muito ao longo das diferentes etapas do conflito. Em geral, associações paramilitares como o SDG beneficiavam-se muito da relação quase simbiótica que desenvolviam com o regime de Milošević e com o crime organizado na Sérvia. Em uma Iugoslávia cada vez mais caótica, essas organizações criminosas lutavam entre si pelos mercados do petróleo, cigarros, narcóticos, e outros itens cuja entrada no país encontrava-se sob embargo internacional da ONU (PARTOS, 2003). O controle desses mercados significava uma fonte importante de recursos para a estruturação das forças irregulares. Uma penetração cada vez maior do crime nos

---

<sup>54</sup> Mesmo antes de liderar seu grupo irregular, Željko Ražnatović já era um dos criminosos mais procurados da Europa. Mais sobre sua vida antes da Guerra e sobre seu envolvimento com os Tigres pode ser lido em STEWART (2008).

aparatos do Estado iugoslavo favorecia a atuação de homens como Ražnatović junto ao governo, ao mesmo tempo em que fortalecia a dependência do primeiro em relação aos serviços prestados pelos irregulares. As unidades paramilitares eram então reconhecidas pelo próprio Serviço de Segurança de Estado<sup>55</sup> como um instrumento importante na luta contra as populações não-sérvias. Os saques e pilhagens perpetrados pelos irregulares no *front*, por seu turno, alimentavam com novos recursos o crime organizado, concluindo assim o ciclo de retroalimentação. A formação da SDG vincula-se justamente à existência desse processo.

Oriunda da torcida organizada do *Red Star*, um clube de futebol de Belgrado, a SDG foi fundada com apenas vinte e seis membros. Inicialmente, o grupo objetivava ser um instrumento de proteção e defesa dos interesses sérvios por toda a Iugoslávia (ONU, 1997). Ainda que Arkan tenha alegado que as fileiras dos Tigres alcançariam os milhares durante o período em que esteve ativo, entre 1991 e 1995 e em 1999, estima-se que a capacidade operacional do grupo não tenha sido superior a quatrocentos homens em nenhum momento do conflito (HUMAN RIGHTS WATCH, 2010).

Os Tigres estavam baseados em um campo de treinamento em Erdut, uma cidade no leste da Croácia junto à fronteira com a Sérvia. No campo, os recrutas eram treinados no manejo de armas e explosivos, bem como em táticas de primeiros socorros e de sobrevivência. Além disso, os recrutas eram doutrinados na idéia de que na luta contra o inimigo, eles não tinham o direito de poupar mulheres, crianças ou velhos. Jovens soldados eram forçados a assistir e participar de torturas, estupros coletivos e assassinatos (SELLS, 1998). Os Tigres eram famosos por sua disciplina interna, e Arkan aparentemente implementou um banimento total ao álcool e a jogo. Infrações eram punidas severamente. Uma vez concluído o treinamento, os soldados eram enviados para diferentes locais, onde passariam a proteger as desprotegidas populações sérvias.

No segundo semestre de 1991, o SDG participou de ações militares sérvias em Vukovar e em seu entorno, no leste da Croácia, perto da fronteira sérvia, e ao sul de Erdut. Outras unidades paramilitares sérvias incluíam o Movimento Chetnik Sérvio (*Srpski Četnički Pokret*, SCP), batizado em homenagem ao exército de resistência da Segunda Guerra Mundial, e criado por Vojislav Šešelj, chefe do Partido Radical Sérvio

---

<sup>55</sup> O SDB foi, inclusive, acusado de elaborar redes de cooperação entre instituições governamentais, empresas e o crime organizado.

(*Srpska Radikalna Stranka*, SRS); os Águias Brancas (*Beli Orlovi*), liderados por Dragoslav Bokan, do Partido de Renovação do Povo Sérvio (*Srpska Narodna Obnova*, SNO); a Guarda Sérvia (*Srpska Garda*, SG), formada no Movimento de Renovação Sérvio (*Srpski Pokret Obnove*, SPO), partido comandado por Vuk Drašković. Unidades menores ainda foram criadas pelo Partido Democrático Sérvio (*Srpska Demokratska Stranka*, SDS) para atuar em ações específicas. Outros grupos irregulares incluíram os Falcões Sérvios (*Srpski Jastrebovi*), os Lobos Cinzentos (*Sivi Vukovi*), a Unidade Vukovar (*Vukovarci*), e os Vespas Amarelas (*Žute Ose*).

### **E. Bósnia-Herzegovina**

No início da década de 1990, a TO bósnia compreendia nove regiões divididas em doze distritos. Cada distrito possuía uma bateria de artilharia leve, uma companhia de engenharia de pontes, um batalhão anti-aéreo, e de duas a seis brigadas – com cerca de mil e oitocentos homens alocados em quatro companhias ou destacamentos do tamanho de batalhões. Naquele momento, a capacidade militar bósnio-muçulmana estava enfraquecida pela tentativa de Izetbegović de manter boas relações com o JNA; de fato, a TO era comandada por generais sérvio-bósnios filiados ao SDS. Desta forma, preocupado com a inclinação separatista do SDS, o general Sefer Halilović criou a Liga Patriótica (*Patriotska Liga*, PL) em 1991. O Liga Patriótica foi treinado em centros da Polícia Especial Croata e contava, em 1992, com noventa e oito mil tropas organizadas em nove regiões.

Com o início da guerra, Izetbegović ordenou a mobilização total das tropas e transformou o comando do TO em Sarajevo no quartel general da Força de Defesa Territorial da Bósnia-Herzegovina (*Teritorijalna Odbrana Republike Bosne i Hercegovine*, TORBiH). Sete dos nove quartéis regionais da TO juntaram-se ao TORBiH – Banja Luka e Doboj recusaram-se a aderir ao comando central. O coronel Hasan Efendić, um bósnio-muçulmano, tornou-se comandante do TORBiH. A Liga Patriótica foi incorporada ao TORBiH, que passou a contar com setenta e cinco mil homens, e a última foi reorganizada em quatro regiões (*Bihac*, Sarajevo, Tuzla e Zenica) e dois grupos táticos. A força militar bósnio-muçulmana era então composta por vinte e seis brigadas, uma unidade de forças especiais, alguns batalhões e destacamentos independentes, batalhões blindados e batalhões de artilharia mista. As tropas eram, contudo, mal organizadas e sub-equipadas. Uma brigada, por exemplo, que deveria contar com mil e quinhentos homens, geralmente não chegava a ter uma força real de

quinhentos. Finalmente, o TORBiH, a Liga Patriótica, e outras pequenas milícias uniram-se oficialmente para formar as Forças Armadas da República da Bósnia-Herzegovina (*Oruzane Snage Republike Bosne i Hercegovine*, OSRBiH). Com isso, o TORBiH passou a ser chamado Exército da República da Bósnia-Herzegovina (*Armija Republike Bosne i Hercegovine*, ABiH) e foi reorganizado progressivamente em sete corpos de exército: 1º Corpo de Exército (Sarajevo); 2º Corpo de Exército (Tuzla), responsável pelo norte da Bósnia; 3º Corpo de Exército (Zenica) e 4º Corpo de Exército (Mostar), responsáveis pela Herzegovina; 5º Corpo de Exército (Bihać), responsável pelo noroeste da Bósnia; 6º Corpo de Exército (Konjic), responsável também pelo norte da Bósnia; 7º Corpo de Exército (Travnik), responsável pelo sul da Bósnia. Cada corpo de exército controlava brigadas – leves, infantaria, montanha, motorizadas – batalhões independentes e companhias. Os 1º, 2º, 3º, 4º e 7º Corpos de Exército controlavam ainda grupos operacionais específicos. Entre 1992 e 1994, cento e cinco brigadas foram formadas ou reformadas. Algumas delas, as chamadas brigadas muçulmanas (*muslimanska oslobodilacka brigada*) eram compostas inclusive por *mujahidin*<sup>56</sup> oriundos de países como Afeganistão, Albânia, Arábia Saudita, Chechênia, Egito, Iêmen, Irã, Jordânia, Líbano, Paquistão, Sudão, e Turquia.

A guerra civil entre bosniaks e bósnio-croatas opôs as forças do Exército da República da Bósnia-Herzegovina e do Conselho de Defesa Croata, que até então cooperavam contra os sérvios. Somente a assinatura do Acordo de Washington, em março de 1994, restaurou a normalidade nas relações entre os dois lados. No início de 1995, o Exército já contava com algo entre cento e cinquenta e duzentos mil homens, e foi, então, reformado. Os grupos operacionais transformaram-se em divisões com três a seis brigadas cada. Ainda que a nova organização tenha elevado os níveis de efetividade das tropas, o embargo de armas estabelecido pela ONU as deixava em uma situação crítica no que se referia a equipamentos. O Exército contava com apenas quarenta blindados de combate, trinta blindados de transporte, e armas leves para apenas cinquenta mil homens. Após Dayton, o Exército fundiu-se com o Conselho de Defesa

---

<sup>56</sup> A palavra é freqüentemente traduzida como “guerreiro santo” e tem sido utilizada pela mídia para denominar aqueles combatentes armados que lutam a favor do fundamentalismo islâmico. O termo, entretanto, nem sempre tem significado religioso, podendo designar também aquele que combate pela pátria, por seu povo, por seu Estado, por sua família ou pelo bem da coletividade, com um sentido laico e nacionalista.

Croata, tornando-se o Exército Federal Bósnio (*Vojska Federacije Bosne i Hercegovine*).

## F. Kosovo

O Exército de Libertação de Kosovo (*Ushtria Çlirimtare e Kosovës*, UÇK) foi criado na Macedônia em 1992 por nacionalistas albaneses, mas logo se transferiu para Kosovo a fim de preencher o vácuo de poder criado pela política pacifista de Rugova. O Exército deu início as suas operações em 1996, quando assumiu a responsabilidade por ataques a estações de polícia sérvias. Entre 1998 e 1999, suas forças passaram de cerca de quinhentos para vinte mil homens, incluindo ativistas kosovares, emigrantes suíços e alemães, ex-combatentes do JNA, e ex-combatentes da força armada rival, as Forças Armadas da República de Kosovo (*Forcat e Armatosura të Republikës së Kosovës*, FARK).<sup>57</sup> Há indícios de que o UÇK tenha recebido treinamento de agentes da Agência Central de Inteligência (*Central Intelligence Agency*, CIA) norte-americana e do Serviço Aéreo Especial (*Special Air Service*, SAS) inglês.

O UÇK não era uma organização militar unificada subordinada a um partido político ou a uma autoridade civil, mas uma força paramilitar. Estava dividido em seis Zonas de Operações (ZO), cada uma controlando entre uma e seis brigadas do tamanho de batalhões (111 a 117), das quais vinte e sete foram identificadas. Oficialmente, cada brigada possuía mil homens divididos em vinte companhias de cinquenta ou sessenta soldados; na prática muitas brigadas eram menores. O Exército também contava com o serviço de cinco unidades paramilitares islâmicas: os bósnio-herzegovinos Cisnes Negros (*Crni Labudovi*); a Brigada Atlântica, composta por forças mistas albano-americanas, num total de quatrocentos soldados; um grupo iraniano de cento e vinte homens estacionados na cidade de Donji Prekaz; um grupo bósnio-albanês liderado pelo egípcio Abu Ismail; e *mujahidin* do Afeganistão, Argélia, Arábia Saudita, Chechênia, Egito e Sudão.

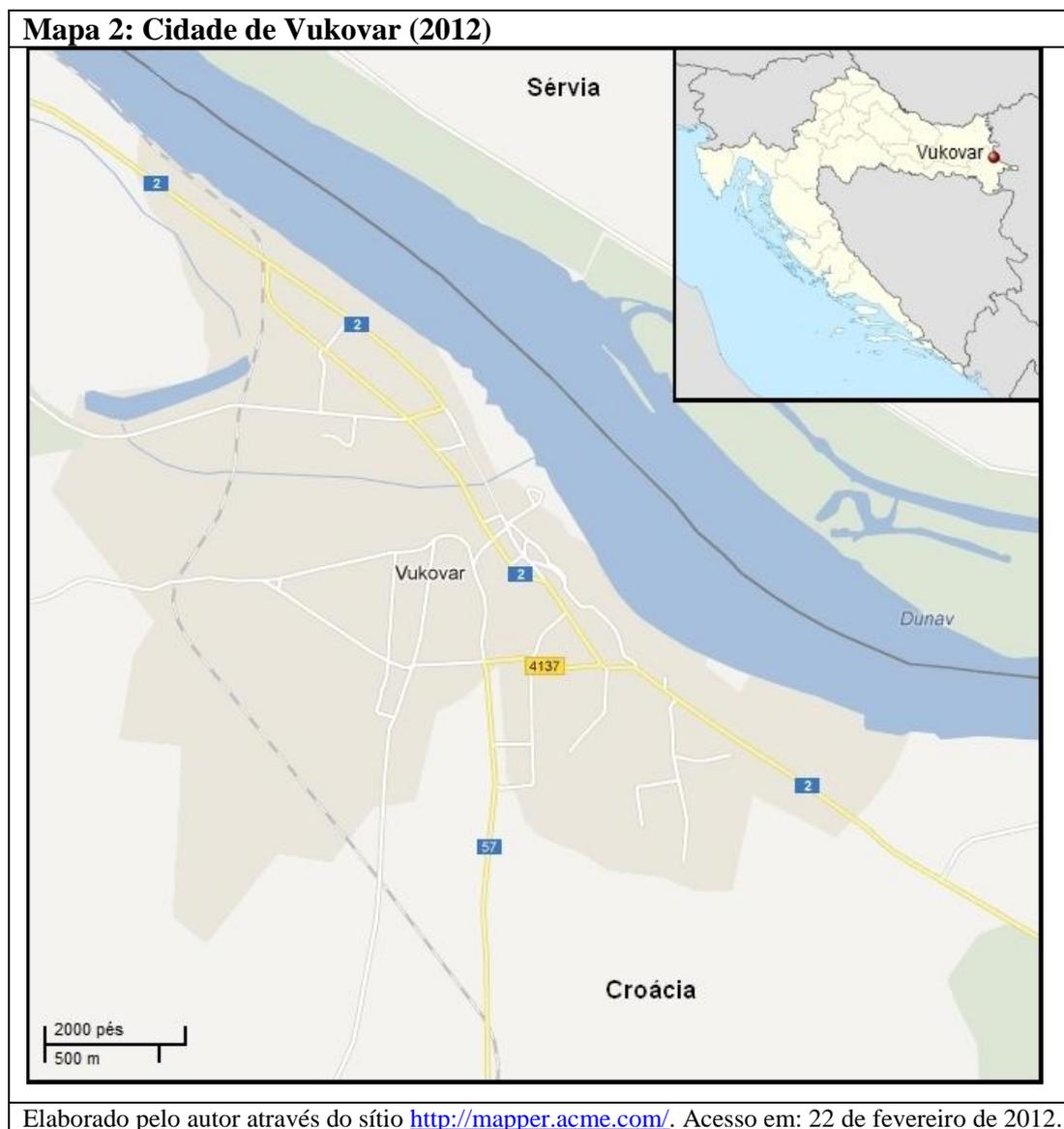
## 4. Análise Tática: A Batalha de Vukovar

Vukovar (Mapa 2) está localizada na fronteira leste da Croácia, na região conhecida como Eslavônia Oriental, às margens do Rio Danúbio. A cidade foi palco de

---

<sup>57</sup> As FARK eram um grupo irregular de apoio à política de Rugova. Possuía algo entre trezentos e três mil homens até o momento de sua dissolução, em junho de 1999.

uma das mais importantes e mais sangrentas batalhas do conflito que levou à independência da Croácia. Importante porque obrigou o comando do JNA a repensar a forma como conduziria suas operações dali para frente, e sangrenta porque deixou um enorme legado de destruição e morte na Europa do final do século XX.



A Batalha de Vukovar teve início entre maio e junho de 1991, mas as ofensivas para a tomada da cidade somente começaram em agosto. Até aquele momento, as forças do JNA avançaram no entorno do teatro de operações, capturando vilarejos próximos à cidade. A Primeira Fase da Operação Vukovar foi planejada para durar um único dia. Isso porque o comando do JNA acreditava que a cidade seria incapaz de impor qualquer tipo de resistência aos seus homens e que, portanto, seria capturada em até 24 horas. De fato, Vukovar carecia de grandes efetivos militares para dispor contra as forças do JNA.

Entre 24 e 27 de agosto – não há consenso na literatura quanto à data de início dos bombardeios – a cidade sofreu intenso fogo de artilharia. Aos ataques de artilharia seguiram incursões aéreas e de infantaria. Ao final dos primeiros dias da Operação, Vukovar perdera seu hospital e parte de sua estrutura de abastecimento de água. Além disso, cerca de trezentos homens ficaram feridos. Apesar das baixas, as tropas croatas foram capazes de infligir dano considerável ao JNA, abatendo dois de seus caças G-2 Galeb e dez de seus tanques. De alguma maneira, Vukovar resistira à pesada ofensiva inicial sérvia e ainda causara um forte baque na moral dos combatentes inimigos.

Em resposta aos ataques, as forças croatas em Vukovar foram reorganizadas com o objetivo de melhor defender o perímetro da cidade. Concomitantemente, civis organizavam-se para apoiar militarmente a resistência. A idéia do comando croata era estabelecer uma espécie de defesa ativa através do emprego racional de homens e armamentos em ofensivas curtas e constantes. A necessidade de manter tais operações em funcionamento de maneira ótima devia-se, naturalmente, ao fato dos escassos recursos humanos e materiais disponíveis para abastecer as forças da cidade. No início de setembro, forças croatas lançaram ataques a guarnições e depósitos de armas do JNA no entorno da cidade, mas foram facilmente repelidos. Como retaliação, paramilitares sérvios atacaram áreas a sudeste de Vukovar, causando a morte e forçando a fuga de milhares de civis.

O fracasso da Primeira Fase da Operação Vukovar obrigou o JNA a reformular seus planos. Assim, a Segunda Fase foi planejada para durar uma semana a partir do início de outubro. Nesse meio tempo, o JNA tratou de agrupar suas forças e passou a bombardear regularmente a cidade. O objetivo do fogo de barragem era minar a moral dos defensores de Vukovar e preparar o terreno para a tomada derradeira do lugar. No mesmo período, brigadas mecanizadas e blindadas foram mobilizadas e alocadas nos arredores da cidade. O número de blindados – entre APCs e tanques T-55 e M-84 – chegou à casa das seiscentas unidades. Em setembro, a cidade estava completamente cercada, e suas principais vias de acesso bloqueadas. Àquela altura do confronto, portanto, a abordagem operacional do JNA já era evidente: tratava-se de isolar a cidade de qualquer suporte que pudesse ser enviado de Zagreb para então, uma vez que a defesa estivesse desgastada pelas constantes incursões e cargas de artilharia, tomá-la através do emprego de unidades mistas de blindados e de infantaria. Uma vez que a defesa fosse quebrada, o objetivo do JNA seria alcançar sua antiga guarnição – tomada por croatas – para então operar a partir de lá. Ataques oriundos do interior de Vukovar

não apenas diminuiriam as baixas sérvias como também significariam um novo desafio para as forças locais.

Mais uma vez, contudo, a resistência croata far-se-ia notável em Vukovar. Penetrar a cidade com pelotões de blindados – cada um com algo em torno de vinte tanques e entre trinta e quarenta APCs – dispostos em colunas e seguidos por companhias de infantaria revelar-se-ia um erro tático que custaria ao JNA um sem número de homens e equipamentos. Isso porque o terreno no qual essas forças eram obrigadas a atuar naturalmente tornou-se um empecilho ao emprego pleno de sua capacidade combativa. O ambiente urbano restringia a dispersão das forças atacantes e favorecia a utilização de táticas assimétricas pelas forças defensoras.<sup>58</sup> Em outras palavras, a cidade tornara-se uma imensa arapuca para os tanques do JNA. Suas ruas eram por vezes demais estreitas para permitir a passagem dos blindados, e trincheiras foram cavadas nas avenidas mais largas a fim de barrar o seu avanço. Os prédios destruídos ofereciam a camuflagem necessária para a atuação dos *snipers* croatas, bem como eficientes canais de escape, manobra e comunicação para as tropas. Mesmo os dutos de esgoto serviam como vias de deslocamento de homens. Os bueiros, por sua vez, eram usados para emboscar e destruir tanques a partir de seu ponto de maior vulnerabilidade, a saber, as lagartas.

Além da complexidade inerente ao teatro de operações, o despreparo dos soldados do JNA para o combate urbano também contribuiu para que a penetração na cidade fosse desastrosa. As tropas avançavam frontalmente e, em geral, eram incapazes de manter as posições conquistadas. Ademais, permaneciam engajadas até que o número de baixas se tornasse insustentável para a continuidade da manobra. Somavam-se à inexperiência das tropas sérvias – seu conhecimento, meramente teórico mesmo entre os oficiais – deficiências nas cadeias de comando e controle e nos processos de tomada de decisão, geralmente lentos e reativos.

A fim de superar a defesa croata, a tática do JNA foi então alterada. Pequenos grupos de quatro ou cinco tanques passaram a percorrer as ruas em ziguezague,

---

<sup>58</sup> Ao perceber a aproximação de uma coluna, por exemplo, os defensores dividir-se-iam em dois grupos. O primeiro atuaria como um chamariz, disparando contra os blindados da cabeceira à distância, enquanto o segundo flanquearia a coluna. Interessante perceber, contudo, que os blindados por vezes eram apenas parcialmente destruídos. Isso permitia que os veículos fossem canibalizados pelas forças croatas, já que estas careciam de equipamentos.

destruindo as construções ao longo do caminho. Por vezes, estes avançavam diretamente sobre os escombros a fim de garantir o controle sobre o terreno. Os tanques eram cobertos por fumaça, e/ou gás, e/ou pelo fogo de APCs equipados com metralhadoras pesadas. A infantaria avançava através dos prédios em ruínas, buscando abrigo e ocupando as construções sempre que possível. A superioridade numérica e de equipamentos do JNA logicamente desempenhou um papel importante na batalha. Na medida em que as forças sérvias avançavam, tomando casa após casa, prédio após prédio, aos defensores croatas restava apenas a retirada. Frente ao avanço sérvio e a um número cada vez maior de baixas, os croatas optaram por manter a destruição dos blindados inimigos como objetivo principal. Novas táticas passaram então a ser empregadas com este fim. Minas eram plantadas sob os tanques durante a noite, por exemplo, causando explosões ao raiar do dia, no momento em que os blindados trocariam de posição. O efeito psicológico de tal artimanha era imenso: muitos tanquistas sérvios abandonavam seus veículos temendo por suas vidas e somente voltavam aos seus postos perante ameaças de seus superiores.

No início de novembro, contudo, estava claro que a resistência encontrava-se brutalmente enfraquecida pela falta de armamentos, munições e, especialmente, pelo elevado número de baixas que sofrera. Por mais que a defesa obtivesse sucesso, ela não conseguiria manter-se por muito mais tempo em uma cidade completamente destruída e tomada por um número elevadíssimo de inimigos. Vukovar finalmente se rendia, deixando para trás um saldo de cerca de trezentos blindados – dentre os quais cinquenta tanques T-34, T-55 e M-84 – e vinte e nove aeronaves sérvias destruídas. Além disso, algo entre cinco mil e catorze mil e quinhentos paramilitares e homens do JNA perderam duas vidas (SEBETOVSKY, 2002). Dos mil e oitocentos defensores de Vukovar, um terço conseguiu deixar a cidade, um terço foi morto e um terço capturado e enviado para campos de concentração na Sérvia.

## **5. Considerações Finais**

A Batalha de Vukovar revelou que, ainda que o JNA fosse reconhecidamente uma força militar moderna e bem equipada, o Exército possuía uma série de vulnerabilidades em diferentes setores críticos que dificultariam a condução de qualquer operação. Treinamento deficitário, baixa moral, cadeias de comando e controle

ineficientes, e linhas logísticas insuficientes são alguns dos fatores responsáveis pela vitória pírrica<sup>59</sup> da Sérvia. Contudo, a Batalha de Vukovar não é importante apenas por ter revelado ao mundo as fraquezas do JNA. Vukovar exemplifica o tipo de confronto que seria travada durante toda a Guerra da Iugoslávia. Sua maior relevância, contudo, está no fato de ter antecipado aquele que seria o ambiente operacional de grande parte das guerras do século XXI. *Que ambiente é este?*

Desde o início das operações norte-americanas no Iraque e no Afeganistão, a literatura acadêmica e militar tem trabalhado com a idéia de que as guerras passaram a ser essencialmente travadas não apenas por dois ou mais Estados, mas por uma extensa gama de atores não-Estatais. Os cenários de guerra atuais contam com uma participação cada vez maior de agentes não-tradicionais, tais como traficantes de drogas, protestantes, piratas, empresas civis e militares, e ambientalistas, para citar apenas alguns. A esses agentes somam-se outros de cunho mais tradicional, como terroristas, bandidos, mercenários e, claro, paramilitares. A antiga idéia segundo a qual as guerras aconteceriam essencialmente pelo choque de duas vontades opostas – um construto bilateral, portanto – não mais refletiria a realidade do pós-11 de setembro.

Da ação desses agentes, tradicionais e não-tradicionais, resulta um complexo “ecossistema” (IISS, 2005, p.413) de conflito. A complexidade deste ecossistema não se dá apenas pelo fato de ele envolver um grande número de agentes. Em realidade, sua complexidade é reforçada por fatores ligados ao terreno onde acontecem os engajamentos, já que este passou a ser: (a) fisicamente complexo, (b) humanamente complexo, e (c) informacionalmente complexo. Fisicamente complexo, pois não apenas limita a mobilidade e a vigilância das tropas, mas também favorece a ocorrência de combate corpo-a-corpo. Observou-se, no caso de Vukovar, a necessidade premente das forças iugoslavas entrarem em choque direto com a resistência croata, não obstante os bombardeios que castigaram o lugar, graças, em grande medida, à arquitetura da própria cidade. Observa-se, mais recentemente, uma propensão à ocorrência de guerras em ambientes preponderantemente urbanos. Se por um lado esta propensão está fortemente relacionada ao acelerado processo de urbanização vivenciado em escala global nas

---

<sup>59</sup> Vitória pírrica, ou vitória de Pirro, é uma expressão utilizada para caracterizar uma vitória obtida a um alto custo, capaz de gerar prejuízos irreparáveis. A expressão recebeu o nome do rei Pirro do Épiro, cujo exército havia sofrido perdas irreparáveis após derrotar os romanos na Batalha de Heracleia, em 280 a.C., e na Batalha de Ásculo, em 279 a.C., durante a Guerra Pírrica.

últimas décadas, por outro lado, a tendência está igualmente ligada às vantagens táticas e operacionais que a cidade oferece ao combatente irregular.

Uma destas vantagens é, justamente, o fato de a cidade fornecer ao insurreto um ambiente humanamente complexo para a realização de suas operações. As cidades abrigam, em geral, uma babilônia de populações. Estas populações, por sua vez, diferenciam-se por uma variada gama de aspectos culturais, religiosos, econômicos e sociais. Dada esta diversidade, torna-se tarefa ingrata diferenciar, em campo de batalha, combatentes de não-combatentes. A incapacidade de diferenciar combatentes de não-combatentes, em seu turno, eleva os custos morais da guerra, sobretudo para o contrainsurreto que, na maioria das vezes, tende a agir dentro dos limites assegurados pelos instrumentos internacionais de proteção humanitária. Em Vukovar, mas também no Iraque e no Afeganistão, as forças do JNA, no primeiro caso, e dos Estados Unidos, no segundo e terceiro casos, enfrentaram reveses ao lutar em meio a tantos agentes.

Finalmente, o derradeiro fator – não tão evidente na Batalha de Vukovar, mas verdadeiro se consideradas as operações da OTAN, e mesmo da ONU, no contexto mais amplo da Guerra da Iugoslávia – que diferencia o ambiente operacional da atualidade daquele visto em guerras passadas é o fato de o primeiro ser também informacionalmente complexo. Informacionalmente complexo, pois muitas fontes e cadeias de transmissão de dados e informação, em grande medida militares, mas também civis, coexistem em teatros operacionais comuns. Informacionalmente complexo também, dada a dependência tecnológica das tropas, dado o armamento por elas empregado, dado o tipo de operação.

Ainda que fosse possível argumentar que ambientes fisicamente e humanamente complexos foram identificados em guerras anteriores à Guerra da Iugoslávia, dificilmente poderia ser apontar um exemplo em que se fizesse presente também um ambiente informacionalmente complexo. Posto de maneira mais clara, dificilmente poderia se apontar um exemplo em que as três características se encontrassem em conjunto. É a combinação dos três fatores – e a notada compreensão dos combatentes de sua importância tática – que faz da Batalha de Vukovar e da Guerra da Iugoslávia o prenúncio das guerras do século XXI.

A cidade de Vukovar, frente ao ataque sérvio, nada mais foi do que a representação real deste tipo de ecossistema complexo. Um ambiente urbano, povoado por um sem número de agentes, militares, paramilitares e civis, onde fluxos de informação coexistiam simultaneamente. Em outras palavras, os três componentes,

interagindo e reforçando-se mutuamente, geraram como produto o ambiente altamente propenso à fricção (IISS, 2005, p. 414) que se viu em Vukovar. Ora, se todos os elementos que caracterizam a guerra irregular complexa já estavam presentes em Vukovar, e se outras batalhas da Guerra da Iugoslávia foram marcadas por um ambiente igualmente complexo, porque o fenômeno somente entrou em pauta tão recentemente? Existem, no mínimo, duas possíveis razões.

Primeiro, porque foi somente a partir de 2001 que os Estados Unidos passaram a ter de lidar diretamente com o problema. Até então, a guerra irregular complexa era vista como um conceito ultrapassado, sobretudo graças às transformações que a Revolução em Assuntos Militares (*Revolution in Military Affairs*, RMA) trouxe às forças armadas e ao pensamento castrense norte-americano. A RMA baseou-se na idéia de que os Estados Unidos, sendo potencia hegemônica virtualmente imbatível na guerra tradicional, deveriam investir na digitalização uma vez que seu domínio seria essencial para o sucesso operacional no século XXI.<sup>60</sup>

Dessa forma, o país passou por um processo de redução em seus efetivos sob a premissa de que unidades digitalizadas de tamanho mediano seriam suficientes para garantir o êxito militar. Na Guerra da Iugoslávia, mas também em outros momentos durante os anos 1990, como a Guerra do Golfo, as premissas da RMA foram reforçadas, ainda que erroneamente, graças ao sucesso dos bombardeios da OTAN. Erroneamente porque a intervenções aéreas só deram certo graças ao suporte terrestre fornecido pelas forças, regulares e irregulares, eslovenas, croatas, bósnio-muçulmanas, etc. Essas forças já estavam engajadas em combate muito antes do início das operações da OTAN. Absorveram, portanto, todo o atrito gerado pela guerra irregular e limparam terreno – literalmente, dado o elevado número de refugiados e mortos, mais toda a destruição física que anos de combate causaram – para que os bombardeios aéreos nada mais fossem do que um golpe de misericórdia sobre a já esfarelada Iugoslávia. Erroneamente também porque dentro de pouco tempo os combatentes irregulares passariam a fazer uso dos mesmos princípios de digitalização, limitados, logicamente, por suas próprias capacidades, que guiavam a forma de fazer a guerra dos Estados Unidos.

---

<sup>60</sup> Digitalização é o “processo pelo qual um determinado dado (imagem, som, texto) é convertido para o formato de dígito binário para ser processado por um computador. No plano militar, a digitalização diz respeito à confluência entre o radar, o infravermelho, o laser, e as microondas de alta potência” (MARTINS, 2008, p. 7).

Segundo, porque os aspectos humanitários do conflito desviaram a atenção da Academia, dos analistas militares, da mídia e da Comunidade Internacional das nuances operacionais e táticas das batalhas. No que pese o custo humano da Guerra da Iugoslávia – qualquer tipo de negação dos crimes cometidos durante o conflito seria um absurdo exercício de revisionismo histórico – e as idéias de paz democrática que tomaram a produção intelectual entre o fim dos anos 1980 e o início dos 1990, a verdade é que todos os agentes mencionados acabaram mesmerizados pela violência dos acontecimentos e pouco se prestaram a analisá-los sob outros prismas.

Além disso, o período foi fortemente marcado por discussões acerca do papel dos regimes internacionais e de instituições como a ONU e a OTAN. Nesse sentido, a *raison d'être* destes organismos foi posta em dúvida em diferentes momentos ao longo dos anos 1990, sobretudo devido ao resultado questionável de suas ações em circunstâncias de crise. Muito foi produzido, por exemplo, sobre a necessidade de reforma do Conselho de Segurança da ONU ou sobre os vieses legais da intervenção da OTAN na Iugoslávia.

Dessa sorte, se por um lado existe hoje uma vasta literatura sobre os aspectos políticos, humanitários, sociais, econômicos e jurídicos da Guerra, por outro lado, pouco se produziu sobre os militares. É bem verdade que a pesquisa militar esbarra em dificuldades importantes, tais como discrepâncias entre fontes, falta de informação oficial, e impedimentos lingüísticos, já que por ora a maior parte deste tipo produção se restringe a autores oriundos dos próprios Bálcãs. Entretanto, esses problemas não devem impedir que interessados passem a estudar mais a Guerra da Iugoslávia uma vez que, conforme se tentou demonstrar, sua compreensão é crucial para que se entenda também o ambiente operacional dos conflitos atuais.

## 6. Referências

- [1] ÁLVAREZ, Ana Muñiz. A Atuação da ONU no Conflito dos Bálcãs. **Revista Eletrônica de Direito Internacional**, v. 3, pp. 217-249, 2008.
- [2] BARNETT, Neil. **Tito (Life & Times)**. London: Haus Publishing, 2006.
- [3] BENNET, Christopher. **Yugoslavia's Bloody Collapse**. New York: NYU Press, 1997.
- [4] BOUGAREL, Xavier. Yugoslav Wars: The “Revenge of the Countryside” Between Sociological Reality and Nationalist Myth. **East European Quaterly**, v. 33, n. 2, pp. 157-175, 1999.
- [5] BURG, Steven & SHOUP, Paul. **The War in Bosnia-Herzegovina: Ethnic Conflict and International Intervention**. Armonk: M.E. Sharpe, 1999.
- [6] CIA. **Balkan Battlegrounds: A Military History of the Yugoslav Conflict, 1990-1995, Volume I**. Washington: Central Intelligence Agency, 2002.
- [7] CIGAR, Norman. The Serbo-Croatian War, 1991: Political and Military Dimensions. **The Journal of Strategic Studies**, v. 16, n.3, pp. 297-338, 1993.
- [8] FINLAN, Alastair. **The Collapse of Yugoslavia: 1991-1999**. London: Osprey Publishing, 2004.
- [9] GALULA, David. **Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice**. Westport: Praeger Security International, 2006.
- [10] GLOBAL SECURITY. Acesso em 22 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.globalsecurity.org>.
- [11] HUDELIST, Darko. **Tudman: Biografija**. Zagreb: Profil, 2004.
- [12] HUDSON, Kate. **Breaking the South Slav Dream: The Rise and Fall of Yugoslavia**. London: Pluto Press, 2003.
- [13] HUMAN RIGHTS WATCH. **World Report 2010**. New York: Human Rights Watch, 2010. Acesso em: 22 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.hrw.org/sites/default/files/reports/wr2010.pdf>.
- [14] IISS. Complex Irregular Warfare: The Face of Contemporary Conflict. In: **Military Balance 2005-2006**. London: International Institute for Strategic Studies, pp. 411-420, 2005.
- [15] JUDAH, Tim. **The Serbs: History, Myth and the Destruction of Yugoslavia**. London: Yale University Press, 1997.
- [16] MALCOLM, Noel. **Bosnia: A Short History**. New York: New York University Press, 1996.

- [17] MARTINS, José Miguel Quedi. **Digitalização e Guerra Local: Como Fatores do Equilíbrio Internacional**. 2008. Tese (Doutorado em Ciência Política). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS.
- [18] NATION, Craig. **War in the Balkans, 1991-2002**. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2003.
- [19] ONU. **Prosecutor of the Tribunal against Zeljko Raznjatovic, Also Known as “Arkan” (26 September 1997)**. Case Number: IT-97-27-I. Hague: International Criminal Tribunal for the Former Yugoslavia, 1997.
- [20] OTAN. **Allied Procedural Publication 6A (APP-6A) Military Symbols for Land Based Systems**. [s.l.]: 1999.
- [21] PARTOS, Gabriel. **Crime and Politics Meet in Serbia Trial**. BBC News, 22 de dezembro de 2003. Acesso em: 22 de fevereiro de 2011. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/3340021.stm>.
- [22] RAMET, Sabrina. **Thinking about Yugoslavia: Scholarly Debates about the Yugoslav Breakup and the Wars in Bosnia and Kosovo**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- [23] ROGEL, Carole. **The Breakup of Yugoslavia and the War in Bosnia**. Westport: Greenwood Publishing Group, 1998.
- [24] SEBETOVSKY, Mario. **The Battle of Vukovar: The Battle that Saved Croatia**. 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Militares). United States Marine Corps Command and Staff College, Marine Corps University, Quantico, Estados Unidos.
- [25] SELLS, Michael. **The Bridge Betrayed: Religion and Genocide in Bosnia**. Berkeley: University of California Press, 1998.
- [26] SEVERO, Marília Bortoluzzi. **Determinantes Sistêmicos na Criação e na Dissolução da Iugoslávia (1918-2002)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS.
- [27] STEWART, Christopher. **Hunting the Tiger: The Fast Life and Violent Death of the Balkans' Most Dangerous Man**. New York: Thomas Dunne Books, 2008.
- [28] SWAIN, Geoffrey. **Tito: A Biography**. London: I.B. Tauris, 2010.
- [29] SWEENEY, John; HOLSOE, Jens; & VULLIAMY, Ed. **NATO Bombed Chinese Deliberately**. The Guardian. 17 de outubro de 1999. Acesso em: 14 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/1999/oct/17/balkans>.

- [30] TANNER, Marcus. **Croatia: A Nation Forged in War**. London: Yale University Press, 2001.
- [31] THOMAS Nigel & MIKULAN, Krunoslav. **The Yugoslav Wars (1) Slovenia and Croatia 1991-1995**. London: Osprey Publishing, 2006a.
- [32] THOMAS Nigel & MIKULAN, Krunoslav. **The Yugoslav Wars (2) Bosnia, Kosovo and Macedonia 1992-2001**. London: Osprey Publishing, 2006b.
- [33] TOMASEVICH, Jozo. **The Chetniks: War and Revolution in Yugoslavia, 1941-1945**. Palo Alto: Stanford University Press, 1975.
- [34] VIZENTINI, Paulo Fagundes. **As Guerras Mundiais (1914-1945): O Desafio Germano-Japonês à Ordem Anglo-Americana**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003.
- [35] WEST, Richard. **Tito and the Rise and Fall of Yugoslavia**. New York: Basic Books, 1996.

## 7. Anexo

<b>Quadro 1: Unidades Militares da Guerra da Iugoslávia<sup>1</sup></b>					
<b>Símbolo</b>	<b>Português</b>	<b>Inglês</b>	<b>Servo-Croata   Croata   Bósnio</b>	<b>Efetivo</b>	<b>Subunidades</b>
XXXXXX	Teatro de Operações <sup>2</sup>	<i>General Staff / Main Staff</i>	<i>Generalstab</i> (JNA, ARBiH) <i>Glavni Stožer</i> (HV/HVO) <i>Glavnistab</i> (VRS, SKV)	250.000+	4+ Grupos de Exército
XXX	Corpo de Exército	<i>Corps</i>	<i>Korpus</i> (JNA, VJ, VRS, SVK, ARBiH) <i>Zbor</i> (HV/HVO)	30.000 – 80.000	2+ Divisões
XX	Divisão	<i>Division</i>	<i>Divizija</i>	10.000 – 20.000	2-4 Brigadas ou Regimentos
X	Brigada <sup>3</sup>	<i>Brigade</i>	<i>Brigada</i>	2.000 – 5.000	2+ Regimentos ou 3+ Batalhões
III	Regimento	<i>Regiment</i>	<i>Puk</i>	2.000 – 3.000	2+ Batalhões
II	Batalhão <sup>4</sup>	<i>Battalion</i>	<i>Bataljon</i> (JNA, VJ, VRS, SVK, ARBiH) <i>Bojna</i> (HV/HVO)	300 – 1.000	2-6 Companhias, Baterias ou Esquadrões
I	Companhia	<i>Company</i>	<i>Ceta</i> (JNA, VJ, VRS, SVK, ARBiH) <i>Satnija</i> (HV/HVO)	60 – 250	2 – 8 Pelotões
I	Bateria	<i>Artillery Battery</i>	<i>Baterija</i>	60 – 250	2 – 8 Pelotões
•••	Pelotão	<i>Platoon</i>	<i>Vod</i>	25 – 40	2+ Seções

<sup>1</sup> Elaborado de acordo com o documento da OTAN (1999). A tabela é apenas uma referência, visto que as forças armadas que lutaram na Guerra da Iugoslávia não necessariamente seguiam este tipo de organização.

<sup>2</sup> Corresponde à área onde se concentram as forças militares, as fortificações, e as trincheiras, e em que se travam as batalhas.

<sup>3</sup> Principais tipos de brigada: Blindada [*Armor* | *Oklopna Brigada* (okbr)]; Guarda [*Guards* | *Gardiska Brigada* (gbr)]; Infantaria [*Infantry* | *Pesadijska Brigada* (pbr)]; Infantaria Leve [*Light Infantry* | *Laka Pesadijska Brigada* (lpbr)]; Liberação [*Liberation* | *Oslobodilacka Brigada* (obr)]; Montanha [*Mountain* | *Brdska Brigada* (bbr)]; Motorizada [*Motorized* | *Motorizovona Brigada* (mtbr)]. Em cada tipo de brigada

há a predominância de unidades de manobra de uma determinada arma. As brigadas blindadas têm predominância de carros de combate, as mecanizadas predominância de cavalaria mecanizada, etc. Apesar da predominância de unidades de uma dada arma, as brigadas geralmente incluem também unidades ou subunidades de outras armas de manobra, de armas de apoio (como artilharia, engenharia e transmissões) e de serviços (como logística, manutenção de material e saúde).

<sup>4</sup>Equivalente a uma Bateria (de Artilharia ou de Artilharia Anti-Aérea) (*Artillery* ou *Air Defense Artillery Battalion* | *Divizion*).

**PARTE III**  
**PERSPECTIVAS PARA A PESQUISA**

Obviamente, muito mudou desde que Clausewitz escreveu *Da Guerra*. Não há dúvidas de que a guerra do século XIX não é a mesma guerra do século XXI. Mas a obra de Clausewitz permanece sendo o mais importante fundamento para o desenvolvimento de um programa científico de pesquisa sobre o fenômeno da guerra. Um dos objetivos deste trabalho foi demonstrar que a teoria esboçada em *Da Guerra* continua oferecendo um arcabouço conceitual atual para a compreensão da guerra, seja ela regular ou irregular. Apesar da discussão sobre a Estranha Trindade realizada na primeira parte do trabalho – importante, naturalmente, para a compreensão do pensamento clausewitziano –, a lição mais importante de Clausewitz continua a ser a percepção de que a guerra nada mais é do que uma manifestação política. O estudo da Guerra da Iugoslávia procurou deixar isto claro ao evidenciar não só os aspectos militares do conflito, mas também uma parcela dos objetivos políticos por trás da Guerra. Ao mesmo tempo, a análise do caso iugoslavo buscou aplicar os conceitos relativos à guerra irregular apresentados também na primeira parte do trabalho. Isto não significa, contudo, a pesquisa tenha se esgotado; pelo contrário.

A partir da leitura dos clássicos de Mao e Lawrence, por exemplo – mas também a partir da leitura de análises contemporâneas – o pesquisador interessado pela guerra irregular confrontar-se-á em algum momento com uma das mais importantes características de seu objeto de estudo e, muito provavelmente, questionar-se-á como estudar um fenômeno intrinsecamente mutável? Pois é precisamente esta a característica que faz da guerra irregular um objeto de estudo tão desafiador. Por mais que seja recorrente ao longo do tempo, a guerra irregular assumiu diferentes facetas, adaptando-se a períodos históricos, locais, sociedades, e objetivos políticos específicos.

Isto se torna evidente tendo em vista a quantidade de nomes que o fenômeno já recebeu: insurreição, guerrilha, conflito de baixa intensidade, guerra proxy, para citar apenas alguns. Mas não é somente a capacidade que a guerra irregular tem de se adaptar que a torna um objeto de estudo desafiador. Há muita confusão conceitual na literatura. A guerra irregular é um tipo de guerra ou um método de guerra? Qual a diferença entre terrorismo e banditismo? Muitas destas perguntas continuam sem uma única resposta. Por mais que o trabalho tenha tentado esclarecer algumas destas questões, o autor tem ciência dos limites de sua pesquisa e clareza de que ela está longe de ser concluída. Contudo, ainda que a falta de consenso em relação às respostas possa parecer um problema, é ao mesmo tempo um incentivo para que o fenômeno continue a ser estudado. Sobretudo se considerada verdadeira a afirmação de que a guerra irregular

tende a se tornar cada vez mais comum dadas as assimetrias de poder existentes nas sociedades contemporâneas.

Neste sentido, as perspectivas para a continuação da pesquisa brasileira sobre a guerra irregular são positivas. A própria obra de Clausewitz ainda é capaz de fornecer bases valiosas para que se pense o fenômeno na atualidade. Tanto o *Bekanntnisdenschrift* quanto o Capítulo XXVI de *Da Guerra* ainda não foram totalmente explorados pelos pensadores da guerra irregular. O mesmo vale para a Guerra da Iugoslávia. Vukovar foi apenas a primeira de uma série de batalhas que seguiram a lógica irregular durante o conflito. Reviveu, de alguma forma, o espírito guerrilheiro que acompanha os povos balcânicos desde tempos remotos e deu continuidade à tradição dos partisanos da Segunda Guerra Mundial. Por mais que seja uma representação perfeita do ambiente operacional da guerra irregular do século XXI, Vukovar não encerra o estudo em si. A Batalha de Mostar e o Cerco de Sarajevo, por exemplo, certamente também têm muito a contribuir para a compreensão fenômeno. Mesmo ação dos grupos paramilitares na Guerra ainda é estudada em meio a controvérsias e vieses. É difícil manter-se neutro perante as violações cometidas por estas organizações: os crimes humanitários perpetrados na Iugoslávia geram asco apenas comparável, talvez, ao genocídio da Segunda Guerra Mundial. Mas conhecer sua forma de recrutamento, organização e operação mais a fundo pode evitar que crimes semelhantes sejam cometidos no futuro.

## REFERÊNCIAS DAS TRÊS PARTES DO TRABALHO

- [1] **ÁLVAREZ, Ana Muñiz.** A Atuação da ONU no Conflito dos Bálcãs. **Revista Eletrônica de Direito Internacional**, v. 3, p. 217-249, 2008.
- [2] **ARON, Raymond.** **Pensar a Guerra, Clausewitz: A Era Européia.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.
- [3] **ARREGUÍN-TOFT, Ivan.** **How the Weak Win Wars: A Theory of Asymmetric Conflict.** New York: Cambridge University Press, 2005.
- [4] **ARRIGHI, Giovanni.** **Adam Smith em Pequim: Origens e Fundamentos do Século XXI.** São Paulo: Boitempo, 2008.
- [5] **ARRIGHI, Giovanni.** **O Longo Século XX: Dinheiro, Poder, e as Origens do Nosso Tempo.** Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.
- [6] **AYLWIN-FOSTER, Nigel.** Mudar o Exército para Operações de Contra Insurreição. **Military Review Edição Brasileira**, nov./dez. 2005.
- [7] **BANDEIRA, Luiz. Alberto Muniz.** **Formação do Império Americano: Da Guerra Contra a Espanha à Guerra no Iraque.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- [8] **BARNETT, Neil.** **Tito (Life & Times).** London: Haus Publishing, 2006.
- [9] **BARNETT, Roger.** **Asymmetrical Warfare: Today's Challenge to U.S. Military Power.** Dulles: Potomac Books, 2008.
- [10] **BENNET, Christopher.** **Yugoslavia's Bloody Collapse.** New York: NYU Press, 1997.
- [11] **BORNE, Thiago.** **Empresas Militares Privadas: Falta de Controle Estatal ou Gestão Eficiente do Atrito?** 2008. Monografia (Graduação em Relações Internacionais). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS.
- [12] **BOUGAREL, Xavier.** Yugoslav Wars: The "Revenge of the Countryside" Between Sociological Reality and Nationalist Myth. **East European Quaterly**, v. 33, n. 2, pp. 157-175, 1999.
- [13] **BURG, Steven & SHOUP, Paul.** **The War in Bosnia-Herzegovina: Ethnic Conflict and International Intervention.** Armonk: M.E. Sharpe, 1999.
- [14] **CAMPBELL, James.** **Making Riflemen from Mud: Restoring the Army's Culture of Irregular Warfare.** Carlisle: Strategic Studies Institute, 2007.
- [15] **CASTELLANO, Igor.** **Guerra e Construção do Estado na Rep. Democrática do Congo: A Definição Militar do Conflito como Pré-Condição para a Paz.** 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS.
- [16] **CEPIK, Marco.** Estrutura e Ação na Sociologia das Revoluções. **Anos 90**, n. 4, pp. 153-178, 1995.

- [17] CEPIK, Marco. Para uma Sociologia Histórica das Revoluções Modernas: Problemas Conceituais Recorrentes. **Teoria & Sociedade**, n. 3, pp. 129-162, 1999.
- [18] CIA. **Balkan Battlegrounds: A Military History of the Yugoslav Conflict, 1990-1995, Volume I**. Washington: Central Intelligence Agency, 2002.
- [19] CIGAR, Norman. The Serbo-Croatian War, 1991: Political and Military Dimensions. **The Journal of Strategic Studies**, v. 16, n. 3, pp. 297-338, 1993.
- [20] CLAUSEWITZ, Carl Von. **A Campanha de 1812 na Rússia**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- [21] CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- [22] CRETELLA NETO, José. **Terrorismo Internacional: Inimigo sem Rosto – Combatente Sem Pátria**. Campinas: Millennium Editora, 2008.
- [23] CREVELD, Martin Van. The Transformation of War Revisited. **Small Wars and Insurgencies**, v. 13, n. 2, pp. 03-15, 2002.
- [24] CREVELD, Martin Van. **The Transformation of War: The Most Radical Reinterpretation of Armed Conflict Since Clausewitz**. New York: Free Press, 1991.
- [25] DAASE, Christopher. Clausewitz and Small Wars. In: STRACHAN, Hew & HERBERG-ROTHE Andreas (eds.). **Clausewitz in the Twenty-First Century**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- [26] DINIZ, Eugenio. A Guerra Contra a Al-Qaeda: Avaliação e Perspectivas. In: HERZ, Mônica & AMARAL, Arthur. **Terrorismo e Relações Internacionais: Perspectivas e Desafios para o Século XXI**. Rio de Janeiro: PUC-RR; Edições Loyola, 2010. pp. 163-209.
- [27] DOBIAS, Peter. Self-Organized Criticality in Asymmetric Warfare. **Fractals**, v. 17, n. 1, pp. 91-97, 2009.
- [28] DUNNIGAN, James. **How to Make War: a Comprehensive Guide to Modern Warfare in the Twenty-First Century**. New York: Harper Collins, 2003.
- [29] ECHEVARRIA II, Antulio. **Clausewitz and Contemporary War**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- [30] ECHEVARRIA II, Antulio. **Fourth-Generation War and other Myths**. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2005.
- [31] ECHEVARRIA II, Antulio. **The Problem with Fourth-Generation Warfare**. Carlisle: Strategic Studies Institute, [2005?].
- [32] FERON, Bernard. **Iugoslávia: Origens de um Conflito**. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- [33] FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; & ZENHA, Celeste. **O Século XX – O Tempo das Dúvidas: Do Declínio das Utopias às Globalizações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- [34] FINLAN, Alastair. **The Collapse of Yugoslavia: 1991-1999**. London: Osprey Publishing, 2004.

- [35] FONSECA, Alberto Carlos de Mello. **As Operações Psicológicas no Quadro de Guerra Irregular**. Monografia (Curso de Comando e Estado-Maior do Exército). Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, RJ.
- [36] FRANÇA, Paulo Roberto Caminha de Castilhos. **A Guerra do Kosovo, a OTAN e o Conceito de “Intervenção Humanitária”**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.
- [37] FREIER, Nathan. **Strategic Competition and Resistance in the 21st Century: Irregular, Catastrophic, Traditional, and Hybrid Challenges in Context**. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2007.
- [38] GAT, Azar. **The Origins of Military Thought: From the Enlightenment to Clausewitz**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- [39] GAT, Azar. **War in Human Civilization**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- [40] GLOBAL SECURITY. Acesso em 22 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.globalsecurity.org>.
- [41] GANTZEL, Klaus Jürgen. Der Unerhörte Clausewitz: Zur Korrektur Gefährlicher Irrtümer - Eine Notwendige Polemik. **Universität Hamburg - IPW Arbeitspapier**, n. 5, 2001.
- [42] GRICE, Francis. **We’re Fighting a What Now? Hundreds of Words to Define “Insurgency”**. Kings of War, 11 de março de 2012. Acesso em: 11 de março de 2012. Disponível em: <http://kingsofwar.org.uk/2012/03/were-fighting-a-what-now/>.
- [43] GUEVARA, Ernesto. **A Guerra de Guerrilhas**. São Paulo: Edições Populares, 1982.
- [44] HAHLEWEG, Werner. Clausewitz and Guerilla Warfare. **Journal of Strategic Studies**, v. 9, n. 2-3, pp. 127-133, 1986.
- [45] HAMMES, Thomas. A Guerra de Quarta Geração Evolui, a Quinta Emerge. **Military Review Edição Brasileira**, set./out. 2007.
- [46] HEYDTE, Friedrich August Von der. **A Guerra Irregular Moderna: Em Políticas de Defesa e como Fenômeno Militar**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.
- [47] HOWARD, Michael. **Clausewitz**. Oxford: Oxford University Press, 1983.
- [48] HUDELIST, Darko. **Tudman: Biografija**. Zagreb: Profil, 2004.
- [49] HUDSON, Kate. **Breaking the South Slav Dream: The Rise and Fall of Yugoslavia**. London: Pluto Press, 2003.
- [50] HUMAN RIGHTS WATCH. **World Report 2010**. New York: Human Rights Watch, 2010. Acesso em: 22 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.hrw.org/sites/default/files/reports/wr2010.pdf>.
- [51] IISS. Complex Irregular Warfare: The Face of Contemporary Conflict. In: **Military Balance 2005-2006**. London: International Institute for Strategic Studies, pp. 411-420, 2005.

- [52] JACKSON, Brian. A Inteligência Contra os Isurretos em uma Guerra Prolongada: A Experiência Britânica na Irlanda do Norte. **Military Review Edição Brasileira**, jul./ago. 2007.
- [53] JUDAH, Tim. **The Serbs: History, Myth and the Destruction of Yugoslavia**. London: Yale University Press, 1997.
- [54] KALDOR, Mary. **New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era**. New York: Cambridge University Press, 1999.
- [55] KEEGAN, John. **A History of Warfare**. London: Hutchinson, 1993.
- [56] KEELEY, Lawrence. **War Before Civilization: The Myth of the Peaceful Savage**. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- [57] KINROSS, Stuart. Clausewitz and Low-Intensity Conflict. **Journal of Strategic Studies**, v. 27, n. 1, pp. 35-58, 2004.
- [58] LARSON, Eric; EATON, Derek; NICHIPORUK, Brian; & SZAYNA, Thomas. **Assessing Irregular Warfare: A Framework for Intelligence Analysis**. Santa Monica: RAND Corporation, 2008.
- [59] LAWRENCE, Thomas Edward. **Os Sete Pilares da Sabedoria**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- [60] LEVY, Antonio Marcos de Almeida Maciel. **Análise do Apoio Administrativo aos Elementos de Forças Especiais Desdobrados nas Áreas Operacionais da Guerra Irregular**. 1984. Monografia (Curso de Comando e Estado-Maior do Exército). Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, RJ.
- [61] LIND, William. Compreendendo a Guerra de Quarta Geração. **Military Review Edição Brasileira**, jan./fev. 2005.
- [62] LUTTWAK, Edward. Toward Post-Heroic Warfare. **Foreign Affairs**, v. 74, n. 3, pp. 109-122, 1995.
- [63] MACK, Andrew. Why Big Nations Lose Small Wars: The Politics of Asymmetric Conflict. **World Politics**, vol. 27, n. 2, pp. 175-200, 1975.
- [64] MALCOLM, Noel. **Bosnia: A Short History**. New York: New York University Press, 1996.
- [65] MAO, Zedong. Atenção às Condições de Vida das Massas e aos Métodos de Trabalho. In: MAO, Zedong. **Obras Escolhidas**, v. 1, pp. 140-145. Rio de Janeiro: Vitória Editorial, 1961a.
- [66] MAO, Zedong. Sobre a Guerra Prolongada. In: MAO, Zedong. **Obras Escolhidas**, v. 2, pp. 169-318. Rio de Janeiro: Vitória Editorial, 1961b.
- [67] MARIGHELLA, Carlos. **Manual do Guerrilheiro Urbano**. [s.l.]: [s.n.], 1969. Acesso em: 12 de março de 2012. Disponível em: [http://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/06/carlos\\_marighella\\_-\\_manual\\_do\\_guerrilheiro\\_urbano.pdf](http://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/06/carlos_marighella_-_manual_do_guerrilheiro_urbano.pdf).
- [68] MARTINS, José Miguel Quedi. **Digitalização e Guerra Local: Como Fatores do Equilíbrio Internacional**. 2008. Tese (Doutorado em Ciência Política). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em

- Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS.
- [69] McNEILLY, Mark. **Sun Tzu e a Arte da Guerra Moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- [70] METZ, Steven. A Wake for Clausewitz: Toward a Philosophy of 21st Century Warfare. **Parameters**, v.24, n.4, pp. 124-132, 1994.
- [71] NATION, Craig. **War in the Balkans, 1991-2002**. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2003.
- [72] NAVIA, Alfredo Bocanegra. **O Estado-Maior de um Batalhão em Operações Irregulares**. 2002. Monografia (Curso de Comando e Estado-Maior para Oficiais das Nações Amigas). Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, RJ.
- [73] NUMERIANO, Roberto. **O Que é Guerra?** São Paulo: Brasiliense, 1990.
- [74] ONU. **Prosecutor of the Tribunal against Zeljko Raznjatovic, Also Known as “Arkan” (26 September 1997)**. Case Number: IT-97-27-I. Hague: International Criminal Tribunal for the Former Yugoslavia, 1997.
- [75] OTAN. **Allied Procedural Publication 6A (APP-6A) Military Symbols for Land Based Systems**. [s.l.]: 1999.
- [76] PARET, Peter. **Clausewitz and the State: The Man, His Theories, and His Times**. Princeton: Princeton University Press, 1985.
- [77] PARET, Peter. **Understanding War: Essays on Clausewitz and the History of Military Power**. Princeton: Princeton University Press, 1992.
- [78] PARTOS, Gabriel. **Crime and Politics Meet in Serbia Trial**. BBC News, 22 de dezembro de 2003. Acesso em: 22 de fevereiro de 2011. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/3340021.stm>.
- [79] PÉREZ, Luis Alberto González. **A Importância do Emprego das Companhias de Assuntos Cíveis na Guerra Irregular**. 1999. Monografia (Curso de Altos Estudos Militares). Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, RJ.
- [80] PROENÇA JR, Domício; DINIZ, Eugenio; & RAZA, Salvador. **Guia de Estudos de Estratégia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- [81] RAMET, Sabrina. **Thinking about Yugoslavia: Scholarly Debates about the Yugoslav Breakup and the Wars in Bosnia and Kosovo**. New York: Cambridge University Press, 2005.
- [82] RODRIGUEZ, Júlio César Cossio. **Cooperação Securitária Transatlântica: As Relações Entre os Estados Unidos da América e a União Européia Após o 11 de Setembro de 2001**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS.
- [83] ROGEL, Carole. **The Breakup of Yugoslavia and the War in Bosnia**. Westport: Greenwood Publishing Group, 1998.

- [84] RUSINOW, Dennison. **The Yugoslav Experiment: 1948-1974**. Los Angeles: University of California Press, 1978.
- [85] RYAN, Mark; FINKELSTEIN, David; & McDEVITT, Michael. **Chinese Warfighting: The PLA Experience Since 1949**. Armonk: M.E. Sharpe, 2003.
- [86] SAURIN, Roberto Fantoni. **O Homem Brasileiro e sua Aptidão para a Guerra Irregular com Base num Ponto de Vista Histórico**. 1992. Monografia (Curso de Comando e Estado-Maior do Exército). Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, RJ.
- [87] SEBETOVSKY, Mario. **The Battle of Vukovar: The Battle that Saved Croatia**. 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Militares). United States Marine Corps Command and Staff College, Marine Corps University, Quantico, Estados Unidos.
- [88] SELLS, Michael. **The Bridge Betrayed: Religion and Genocide in Bosnia**. Berkley: University of California Press, 1998.
- [89] SEVERO, Marília Bortoluzzi. **Determinantes Sistêmicos na Criação e na Dissolução da Iugoslávia (1918-2002)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS.
- [90] SHY, John & COLLIER, Thomas. Revolutionary War. In: PARET, Peter (ed.). **Makers of Modern Strategy: From Machiavelli to the Nuclear Age**. Princeton: Princeton University Press, 2007.
- [91] SNOW, Donald. (1997). **Distant Thunder: Patterns of Conflict in the Developing World**. Armonk: M.E. Sharpe, 1997.
- [92] STEWART, Christopher. **Hunting the Tiger: The Fast Life and Violent Death of the Balkans' Most Dangerous Man**. New York: Thomas Dunne Books, 2008.
- [93] SUN TZU. **A Arte da Guerra**. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- [94] SWAIN, Geoffrey. **Tito: A Biography**. London: I.B. Tauris, 2010.
- [95] SWEENEY, John; HOLSOE, Jens; & VULLIAMY, Ed. **NATO Bombed Chinese Deliberately**. The Guardian. 17 de outubro de 1999. Acesso em: 14 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/world/1999/oct/17/balkans>.
- [96] TANNER, Marcus. **Croatia: A Nation Forged in War**. London: Yale University Press, 2001.
- [97] THOMAS Nigel & MIKULAN, Krunoslav. **The Yugoslav Wars (1) Slovenia and Croatia 1991-1995**. London: Osprey Publishing, 2006a.
- [98] THOMAS Nigel & MIKULAN, Krunoslav. **The Yugoslav Wars (2) Bosnia, Kosovo and Macedonia 1992-2001**. London: Osprey Publishing, 2006b.
- [99] THORNTON, Rod. **Asymmetric Warfare: Threat and Response in the Twenty-First Century**. Malden: Polity Press, 2007.
- [100] TITO, Josip Broz. **A Mensagem da Iugoslávia**. Rio de Janeiro: Paralelo, [1974?].

- [101] TOMASEVICH, Jozo. **The Chetniks: War and Revolution in Yugoslavia, 1941-1945**. Palo Alto: Stanford University Press, 1975.
- [102] USA. **Counterinsurgency (FM 3-24/MCWP 3-35.5)**. Washington: [s.n], 2009.
- [103] VERRASTRO, Pedro Arnaldo Amorim. **Emprego de Destacamentos Operacionais de Forças Especiais no Estabelecimento de Áreas Operacionais de Guerra Irregular**. 1993. Monografia (Curso de Comando e Estado-Maior do Exército). Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, RJ.
- [104] VILLACRES, Edward; BASSFORD, Christopher. Reclaiming the Clausewitzian Trinity. **Parameters**, vol. 25, pp. 09-19, 1995.
- [105] VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular Moderna: Terrorismo, Guerrilha e Movimentos de Resistência ao Longo da História**. São Paulo: Contexto, 2009.
- [106] VIZENTINI, Paulo Fagundes. **As Guerras Mundiais (1914-1945): O Desafio Germano-Japonês à Ordem Anglo-Americana**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003.
- [107] VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Da Guerra Fria à Crise (1945 a 1949): As Relações Internacionais Contemporâneas**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 1990.
- [108] WEST, Richard. **Tito and the Rise and Fall of Yugoslavia**. New York: Basic Books, 1996.
- [109] WOLF, Barry. **When the Weak Attack the Strong: Failures of Deterrence**. Santa Monica: RAND Corporation, 1991.